

O PARSIFAL DESVELADO

OS MISTÉRIOS DO SANTO GRAAL NA OBRA DE WAGNER

V.M. Samael Aun Weor

Introdução

Parsifal

Muito já se escreveu a respeito, porém é necessário nos aprofundarmos e revelar agora *O Parsifal*, a obra máxima de Wagner. Queiram os deuses nos ajudar!

Bem sabem as Musas que essa obra diamantina do grande mestre é algo à parte, excepcional na dramaturgia wagneriana. Nela, o verbo do mestre vai fluindo deliciosamente, como um rio sob a espessa selva ensolarada.

Poderia dizer-se do *Parsifal* o mesmo que Goethe dizia do seu segundo *Fausto*: “Acumulei nele grandes mistérios e árduos problemas, que as gerações futuras ocupar-se-ão em decifrá-los”. Confesso, em nome da Verdade, que não serei o primeiro, nem o último a ocupar-me do *Parsifal*. Porém, sou o primeiro a desnudar a verdade encerrada nos augustos mistérios do *Parsifal*.

Mário Roso de Luna, o insigne escritor teosófico, disse: “No *Parsifal*, o pensamento de Wagner parece intencionalmente velado. Quando conseguimos captar o sentido de determinadas alusões filosóficas é à custa de grande esforço adivinatório e concentração mental, pois, nessa obra, como num pesadelo, confundem-se elementos os mais diversos: altas questões filosóficas, lembranças bíblicas e orientais, misticismo, ortodoxia, vestígios do culto católico, rituais pagãos, necromancia, sonambulismo e hipnotismo, práticas de cavalaria medieval, êxtases, ascetismo, piedade, redenção, afinidades da natureza material com a alma humana, amor em sua acepção mais torpe, amor em seu sentido mais puro...”

Ressalta, com absoluta clareza, que Wagner foi um grande iniciado, um esoterista profundo, um autêntico iluminado. No *Parsifal* de Wagner existe ciência, filosofia, arte e religião. Tal um novo Doutor Fausto, esse grande músico parece haver esquadrinhado antiqüíssimas escrituras religiosas.

O que mais me assombra é a magia inata: de onde a tirou? Quem a ensinou? Em que escola aprendeu? Logo a seguir, vem o desenrolar do drama com um magismo tradicional, profundo... “Mistérios Maiores” que o vulgo não entende.

Penetrar nesse ocultismo arcaico, conhecer os mistérios crísticos, examinar o budismo esotérico contido neste evangelho wagneriano, é o que pretendemos neste livro.

Muitos falsos esoteristas irão escandalizar-se com as nossas revelações. Inúmeros equivocados sinceros, repletos de boas intenções, rasgarão indignados as suas vestimentas e falarão contra os gnósticos. É o que o *Parsifal* sempre provoca: acirradas discussões. É que os filhos das trevas se aborrecem com a luz.

Recordemos que o *Parsifal* foi apresentado nos melhores teatros da Europa, exatamente a 1º de janeiro de 1914, fato que nos convida à meditação.

Somente pelo estalar da Primeira Guerra Mundial e o simultâneo estrondo do *Parsifal* em todo o mundo culto, será memorável nos anais da humanidade o ano de 1914.

Se Wagner não houvesse proibido a encenação de sua *Magnus Opus* fora de Bayreuth, o mundo a teria conhecido antes. Entretanto, para o bem da Grande Obra do Pai, a vontade do imortal músico não pôde ser cumprida, porque sobre ela pesaram os tratados internacionais relativos à propriedade intelectual. Na Alemanha, a proteção legal das obras expira 30 anos após a morte de seu autor.

No dia 1º de janeiro de 1914 cumpriram-se os 30 anos. Conseqüentemente, a propriedade intelectual do *Parsifal* foi proscrita. Então o mundo pôde conhecer essa magistral obra.

1914, misterioso conúbio!

Parsifal e a Primeira Guerra Mundial. O evangelho wagneriano ressoa nos campos de batalha. É catastrófico, terrível, e resplandece glorioso entre a tempestade de todos os exclusivismos.

Capítulo I

Os cavaleiros do Santo Graal

Entremos em cena! Podemos situar o lugar onde se desenrola a ação nas infáveis montanhas do Setentrião, na Espanha Gótica. É justamente ali, e não em outra parte qualquer, que Wagner observava os domínios e o Castelo de Monsalvat, ocupado pelos sublimes cavaleiros templários, terríveis guardiães do Santo Graal.

Está escrito com caracteres de fogo, no grande livro da Natureza, a lei dos contrastes: “O limite da luz são as trevas”. A sombra de todo santuário de glória é sempre um antro tenebroso.

Na vertente meridional daquele monte, mirando-se para a Espanha Árabe, encontra-se também o castelo encantado do necromante Klingsor.

Diz o insigne escritor teosófico Mário Roso de Luna: “As vestes dos cavaleiros do Graal e de seus escudeiros são túnicas brancas, semelhantes às dos templários. Porém, em vez da vermelha Tau destes, ostentam uma pomba em vôo cernido nas armas e bordada nos mantos”.

A paisagem daquela cena, mais do que lúgubre, torna-a bastante severa e misteriosa.

O terreno austero, indispensavelmente rochoso, de acordo com as tradições iniciáticas, resplandece no centro com um espaço muito iluminado. Qualquer iniciado pode ver, à esquerda, o doloroso caminho que leva ao

castelo do Santo Graal. Ao fundo, inclina-se o terreno, deliciosamente, em direção ao lago sagrado da montanha.

A piscina sagrada, o iniciático lago da representação dos mistérios, o eterno cenário de todo templo, como ainda se pode ver nos atuais santuários hindustânicos, não poderia faltar nesses domínios do Santo Graal.

“Depois do sol e seu fogo, ou seja, as suas vibrações fecundas despertadoras da vida em todos os reinos do planeta, a água, o elemento feminino terrestre, a Grande Mãe ou Vaca nutridora é a base da vida, simbolizada em todas as teogonias com mil nomes lunares: Io, Maya, Ísis, Diana, Lucina, Ataecina, Calquihuitl e tantos outros”.

Todo mundo sabe que o fluidico elemento cristalino se apresenta neste nosso mundo sempre sob dois aspectos contrários: o estático e o dinâmico.

É bom lembrarmos o profundo e delicioso lago, sempre tranqüilo, e o tormentoso rio.

O estado de calma lacustre convida-nos à reflexão, pois a água nunca é mais ativa do que quando se mostra na tranqüila fonte.

Entrando nesse tema de meditação profunda advertimos, de imediato, que o legítimo conceito de “lago” pode e deve ser ampliado filosoficamente, de forma esotérica profunda.

Convém sabermos que de tais águas estáticas, espermáticas, genesíacas ou lacustres, vem o esplêndido e substancial hieróglifo do zero eterno.

É urgente compreendermos que das águas dinâmicas ou fecundadoras do tormentoso rio surge, como por encanto, a linha dupla de “Aquário”, inicial hieroglífica da letra “M”, com a qual se designa o eterno elemento feminino: Mãe, Mater, Mamá, Maria, Maya, Mar.

O arroio atravessando em linha reta, atrevidamente, o pacífico lago, vem formar o primitivo hieróglifo de IO, ou seja, o Santo IO, base de nosso sistema decimal. Isso faz-nos recordar os símbolos divinos de Shiva, o Espírito Santo que, noutras palavras, é o Lingan negro embutido no Yoni.

No evangelho cristão, nos momentos mais extraordinários da pregação do Grande Cabir Jesus, o mar e o lago representam um fato concreto de profunda significação, um papel misterioso, formidável.

O evangelho fala claramente que Jesus, ao iniciar sua missão, foi à Cafarnaum, cidade marítima da Galiléia, da qual o profeta Isaías havia dito sabiamente: “O povo que estava nas trevas viu uma grande luz, e luz nasceu a quantos em sombra de morte habitavam a terra” (Mateus, VI-16).

Seguindo pela beira do mar, do lago, Jesus escolheu como primeiros discípulos os pescadores Pedro e André, para fazê-los pescadores de homens.

Quando o Batista foi decapitado, o grande Cabir Jesus retirou-se num barco para um lugar deserto e afastado, isto é, a terra dos Jinas. Ali opera, com as famintas multidões, o assombroso milagre dos cinco pães e dos dois peixes, saciando a fome de aproximadamente cinco mil homens, sem contar mulheres e crianças. Além disso, ainda sobraram doze cestos cheios de pedaços (Ibid. XIV, 15-21).

Seria de admirar se nos domínios do castelo de Monsalvat faltasse o lago sagrado dos grandes mistérios arcaicos.

A água esotérica é, em si mesma, o “Ens Seminis” dos antigos alquimistas medievais, dentro do qual se encontra o “Ens Virtutis” do fogo.

CAPÍTULO II

O cálice sagrado
Entre o alegre cantar das aves raiou a aurora deliciosa cheia de róseos matizes.

O velho sábio Gurnemanz, acompanhado de dois jovens escudeiros, dorme profundamente sob a sombra encantadora de uma frondosa árvore.

Por todo o vetusto e ensolarado castelo do Graal, ressoa a solene e poderosa alvorada de trombetas que com os seus formidáveis sons saúdam vitoriosamente o grato amanhecer.

Ao ouvir o hino glorioso e triunfal, o ancião Gurnemanz e seus escudeiros ajoelham-se humildemente, cheios de infinita veneração e rezam devotamente.

A essa altura do presente capítulo convém recordarmos aquele formoso poema de Ramón Del Valle Inclán, intitulado:

“Rosas Astrais”

Eternos impérios, dourados sacrários!
Chaves do grande Todo, rezo em suas laudes!
Vontades serenas, solenes virtudes!
Entranhas do mundo. Ardentes ovários!
Acesos ritos de celestes lareiras!
Selados destinos do humano coro!
Sóis que as normas guardam do Tesouro,
Demiurgo; ocultas rosas estelares!
Arcano celeste, mistério gnóstico,
onde os enigmas elevam o Trismegisto.
Por querer ler-te Juliano abriu
em seu império o Cisma e fez-se anti-Cristo,
exegeta gnóstico do céu pagão,
viu no Cristo uma metamorfose solar.

Com passo majestoso chegam do Graal dois cavaleiros que em vanguarda vinham explorando cauteloso o áspero caminho a ser percorrido por Amfortas, o rei de tão preciosa jóia.

O grande sacerdote da sagrada chama sofre o indescritível desde aquele fatal dia em que para sua desgraça Klingsor, o mago negro, o ferira com sua sinistra lança.

O magnífico sucessor do rei Titurel vem mais cedo que de costume tomar seu banho na piscina sagrada do lago. O venerável senhor necessita, com suma urgência, aliviar-se das terríveis dores que o afligem.

Bem sabem os divinos e os humanos sobre Klingsor e suas nefastas e tenebrosas artes. O maldoso personagem das sombras não só arrebatou a lança sagrada das mãos de Amfortas, o rei do Graal, como o feriu nas costas.

Ah, se as pessoas entendessem tudo isso! Compreenderiam o profundo significado da lança! É claro que em tudo isso existe sexualidade pura, falismo transcendente, erotismo.

A lança gnóstica-esotérica do Graal e aquela outra, a dos pactos mágicos, ostentada por Wotan, representam, no fundo, a mesma coisa, isto é, o emblema da força sexual masculina, o Phalo.

Disse um grande sábio: “Até certo ponto, as tábuas da lei, onde Moisés escreveu, por ordem de Jehová, os preceitos do decálogo, constituem a dupla lança das runas, sobre cujo significado fálico não nos podemos deter. Porém, ao menos pode-se ver no segundo tomo de ‘Ísis sem Véu’.

“Está escrito em caracteres de fogo no grande livro da sabedoria cósmica o duplo uso da lança sagrada, aquela que feriu horivelmente o lado do senhor e que dessa incisão fluiu sangue e água, causando a ferida nas costas de Amfortas”.

Explicações... Paciência, querido leitor. Estamos expondo agora apenas os princípios. Nos próximos capítulos, iremos até o fundo.

Enigmas? Sim, e muitos... Tão graves como os do Santo Graal, o Yoni feminino, a taça, os órgãos sexuais da mulher...

São tantas as tradições do Santo Graal! Existe uma estrofe lírica nos velhos livros medievais que diz:

“Pai, pai de minha vida,
pela do Santo Graal
dai-me vossa licença
para o Conde ir buscá-la”.

Disseram-nos que o grande cálice esteve em poder de Abraão. Informaram-nos que Melquisedeque, o gênio da terra de Changan (como também é chamado), levou-o ao país de Semíramis, a terra fecunda de Canaã, época em que o nosso regente planetário começou algumas construções no bendito lugar onde mais tarde viria a ser a Jerusalém, a cidade querida dos profetas.

Antigas tradições que se perdem na noite dos séculos afirmam que Melquisedeque utilizou-o, liturgicamente, quando celebrou o sacrifício, oferecendo o pão e o vinho da transubstanciação na presença de Abraão e deixou-o com este patriarca.

Algumas lendas antiqüíssimas asseguram a presença deste vaso divino na Arca de Noé.

Afirmamos que essa veneranda relíquia foi levada ao Egito e que esteve em poder de Moisés. Ela é feita de uma matéria muito singular, compacta, como a de uma campânula, e não parece ter sido trabalhada como os metais. Assemelha-se mais ao produto de uma espécie vegetal.

A rainha de Sabá submeteu o rei Salomão a muitas provas antes de fazê-lo depositário de tão sublime relíquia.

O grande Cabir Jesus, o Cristo, teve-a em seu poder quando celebrou a última ceia e nele bebeu o vinho da Santa Eucaristia.

José de Arimatéia recolheu nesse cálice, ao pé da cruz, no Calvário, as purpurinas gotas de sangue emanadas das feridas do Adorável.

Dizem as tradições que o mencionado senador, inteligente e sábio como poucos, soube guardar em lugar secreto esse precioso tesouro. O preço de seu sagrado zelo foi muito alto, pois, ao negar-se a entregar à polícia romana o vaso sacrossanto e a lança de Longibus, foi aprisionado.

Muitos anos depois, já livre e transportando as Santas Relíquias, José de Arimatéia foi a Roma em busca dos cristãos. Porém, em face das perseguições ali existentes, continuou o seu caminho pelas regiões do Mediterrâneo.

Dizem as antigas escrituras que uma noite, em sonhos, foi visitado por um anjo que lhe disse: “Este vaso tem um poder magnético muito grande, pois nele está contido o sangue do redentor do mundo. Enterre-o ali”. Então, aquele ancião viu o Templo de Monserrat na Espanha, Catalunha.

José de Arimatéia concluiu sua terrível missão guardando no citado templo as arcaicas relíquias.

O que sucedeu após... os iniciados o sabem.

Hoje o castelo de Monsalvat, onde se encontra o templo, e parte da montanha do mesmo nome (Monserrat) entraram em estado de “jinas”, oculto para a vista dos profanos.

Inutilmente os cavaleiros das cruzadas buscaram na Terra Santa o Santo Graal. Como recordação desse afã conserva-se ainda, como lembrança, a taça de prata que se oferta aos campeões olímpicos.

CAPÍTULO III

Klingsor, o mago negro

No rincão exótico do vale acolhedor, muito próximo da terra sagrada dos maometanos, dizem as lendas que viveu Klingsor, o mago perverso, em terrível solidão.

Ignoro quais foram os seus pecados, disse o velho Titurel, porém ele ali quis ser penitente e santo. Equivocado, sincero e cheio de boas intenções, impotente para acabar com a luxúria, empunhou a espada assassina e castrou-se, mutilando-se de forma espantosa.

Conta o piedoso herói Titurel, que conhecera muito bem Klingsor e suas tenebrosas artes, que o infeliz penitente do mal estendeu suas ensangüentadas mãos suplicantes para o Graal, porém, é óbvio que foi rechaçado com indignação pelo guardião.

Sentir-se repudiado pelos cavaleiros do Santo Graal após ter-se mutilado com a finalidade de eliminar as paixões animais? Que horror, meu Deus!...

No furor de seu terrível e doloroso despeito, impossível de ser descrito com palavras, aquele eunuco das trevas buscou a vingança e encontrou-a.

Titurel, a voz do passado, diz que o tenebroso transformou aquele ermo de penitente frustrado, num jardim encantado de voluptuosos deleites sexuais e que nele viveram formosas mulheres, terrivelmente malignas.

Ali, em segredo, na mansão das delícias, diz o ancião rei Titurel, que o perverso mago aguarda os cavaleiros do Graal para arrastá-los, delicadamente, à luxúria e às penas infernais.

Aquele que se deixa seduzir torna-se sua vítima, disse o velho monarca, e a muitos de nós conseguiu levar ao caminho da perdição.

Ao chegarmos a esta altura do presente capítulo, vem-me à memória o formoso poema de Ramón del Valle Inclán:

“Rosa do Pecado”

O gato que bufa; a porta que estala,
a goteira que pinga!

Sozinhos na casa! À porta ruge
 a besta abortada quando eu nasci.
 A noite de outubro, dizem que da Lua,
 com um vento forte e ondas do mar:
 Sob suas estrelas alçou-se minha fortuna,
 mar e ventos fortes viram-me chegar.
 A noite de outubro. Minha morte anunciada!
 Noite minha, aberta entre a terra e o sol Revestiu-se o mago da veste
 estrelada.

Desnudo, um gigante soprou o caracol.
 A besta à porta brame estremecida,
 em seus olhos fica a noite outonal
 e distante, aquela noite de minha vida,
 com seus dois caminhos, e segui o mal!
 Chamou-me tua carne, rosa do pecado!
 Sozinhos na casa, eu acordado,
 a noite de outubro, o mar levantado...
 e a goteira a pingar!

CAPÍTULO IV Amfortas, rei do Graal

Mulher preciosa, para o melhor nascida; mulher diabólica, para o Abismo destinada; pérola do solidéu do Senhor caída; inefável rosa de fogo, no Éden crescida e por mãos infernais desfolhada; cisne encantador de colo alabastrino, em impudico bacanal cantando... Quanto bem tens feito... e quanto mal! Oh, meu Deus.

Porém, falemos agora sobre o rei Amfortas, sucessor do velho Titurel, que burlou acertadamente as astúcias do demônio.

Diz a lenda dos séculos que o bom rei teve que sofrer o indescritível. Deus do céu... e tudo por elas ou por ela, a diabólica original, o protótipo da perdição e da queda, aquela a quem o próprio Amfortas, Senhor do Graal, não pôde resistir.

Dizem por aí que o bom senhor também caiu nos braços de uma loura furiosa, que chamavam Herodias, Kundry, Grundiga; e não sei o que mais.

O soberano quis pôr um fim aos encantamentos mágicos de Klingsor, o mago perverso, mas logo verás o que aconteceu.

O maligno, que jamais tainha sido uma ovelha mansa, soube tirar bom partido de tão maravilhosa oportunidade. Aproximando-se, muito tranqüilo, até o luxurioso casal que se revolia em seu leito de prazeres, arrebatou a lança sagrada e com ela feriu, espantosamente, as costas de Amfortas, e afastou-se sorrindo.

Oh, tua lança divina, maravilhosa, em tuas feridas e que a todos está vedado buscar! E continua dizendo o velho Gurnemanz: foram os meus olhos, os meus próprios olhos, os que te viram esgrimida por sacrílega mão!

O rei, em sua retirada, foi escoltado pelo ancião Gurnemanz; porém ardia uma chaga em suas costas: é a ferida do remorso que jamais quererá sanar!

Recitemos agora um belo poema de Ramón del Valle Inclán:

“Rosa do Oriente”

Tem no andar a graça do felino
em tudo cheia de profundos ecos,
enganando com mouriscos engodos.
Sua boca escura, contos de Aladim.
Os olhos negros, cálidos, astutos,
triste de ciência antiga o sorriso,
e a saia de flores uma brisa...
De índicos e sagrados institutos
Sua mão colheu num jardim do Oriente,
a maçã da árvore proibida,
e enroscada em seu seio, a serpente
adorna a luxúria de um sentido sagrado.
Na treva transparente
de seus olhos, a luz é um silvo.

CAPÍTULO V

A amazona selvagem

Pelo caminho solitário, quais fantasmas vagarosos, abatidos, vacilantes, cabisbaixos, andrajosos, encaminham-se os vencidos para o lago. Ao mirar a distante torre do templo, sob certa luz de cor opala que nos alvorece, vão o passo retardando, como se temessem chegar.

Vencida Kundry pelo cansaço, tanto quanto pelos remorsos, arroja-se na perfumada terra.

Procedente do castelo do Graal, chega nesse instante o infeliz cortejo que conduz o rei para o banho santo. O sofrido monarca não guarda ressentimento em seu dolorido coração, mas compreende plenamente seus próprios erros, reconhece sua culpabilidade e, humildemente, agradece à sua servidora, a mulher, o eterno feminino, a Eva monumental da mitologia hebraica, eterno juguete do bem e do mal na Terra, segundo o uso que os homens façam dela.

A Magdalena wagneriana vilmente transformada em instrumento do maligno, anseia também seguir os ensinamentos, os divinos ideais do Graal. Porém, sempre cai vencida.

Mulher, exclama Amfortas! És acaso demônio que vomitou o inferno para abrir-me esta ferida?

És talvez um anjo que desceu de Urânia para velar por minha infortunada existência?

A selvagem amazona, a mulher símbolo da dramaturgia wagneriana, protótipo magnífico de quanto existe de mais abjeto, a par do que há de mais excelso no mundo, é certamente formidável.

Seu traje é montanhês e rude, preso no alto por um cinturão, de onde pendem longas peles de cobra.

Em sua delicada face feminina resplandecem olhos encantadores, de cor negra, que às vezes cintilam com ferocidade e, amiúde, imobilizam-se com espantosa rigidez mortal.

Qual Magdalena judia, Kundry traz um frasco de cristal da Arábia exótica. O rei do Graal necessita de um bálsamo precioso para sanar o seu dolorido coração.

Bendita seja a mulher! Bendito os seres que se adoram!.

Disse Hermes Trimegisto: “Dou-te amor, no qual está contido todo o summum da sabedoria”.

Amar? Quão belo é amar! Somente as grandes almas podem e sabem amar. O amor começa com um clarão de simpatia, substancializa-se com a força do carinho e sintetiza-se em adoração.

Um matrimônio perfeito é a união de dois seres, um que muito ama e outro que ama melhor.

O amor é a maior religião que se pode praticar.

CAPÍTULO VI

O casto inocente

Gurnemanz, a voz do passado, o ancião venerável, depois de relatar solenemente tudo o que outrora ocorrera nessas regiões misteriosas do castelo de Monsalvat, depois da horrenda perda da santa lança, continua expressando-se nos seguintes termos:

Ante o santuário, órgão da sublime relíquia, jazia Amfortas em fervorosa oração, implorando inquieto o sinal da salvação.

Uma intensíssima e deslumbrante refulgência divina emanou do Graal, enquanto uma visão celestial disse-lhe claramente estas palavras:

“O sábio, o iluminado por sua compaixão, o casto inocente, espera-o. Ele é meu eleito”.

Nisto, oh, deuses! Diz a lenda dos séculos que se produziu um grande escândalo entre os do Santo Graal, porque do lado do lago sagrado, no fundo do bosque solitário, foi surpreendido um jovem e ignorante que, errante pelas ribeiras, ferira com seu arco um cisne muito formoso, símbolo perfeito do Espírito Santo.

Mas, por que tanto alvoroço, tumulto e desordem?

Quem não tem ferido de morte o cisne Kala-Hamsa?

Quem não tem violado o sexto mandamento da lei de Deus que diz: “Não fornicar”?

Aquele que se sentir livre de pecado que atire a primeira pedra.

Ó bendito Hamsa milagroso, força sexual do Terceiro Logos, Íbis imortal, branca pomba do Graal!

A conquista do ultra-mare-vitae, o mundo super-liminal e ultra-terrestre, somente é possível com a pedra iniciática – o sexo – no qual está contida a religião-síntese, que foi a primitiva da humanidade; a sabedoria mística de Jano, ou dos Jinas.

Eliminar o sexo? Oh, não! Não! Não!... Superá-lo? Isso sim!... Amar é o melhor.

Recitemos agora aquele formoso poema de Amado Nervo, intitulado:

“O Dia em Que me Quiseres”

O dia que me quiseres terá mais luz que junho,
A noite que me quiseres será um plenilúnio,
com notas de Beethoven, vibrando em cada raio
suas inefáveis coisas,
e haverá mais rosas

que em todo o mês de maio.

Mil fontes cristalinas

irão pelas ladeiras

saltando cantantes.

O dia em que me quiseres, nos bosques escondidos,
ressoarão arpejos, nunca então ouvidos.

Êxtases de teus olhos, todas as primaveras

que houve e haverá no mundo, serão quando me quiseres.

Colhida da mão quais louras irmãzinhas,

luzindo gotas cândidas, irão as margaridas

por montes e pradarias.

Diante de teus passos o dia que me quiseres...

E se desfolhas uma, te dirá sua inocente,

última pétala branca: apaixonadamente!

Terão todos os trevos quatro folhas agoureiras.

Ao levantar a aurora do dia em que me quiseres

e no tanque, ninhos de germens ignotos,,

florescerão as místicas corolas dos lotus.

O dia em que me quiseres será cada tênue nuvem,

asas maravilhosas; cada arrebol, miragem

das Mil e Uma Noites; cada brisa, um cantar;

cada árvore, uma lira; cada monte, um altar.

O dia em que me quiseres, para nós dois

caberá num só beijo

a beatitude de Deus.

CAPÍTULO VII

O filho de Herzeleide

Parsifal, o casto, inocente, num remoto passado havia também ferido com sua flecha o cisne de imaculada brancura, o Hamsa milagroso...

Às diversas perguntas que lhe são feitas com tanta ênfase, ele guarda silêncio. É óbvio que ignora tudo. Eliminara o Eu, e nem sequer recorda o nome de seu progenitor terrestre, pois reconquistara a inocência êdenica.

Recorda-se apenas que sua mãe chamou-se Herzeleide e que o bosque mais profundo era sua morada.

Sua pobre mãezinha, de coração dorido, deu-lhe a luz. Órfão de pai, quando este, chamado Gamuret, caía gloriosamente entre os elmos e os escudos do campo de batalha.

Para protegê-lo contra o signo prematuro dos heróis, a adorável mãe criou-o com infinita ternura, num ermo, estranho às armas e em meio da mais crassa ignorância.

Porém, um dia qualquer, aquele mancebo de heróica linhagem viu chamadas humanas no bosque.

Foi tanto o brilho daqueles cavaleiros de reluzentes armaduras – os cavaleiros do Graal – que resolveram passar por aquelas paragens solitárias, que o jovem, impulsionado por um instinto de herói, resolveu segui-los através das montanhas.

Protegido com as armas de Vulcano, aquele rapaz combateu as bestas do Abismo, vis representações de seus antigos erros e as reduziu à poeira cósmica.

Assim, o moço avançou até os domínios do Graal. (Assim devemos avançar).

Kundry, Herodias, informa-lhe que sua mãe morreu. A notícia é cruel e o submerge em infinita amargura, impossível de ser descrita com palavras.

Que momento espantoso este! Precipita-se sobre a Hetaira como louco e logo cai desfalecido. Ela o socorre imediatamente com a água deliciosa do manancial!

Depois vem a hora terrível. A Gundrúgia diz coisas terríveis; para tudo existe seu dia e sua hora.

É conveniente recordar agora o formoso poema de Ramón del Valle Inclán, intitulado:

“Rosa do Relógio”

É a hora dos enigmas,
quando a tarde de verão,
das nuvens mandou um milhafre sobre as pombas benignas.
É a hora dos enigmas!
É a hora da pomba:
segue os vôos a mirada
de uma menina. Tarde rosada,
musical e divina cabeleira.
É a hora da pomba!
É a hora da cobra:
o diabo arranca um cabelo branco,
cai da árvore a maçã
e o cristal de um sonho se quebra.
É a hora da cobra!
É a hora da galinha:
o cemitério tem luzes,
benzem-se ante as cruces
as beatas, o vento agoniza.
É a hora da galinha!
É a hora da donzela:
Lágrimas, cartas e cantares,
o ar pleno de flores de laranjeiras,
a tarde azul, somente uma estrela.
É a hora da donzela
É a hora da coruja:
decifra escrituras o velho,
quebra-se de repente o espelho
Sai a velha com a galheta
É a hora da coruja!
É a hora da raposa:
Ronda a rua uma viola,
conduz a velha a mocinha
um anel com uma rosa.

É a hora da raposa!
 É a hora da alma penada:
 uma bruxa na encruzilhada,
 com a oração excomungada,
 e pede ao morto sua cadeia.
 É a hora da alma penada!
 É a hora do crepúsculo:
 Espreita o moço no pino
 e bandoleiro no caminho,
 e no prostíbulo Satan.
 É a hora do crepúsculo!

CAPÍTULO VIII

Palavras de Kundry

Kundry, a Eva maravilhosa da Mitologia Hebraica, vítima inconsciente do mago perverso, frente ao Parsifal Wagneriano exclama com infinita dor:

“Eu nunca faço o bem: somente o descanso quero. Só o descanso para esta mísera extenuada!”

A dormir, oxalá nunca despertasse! Naquele momento começa a experimentar os fluídos da sugestão, à distância do mago, e erguendo-se estremecida de espanto, exclama: “Não! Dormir, não! Causa-me horror tudo isto!”

Dá em seguida um grito surdo, todo o seu corpo vibra, como uma fibra de erva agitada pela tempestade, até que, impotente contra o malefício, deixa os braços caírem inertes, inclina a cabeça, e dando uns passos vacilantes cai hipnotizada, gemendo entre as ervas daninhas.

“Inútil resistência. A hora chegara. Dormir... Dormir... É preciso... É preciso... É preciso dormir”.

A mulher por antonomásia, a mulher símbolo, a Satã original, o protótipo da perdição da queda, a que nem o próprio Amfortas, o rei magnífico do Santo Graal pôde resistir, dorme agora sob o poder hipnótico do mago malvado.

Mais do que formosa te vemos, Kundry! Nascestes como um milagre no Éden de todas as maravilhas! És o pensamento mais belo do criador feito carne, sangue e vida!

Teu corpo delicioso parece ter sido modelado com as delicadas rosas da margem da campina que faz Uad-Al Kebir fecundo.

As ramagens taciturnas, prateadas pela lua pálida, deram doce sombra às tuas pestanas.

Tuas pálpebras de exótico encanto foram criadas com folhas divinas de laranjeiras. Essência de nardos sublimes escondem-se em tuas entranhas.

Tuas fascinantes tranças parecem cascatas de noite caindo sobre teus nobres ombros.

Quão formosa és! Escuta-me? Tua boca encantadora sorri, tua língua tenta em sonhos palavras formar.

O céu estrelado abre-se como uma rosa, tu dormes Kundry, envenenada pelo exótico mistério que ninguém entende.

Dormes, sim! Eu sei. O bosque das Mil e Uma Noites empresta-lhe suas folhagens, aninha as aves que cantam docemente; sussurra suavemente a

floresta; murmura o rio entre o leito de rochas. Tudo convida para a sesta e tu dormes, Eva, Kundry, Gundrúgia, Herodias...

Dormes entre teus secretos lamentos. És a vítima inconsciente de um sortilégio fatal...

Porém, oh meu Deus!... Que idéia terrificante em sonhos te acusa?
O que é isso que não querendo fazer, fazes?

CAPÍTULO IX

Hino do Graal

Regressando do delicioso e agradável banho, vê a liteira do rei passar rumo ao castelo de Monsalvat.

O venerável ancião Gurnemanz une-se ao cortejo, convidando bondosamente o mancebo para o festim sagrado.

É necessário que o jovem também receba os benefícios do Graal...

“Apenas andamos e sinto que já andamos muito”, disse Parsifal. O velho encanecido na sabedoria respondeu-lhe com grande acerto: “O tempo é a quarta dimensão, ou quarta coordenada. Esta resume-se em dois aspectos totalmente definidos: o temporal e o espacial”.

O aspecto espacial da quarta dimensão está no fundo e o aspecto cronométrico da quarta dimensão é a superfície.

Dentro do mundo tridimensional em que vivemos existe sempre uma quarta vertical e esta é em si mesma, o tempo.

Na eternidade não há tempo. O eternal vem a ser a quinta dimensão, tu o sabes. Na eternidade tudo se processa dentro do eterno agora.

Ouvistes falar disso que está além do tempo e da eternidade? É claro que existe a sexta dimensão.

E que diremos da dimensão zero desconhecida? Espírito puro. Sim! Sim! Sim!... O velho Gurnemanz com essa sabedoria iluminada pelo tempo, tudo entendia e sabiamente conduzia o filho de Herzeleide até o Santo Graal.

A cena vai-se transformando lentamente, à medida em que o velho mestre e seu jovem discípulo avançam. Abaixo deixam o bosque solitário, enquanto ambos escalam pacientemente a monstruosa montanha de granito.

Pouco a pouco vão-se ouvindo, cada vez melhor, o suave chamado das trombetas e o magnífico toque dos sinos do templo.

Finalmente, chegam mestre e discípulo a um precioso salão, cuja cúpula majestosa perde-se na altura.

Parsifal emudece extasiado, ante a divina magnificência, impossível de se descrever com palavras. No fundo, abrem-se duas largas portas cheias de glória por onde entram os cavaleiros do Graal.

Os varões da luz vão-se postando ordenadamente ante duas longas mesas paralelas, cobertas com toalhas, entre as quais fica um espaço livre.

Nas mesas ditosas há cálices ou taças, mas não manjares deliciosos. Por outra parte, aparecem valentes escudeiros e irmãos de serviço humilde, trazendo o rei Amfortas em sua liteira e, ante ele, alguns meninos puros, quais anjos de rosadas faces.

Estas criaturas trazem uma arca coberta com tela purpúrea, dentro da qual se escondem os mistérios do sexo.

A sublime comitiva coloca o rei Amfortas num leito fundo, sob um pátio disposto sobre a mesa de mármore que está diante da arca sagrada.

A congregação da luz entoa, feliz, dos diversos lugares do templo, o hino do Graal, que diz:

“Dia após dia, dispostos para a última ceia do Amor Divino, o festim será renovado, como se pela última vez tivesse de consolar-lhe para quem se sintia contente nas boas obras. Acerquemo-nos do ágape para receber os dons magníficos.

“Assim, como entre infinitas dores, correu um dia o sangue que redimiu o mundo. Seja meu sangue derramado com coração gozoso por causa do herói Salvador. Vive em nós, por sua morte, o corpo que foi oferecido para nossa salvação.

“Viva para sempre nossa fé, pois que sobre nós floresce a pomba, propícia mensageira do Redentor. Comei do pão da vida e bebei do vinho que para nós emanou...”

CAPÍTULO XI

A santa relíquia

Ao expirar as últimas notas no mistério dos delicados cânticos, e quando todos os augustos cavaleiros de aspecto divinal ocuparam seus assentos, junto às sagradas mesas, seguiu-se um imponente silêncio...

Atraente e fatal ia toda desnuda a visão estupenda com brancura de nardo... exótico mistério!

Desde o âmagô, como que saindo da negra sepultura, ouviu-se a voz de Titurel. Ordena a seu filho, em tom imperativo, para descobrir o Santo Graal, a fim de contemplá-lo pela última vez.

Amfortas resiste e diz:

Não. Deixai-o sem descobrir. Oh! Será que ninguém será capaz de entender a tortura que sofro ao contemplar o que vos embeleza?

Que significa minha ferida, o rigor de minhas dores, ante a angústia, o suplício infernal de ver-me condenado a esta missão atroz?

Cruel herança, a minha encomenda, único delinqüente entre todos... guardião da santa relíquia. Necesito implorar a benção para as almas puras.

Oh! castigo sem igual que me envia o Todo Poderoso a quem ofendi terrivelmente.

Por ele, pelo Senhor, por suas benções hei de suspirar ansiosamente. Só pela penitência, sozinho, na mais profunda contrição da alma, hei de chegar até Ele.

A hora se aproxima, um raio de luz desce para iluminar o Santo milagre. O véu cai. Com poder esplendoroso brilha o conteúdo Divino do vaso consagrado. Palpitando na dor do supremo deleite, sinto verter-se em meu coração a fonte do sangue celestial.

E o fervor de meu próprio sangue pecador haverá de refluir em louca torrente, e derramar-se, com pavor horrendo, pelo mundo da paixão e do delito. Novamente rompe sua prisão, e emana caudalosa desta chaga, a sua semelhante, aberta pelo golpe da mesma lança que feriu o Redentor, essa ferida com que chorou em lágrimas de sangue, pelo opróbio da humanidade no anseio de sua Divina compaixão. E agora, desta minha ferida no mais santo

lugar, eu guardo os bens Divinos, guardião do bálsamo da redenção, brota o fervente sangue do pecado, sempre renovado na fonte de minhas ânsias, que nenhuma expiação pode extinguir.

Piedade! Compaixão! Tu, o todo misericordioso, tem piedade de mim.

Livra-me desta herança, fecha-me esta ferida e faz que uma vez sarado, purificado e santificado, possa eu morrer para ti.

Não sei quem sou realmente nesta chama cruenta de angústia, de dor, de gozo e pranto em que nasce o Mistério de um encanto que destrói minha vida e a alimenta, mas pressinto algo terrivelmente Divino...

Não sei quem sou nesta rede fatal de minha própria existência, que contemplo com assombro místico, peixes de espuma em vertigens de espanto e um manancial de séculos que levanto para saciar inutilmente esta sede insaciável que me atormenta.

Neste mundo vão de trevas e amarguras infinitas me interrogo com voz desconhecida que parece uma voz alheia e grave.

E permanece minha pobre razão desvanecida, mísera sombra do pecado! Amfortas cai desmaiado depois destas palavras e é descoberto o Santo Graal. Quantas velhas tradições perdem-se na noite dos incontáveis séculos desde que aquele exímio e sublime varão retirou o cálice sagrado – símbolo perfeito do yoni feminino – e um denso crepúsculo, a nuvem sexual do Tabernáculo Hebreu espalhou-se deliciosamente por todo o maravilhoso ambiente do Santuário.

Isto nos recorda o Sahaja-Maithuna no instante supremo. Os mistérios do Lingam-Yoni são terrivelmente divinos.

Desde o alto, do céu de Urânia, desce um puríssimo raio de luz que, ao cair sobre o cálice, o faz brilhar com um esplendor purpúreo infinito, inesgotável.

Amfortas sabe usar a cruz fálica e com o semblante transfigurado ergue o Graal ao alto e abençoa o pão e o vinho da transubstanciação.

Os coros ressoam deliciosamente, amando e adorando.

Amfortas torna a depositar na arca sagrada vazia, que vai empalidecendo lentamente a medida que se dissipa novamente o espesso crepúsculo sexual.

O pão e o vinho são repartidos pelas mesas onde todos sentam-se, exceto Parsifal, que permanece de pé, em êxtase, de onde sai, apenas, face aos lamentos de Amfortas, pelo que sofre o jovem mortal espasmo.

Gurnemanz, acreditando estar ele embrutecido e inconsciente a tudo aquilo, agarra-o pelo braço e arroja-o brutalmente do recinto sagrado, enquanto se extinguem no espaço as vozes dos jovens, dos meninos e dos cavaleiros que cantam a santificação na fé e no Divino Amor.

CAPÍTULO XI

Bayreuth

É bom sabermos, para o bem da grande causa, que Wagner proibiu a representação de seu Parsifal fora daquele teatro maravilhoso de Bayreuth.

Conforme já dissemos, uma vez cumprido o prazo legal, foi conhecido o Parsifal em todos os teatros da Europa.

Tratando-se da verdade devemos ser muito francos. É lamentável que a viúva e o filho de Wagner, juntos com alguns outros músicos alemães, houvessem tentado modificar a lei sobre a propriedade intelectual, com o

propósito de limitar a representação do Parsifal exclusivamente ao velho teatro de Bayreuth.

É inegável que estes equivocados sinceros não conseguiram seu conhecido propósito.

Inegavelmente, a dor de alguns é alegria para outros. O fracasso destas pessoas tão bem intencionadas teve formidáveis repercussões internacionais entre o público europeu, que assim não foi privado de conhecer a grande obra.

As obras magnas não podem ser limitadas no espaço e no tempo.

É um absurdo querer ocultar o sol com a peneira.

Contam as pessoas que esta referida obra foi cantada antes de 1914, no Teatro Metropolitano de Nova York, tendo que para isto vencer todo gênero de obstáculos legais.

É patético, claro e definido, que a empresa pagou a multa com infinito prazer, pois é óbvio que lhe ficaram minguados lucros.

Porém, valha-me Deus! Não sucedeu acaso o mesmo em Monte Carlo? Todo mundo sabe que quando se pretendeu representar o poema sacro, devido às ameaças da viúva e do filho de Wagner, a obra somente pôde ser cantada em função de convite.

Transcrevemos agora, cuidadosamente, um artigo jornalístico muito interessante:

“O assunto do Parsifal surgiu na mente de Wagner em 1854. Porém, começou a trabalhar nele na primavera de 1857. Suspendeu o trabalho várias vezes, até que o terminou em 23 de fevereiro de 1877.

Muito antes da conclusão do livro compôs alguns trechos musicais, os primeiros em 1857. Na realidade, começou a trabalhar na partitura durante o outono de 1857, no mesmo ano em que escreveu a última frase do poema.

A obra ficou definitivamente terminada em 13 de janeiro de 1882. Pouco depois, começaram os preparativos para a estréia. Já bem ensaiada, Parsifal foi estreada em 26 de julho de 1882 no teatro de Bayreuth.

Parsifal teve um estrondoso êxito, que chegou a arrancar lágrimas daquele gênio musical tão acostumado à luta. Wagner, emocionado, abraçou com entusiasmo a Materna e Scaria, intérpretes dos papéis de Kundry e Gurnemanz, assim como ao grande mestre Hermann Levi, que dirigiu a orquestra, a quem conhecemos e aplaudimos há doze ou quatorze anos em Madri, naqueles famosos concertos do Príncipe Alfonso, quando se apresentaram eminentes diretores alemães.

Ao falarmos sobre isto, precisamos dedicar uma palavra de admiração e simpatia ao grande mestre Mancinelli, que foi aquele que realmente nos deixou conhecer quase toda a obra wagneriana, e foi o primeiro a organizar os concertos. Aquela temporada de audições, sob a direção de Mancinelli, constitui-se uma época memorável para a história do desenvolvimento da arte lírica na Espanha.

Wagner sobreviveu apenas uns seis meses após o seu grande triunfo com o Parsifal. Passada a estréia, o maestro foi passar o inverno em Veneza, como era seu hábito, desde 1879. Ali, repentinamente, a morte o surpreendeu no dia 13 de fevereiro de 1883, ao lado de sua esposa Cósima Liszt, filha de Franz Liszt e de seu amigo Joukowsky.

Dois dias após, os restos mortais do glorioso criador do drama lírico alemão eram trasladados para Bayreuth, onde repousam no jardim da casinha de Wahnfried, sob um bloco de mármore sem adorno e sem inscrição”.

CAPÍTULO XII

O mercúrio da filosofia secreta

Neste instante de misteriosa felicidade, recordamos o poema de Horácio, o autor dos Epodos e das Sátiras que vieram à luz entre os anos 35 e 30 antes de Jesus Cristo.

“Mercúrio”

Mercuri, facunde nepos Atlantis,
Qui feros cultus hominum recentum
Voce formasti catus et decorae
More palaestrae.

Te canan, magni Iovis et deorum
Nuntium curvaeque lyrae parentem,
Callidum, quidquid placuit, iocosum

Condere furto.
Te, boves olim nisi reddidisses
Per dolum amotas, puerum minaci
Voce dum terret, viduus pharetra
Risit Apollo.
Quien et Atridas duce te superbos
Ilio dives Priamus relicto
Thessalosque ignes et iniqua Troiae

Castra fefellit

Tu piis laetis animas reponis
Sedibus, virgaque levem coarces
Aurea turban, superis deorum
Gratus et imis.

Mercúrio, neto de Atlas, tua abundância
do homem primitivo foi mestra:
sua rudeza polistes com o idioma
e o uso refinado da palestra.

Mensageiro do alto, Júpiter e os deuses,
Foi tua glória inventar a curva lira,
e é tua graça levar-te por adorno.
Quanto a teu gênio, audaz aparência inspira.
Em criança furtastes seu rebanho a Febo
e ele com furiosas vozes te censurava,
mas teve de rir ao ver, atônito,
que lhe havias roubado até a aljava.

Saiu de Ilião com régios dons Príamo,
quando a hoste grega a cingia
Apátridas sem piedade, fogueiras tessálicas,
tudo deixou enganado com teu guia.

As piedosas almas, sombras leves,
Leva tua vara de ouro ao gozo eterno
grata deidade para os deuses todos,
encanto do Olimpo e do Averno!

E havendo cantado poema tão sublime da lírica horaciana, convém sabermos agora o que é o Mercúrio. Qualquer gnóstico pode compreendê-lo que como planeta astrológico é obviamente mais misterioso que o próprio Vênus, e idêntico a Mithra Mazdeista. O Buda, o Gênio, ou Deus estabelecido entre o sol e a lua; sublime companheiro eterno do disco solar da Sabedoria Divina. Pausânias em seu livro V, ensina-nos sabiamente tendo um altar em comum com Júpiter, o Pai dos Divinos e dos Humanos.

Dizem as antigas lendas que ele ostentava radiantes asas de fogo, como para manifestar que o assistia o Cristo-Solar em sua viagem eterna. Com justa razão foi chamado, noutros tempos, Mensageiro e Lobo do Sol: Solaris Luminis Particeps.

Em suma, devemos afirmar que ele era o chefe e o evocador das almas; o Arquimago e o Hierofante.

Virgílio, o ilustre poeta de Mântua, descreve-o inteligentemente, tomando seu martelo ou caduceu de duas serpentes, para evocar novamente a vida das infelizes almas precipitada no Orco (Limbo): “Tu vingam capit hac animas ille evocat Orco”, com o evidente propósito de fazê-las ingressar na milícia celeste como nos ensina em Vendidad.

Mercúrio é o áureo planeta esotérico, o inefiável, a quem os austeros e sublimes Hierofantes proibiam nomear. Estudando poeirentos e milenares manuscritos poderemos verificar que na Mitologia Grega encontra-se simbolizado pelos cães ou lebréus guardadores do gado celeste, que se embriaga sempre nos cristalinos poços da sabedoria oculta, pelo qual é também conhecido como Hermes-Anubis e, assim mesmo, como o bom inspirador ou Agathodaemon.

Recordai que o imperador Juliano orava todas as noites ao sol oculto pela intercessão de Mercúrio.

Com justa razão disse Vossius: “Todos os teólogos asseguram que Mercúrio e o Sol são um”.

Por algo foi considerado aquele planeta como o mais eloqüente e sábio dos deuses, o qual não é de estranhar, pois que Mercúrio acha-se tão próximo da Sabedoria e da Palavra (ou Logos), que com ambas foi confundido.

CAPÍTULO XIII

A suástica maravilhosa

A piscina sagrada, ou lago iniciático que representa os mistérios divinos nos domínios do Santo Graal, simboliza o Mercúrio da filosofia secreta, esse vidro líquido, flexível, maleável, contido em nossas glândulas sexuais.

Felipe Teofastro Bombasto de Honheneim (Aureolus Paracelso) disse que dentro do Ens Seminis encontra-se todo o Ens Virtutis do fogo.

Depois do radiante sol e suas labaredas crepitando na orquestração inefável das esferas, é o Mercúrio da filosofia secreta, o Ens Seminis, a água caótica do primeiro instante, o elemento feminino eterno, a Grande Mãe ou Vaca nutridora, o próprio fundamento de toda vida cósmica.

Transmutar inteligentemente essa água da vida, o mercúrio sófico dos sábios, livre em seu movimento, significa trabalho intensivo no Laboratorium-Oratorium do Terceiro Logos.

Está escrito, em caracteres de fogo no grande livro da vida, que na cruz Jaina ou Jina esconde-se milagrosamente o segredo do grande arcano; a chave maravilhosa da transmutação sexual.

Não é difícil compreendermos o significado da própria suástica dos Grandes Mistérios.

No êxtase delicioso da alma que anseia, podemos e devemos pôr-nos em contato místico com Jano, o austero e sublime Hierofante Jina, que outrora ensinara em nosso mundo a ciência dos Jinas.

No Tibet secreto existem duas escolas que se combatem mutuamente: a Mahayana e a Hinayana.

Estreita é a porta e apertado é o caminho que conduz a luz, e poucos são os que a encontraram.

O caminho Hinayana, Búdico e crístico, é citado nos livros sagrados e é mencionado nos quatro evangelhos.

As almas puras em estado beatífico perfeito podem experimentar, diretamente, a íntima relação existente entre a suástica e o caminho Hinayana.

Tinha razão a grande mártir do século passado, H.P.B., ao dizer-nos que a suástica das fusaiolas é o símbolo mais sagrado e místico. Ela brilha, com efeito, sobre a cabeça da grande serpente de Vishnú. O Shasta Ananta das mil cabeças que no Patala ou região inferior habita.

Avançando com a cruz às costas para o monte das caveiras, podemos verificar que nos antigos tempos as nações puseram a suástica à frente de todos os seus símbolos sagrados.

A plena lucidez do espírito nos permite compreender que a suástica é o martelo de Thor, a arma mágica forjada pelos pigmeus contra os gigantes ou forças titânicas pré-cósmicas, opostas à lei da harmonia universal: o martelo produtor das tempestades que os Ases ou Senhores Celestes usam.

No Macrocosmos de infinitos esplendores, seus braços dobrados em ângulo reto expressam a rotação terrestre, sempre incansável, e o movimento renovador do jardim cósmico.

No Microcosmos a suástica representa o homem assinalando com a direita o céu. Com a esquerda, como sombra fatal de inverno, dirige-se para baixo, como a mostrar, com infinita dor, o nosso aflito mundo. Por isso, a suástica é um signo alquímico, cosmogônico e antropogônico, sob sete diferentes chaves interpretativas.

Enfim, como símbolo vivente da eletricidade transcendente, é o Alfa e o Ômega da força sexual universal que desce pelos degraus de ouro do espírito até o mundo material. Por ele torna-se evidente que, aquele que chegar a abranger integralmente todo seu místico significado, torna-se livre de Maya (ilusão).

A suástica é o moinho elétrico dos físicos; nela escondem-se os terríveis mistérios do Lingan-Yoni.

O Sexo-Yoga hindustânico com todos os seus perfumes orientais; o erotismo misterioso do Kama-Kalpa; o Sahaja Maithuna com suas posições sexuais ardentes como o fogo, estão obviamente selados com a cruz suástica.

O pau vertical da Santa Cruz é masculino, viril, poderoso; a linha horizontal é feminina, deliciosa. No cruzamento desses dois eternos vástagos encontra-se a chave de todo poder.

A suástica é a cruz em movimento; o sexo em plena atividade; transmutação sexual em ação.

Bem aventurado o sábio que, amando a uma mulher, submerja ditoso nos sacros mistérios eróticos de Minna. As pavorosas trevas de um verdadeiro amor, que é irmão da morte, permitir-lhe-á sublimar e transmutar o Mercúrio da filosofia secreta.

A noite encantadora do amor simboliza tanto a vulgar infra-escuridão da ignorância e da magia negra, como a super-escuridão do silêncio e o segredo augusto dos sábios (os Yarsha e Rajkshas do Mahabharata).

Com palavras de diamante está escrito no livro de toda a criação: “Quem quiser subir deve primeiro baixar”.

A conquista do ultra-mare-vitae ou mundo super-liminal e ultra-terrestre, seria absolutamente impossível sem a sábia transmutação do Mercúrio Sáfico.

As suaves donzelas e sábios varões do Amen-Smen, o paraíso egípcio, sofreram demasiadamente no averno, vivendo às margens da lagoa Estígia, tu o sabes.

Transmutar a água em vinho, tal como nos ensinou o grande Cabir Jesus nas bodas de Canã, é mais amargo que o fel.

A branca pomba do Espírito Santo cernida nas armas e bordada nos mantos dos cavaleiros do Santo Graal; o cisne sagrado; o Hamsa milagroso, a ave Fênix do paraíso, a Íbis imortal, resplandecem maravilhosamente sobre as águas profundas da vida.

Dentro da profunda lagoa Estígia, nas terríveis profundidades do inferno, surgem deuses que se perdem no Espaço Abstrato Absoluto.

A luz sai das trevas e o cosmos brota do caos...

CAPÍTULO XV

A força sexual

Sabe-se que essa lenda maravilhosa do Santo Graal é muito conhecida na França.

Com a mesma constância de um clérigo em sua cela esquadriamos ansiosamente todos esses poeirentos manuscritos da cavalaria medieval, e pudemos evidenciar muitas tradições relacionadas com o Santo Graal.

Famosas são antiqüíssimas obras como as do Balandro de Merlin e o processo do Santo Graal.

Aqueles bardos cabeludos da Alemanha Boêmia, que outrora alegraram toda Europa, disseram sempre Graal, usando duplo “A” em seus conhecidos cantos!

Os bretões, que gozam de boa fama com a lenda céltica, chamaram-no sempre Graal, a sagrada taça.

Compreende-se claramente que o esquecimento radical dos princípios crísticos esotéricos, mal nos levaria ao confuso labirinto de tantas etimologias incoerentes que em verdade nada têm a ver com a ebúrnea taça, delícia dos mistérios arcaicos.

Recordemos aquela estrofe do Arcipreste de Hita, descrevendo a cozinha de seu tempo:

“Escudelas, frigideiras, cubas e caldeirões,
gargantas e barris, todas coisas caseiras.
Todo fiz lavar as suas lavadeiras,
espetos, copos, panelas e tampas”.

No Vaso regenerador, o Yoni sexual feminino, devemos beber o néctar iniciático dos deuses santos.

O Santo Graal é o Cálice Milagroso da suprema bebida, a taça iniciática de Sukra e de Manti.

No Vaso Santo da mulher encantadora está contido o vinho raro da espiritualidade transcendente.

A conquista do ultra-mare-vitae, o mundo super-liminal e ultra-terrestre, seria uma coisa impossível se cometêssemos o erro de subestimar a mulher.

O Verbo delicioso de Ísis surge dentro do seio profundo de todas as idades aguardando o instante de ser realizado.

As palavras inefáveis da deusa Neith têm sido esculpidas com letras de ouro nos muros resplandecentes do templo da Sabedoria: “Eu sou a que tem sido, é, e será; e nenhum mortal jamais levantou meu véu”.

A primitiva religião de Jano ou Jaino, ou seja, a áurea solar, a super-humana doutrina dos Jinas, é absolutamente sexual, tu o sabes.

Está escrito em caracteres de fogo no livro da vida, que durante a Idade de Ouro do Lácio e da Ligúria, o Rei Divino Jano ou Saturno (Lao, Baco, Jehovah) imperou sabiamente sobre aquelas santas pessoas, tribos árias, embora de diferentes épocas e origens.

Então, oh Deus meu, como em épocas semelhantes de outros povos da antiga Arcádia, podia-se dizer que conviviam felizes jinas e homens.

Dentro do idílico místico, inefável, comumente chamado “Os Encantos de Sexta-Feira Santa”, sentimos no fundo de nosso coração que em nossos órgãos sexuais existe uma força terrivelmente Divina que tanto pode libertar quanto escravizar o homem.

A energia sexual contém em si mesma o protótipo vivente do legítimo Homem Solar. Esta, ao cristalizar-se em nós, transforma-nos radicalmente.

Muitas almas sofredoras quiseram ingressar no Monte Serrat, transcendente, porém não o conseguiram devido ao Véu de Ísis, ou Véu Sexual Adâmico.

Entre a bem-aventurança inefável dos paraísos Jinas existe uma humanidade divina que é invisível para os mortais devido aos pecados e limitações nascidas do mal uso do sexo.

A Irmandade Branca possui tesouros grandiosos, a exemplo do tão inestimável Santo Graal.

O Verbo dos Deuses Santos, ressoando no fundo da noite profunda dos séculos, a cada instante vem recordar-nos o primeiro amor e a necessidade de aprendermos a sublimar e transmutar a energia sexual.

Ser-nos-á impossível entrarmos em contato direto com a super-humanidade sagrada, da qual sempre tem falado toda lenda universal, enquanto não soubermos superar o sexo, como o fazem os Mahatmas.

Esses Mestres de compaixão são os fiéis guardadores do Santo Graal, ou seja, da Pedra Iniciática, a suprema religião-síntese, que foi a primitiva da humanidade.

Falamos claro e sem enganos de que o sexo é o centro de gravidade de todas as atividades humanas. Dessa forma, quando o homem encontra a sua companheira sexual, a sociedade tem início.

Mecanicidade é diferente. Nós, os gnósticos, rechaçamos o automatismo inconsciente. A mecanicidade do sexo é, obviamente, infrahumana. Nós queremos ação consciente.

A regra seguida habitualmente (pela maioria dos seres humanos) consiste no fluir da energia sexual de cima para baixo, de dentro para fora. Entretanto, fazer a energia criadora do Terceiro Logos retornar para dentro e para cima significa, de fato, entrar no caminho bendito da regeneração, uma vez que essa é, precisamente, a boa Lei do Santo Graal.

A lança com a qual o centurião chamado Longinus ferira cruelmente o costado do adorável, no monte das caveiras, desempenha também um grande papel em incontáveis tradições do mundo asiático, já que o seu simbolismo, acima exposto, é tido como instrumento esotérico de salvação e de libertação.

O Venerável Amfortas, grande senhor, Rei do Graal, sucessor do velho Titurel, outrora ferido pelo sexo, phalo ou lança, quando foi vítima pela sedução sexual, somente pôde ser curado com a mesma haste que o feriu.

Numa seqüência lógica, podemos deduzir que aquele bom senhor de tantas amarguras teve que trabalhar intensamente na Frágua Acesa de Vulcano.

Transmutar é o melhor e isto jamais ignoraram as matronas romanas, que se desenvolveram sob a tutela da Deusa Juno.

Em meio do profundo torpor da noite dos séculos dorme a legendária cidade dos Sabinos, fundada em boa hora por Médio Fidio ou Himmela. Dizem velhas tradições árias que essas boas pessoas conheceram a fundo os mistérios sexuais da lança.

Agora e com estas insólitas afirmações poderão nossos amados leitores gnósticos compreender o motivo pelo qual os heróis eram premiados com uma pequena haste ou lança de ferro.

Hastapura era o nome da referida haste. Isto nos lembra a cidade sagrada Hastinapura, símbolo vivente da Jerusalém Celestial.

CAPÍTULO XV

A pedra filosofal

Um it sobre a maravilhosa pedra: qual é o seu profundo significado? Oh! casto clérigo – cantavam os bardos evocadores do Gaedhil ou da Galícia pré-histórica irlandesa – ao falarem de suas gloriosas tradições aos sacerdotes católicos que iam evangelizá-los.

Sua profunda significação mágica e sublime, quem poderá descobri-la e revelá-la?

Ninguém senão Ele, o Escolhido, poderá decifrar o Mistério da Pedra e de seu it.

Tratando-se destes sacros portentos que assombam ao místico, não resulta em verdade incongruente o fato da citada Pedra transformar-se em cratera, Vaso Hermético ou Cálice de infinitos esplendores.

De onde vem, pois, tanta perplexidade, vacilação e incerteza, pelo poema de Gheretien de Troyes? (século XII).

Se o Santo Graal é uma pedra preciosa trazida a Terra pelos anjos ou devas inefáveis e posta sob a zelosa custódia de uma Fraternidade secreta, isso não é obstáculo para que tal Gema Celeste assuma a esplêndida forma do Vaso de Hermes.

Aqui vemos a pedra bendita que o patriarca Jacob, vivíssima encarnação do anjo Israel, ungira outrora com o azeite sagrado... porfia iniciática dos colégios esotéricos, Pedra Filosofal dos velhos alquimistas medievais, pedra de tropeço e rocha de escândalo, como dissera outrora o Hierofante Pedro ou Patar.

Transcrevemos neste capítulo, com paciência e profunda serenidade, o texto autêntico de Wolfram de Eschenbach, relativo à citada pedra e à misteriosa fraternidade que a custodia:

“Esses heróis estão animados por uma Pedra.
 Não conheceis sua augusta e pura descida?
 Chama-se lápis-electrix (Magnes).
 Por ela pode realizar-se toda maravilhosa, (Magia)
 Ela qual a Fênix que se precipita nas chamas,
 Renasce de suas próprias cinzas,
 pois que nas mesmas chamas renova sua plumagem
 e brilha rejuvenescida, mais bela do que antes.
 Seu poder é tal, que qualquer homem,
 por infeliz que em seu estado fora,
 se contempla esta Pedra,
 em vez de morrer como os demais
 já não conhece idade,
 nem por sua cor, nem por seu rosto;
 e seja homem ou mulher,
 gozará da dita inefável
 de contemplar a Pedra
 por mais de duzentos anos”.

Jesus, o Grande Cabir, disse: “A pedra (sexo) que os edificadores (religiosos) rejeitaram veio a ser cabeça do ângulo”. O Senhor assim o fez e isto é coisa maravilhosa aos nossos olhos”.

Além do tempo e da distância, Klingsor, o mago negro, disputou-a, porém teve-a por tabu ou pecado.

Escrito está com palavras de fogo no Drama Wagneriano que a aguda espada rejeitou violentamente a Pedra bendita.

Porém, o Mestre Klingsor, melindroso e chorão como poucos, depois deste tremendo desatino, estendeu suas ensangüentadas mãos suplicantes para o Graal. É óbvio que o guardião, indignado, o rejeitou com a ponta terrível da espada.

Contam os antigos que além, muito longe, onde começa a terra voluptuosa dos pagãos, Klingsor, o Senhor das Trevas, aprendeu a odiar o sexo.

É ostenShiva sua erudição livresca no ermo do penitente disciplinado.

Acreditou o infeliz cenobita numa possível mutação transcendental, mediante a eliminação do instinto sexual.

Sonho impossível, espelinho inútil, reverência absurda desse exótico anacoreta, ínclito varão, notável cavaleiro, estranho e contraditório.

Eremita paradoxal, presumindo santidade; puritano tonto, presumindo-se um iluminado.

Adorou Shiva, o Terceiro Logos, o Espírito Santo. No entanto, cuspiu toda sua baba difamatória sobre a Nona Esfera (o sexo).

Trabalhou tenazmente com múltiplos exercícios pseudo-esotéricos e flagelou-se horrivelmente até extenuar-se.

Vestiu-se com imundos farrapos de mendigo, cobriu com cinzas sua cabeça, deitou sobre sacos seu corpo mortificado.

Insuportável vegetariano, foi o criador de uma religião de cozinha; dizem os que o viram que jamais bebeu vinho, nem sidra.

Guiou outras pessoas quando maior necessidade tinham de sua orientação, porém nunca se preocupou em eliminar o fariseu interior.

Todo o seu esforço foi em vão. Rejeitada a batalha iniciática fecharam-se ante o indigno as portas maravilhosas de Monte Serrat transcendental.

CAPÍTULO XVI

Lúcifer

Prometeu, o deus grego, é o Maha-Asura, o Lúcifer hindustânico que se rebelou contra Brahma, o Senhor, por cuja razão Shiva, o Terceiro Logos precipitou-o no Pátala inferior.

O Dante florentino, ínclito discípulo de Virgílio, exímio bardo coroado de Mântua, em boa hora encontra a Dite, Prometeu Lúcifer na Nona Esfera, obviamente no centro da terra, no poço profundo do universo, “no lugar onde as sombras encontravam-se cobertas de gelo e eram translúcidas como lâ de vidro”.

O Maha-Asura encadeado ou acorrentado fatalmente à severa rocha do sexo, passa cruelmente por indescritíveis amarguras; as feéricas chamadas da luxúria o torturam de forma espantosa. O abutre insaciável do raciocínio inútil corrói-lhe as entranhas.

Prometeu, Lúcifer, é o fogo misterioso desprendido do Logos Solar e fixado sabiamente no centro da terra pela força da gravidade e pelo peso ou pressão da atmosfera.

Está escrito em caracteres de ouro no livro da vida: “O ingrediente superior do Anima Mundi é o Phosforos Luciférico”. Como corolário asseveramos o seguinte: o estéril trabalho de Mimo em sua forja; o fracasso rotundo dos poderes criadores advém quando o fogo se apaga.

O ardente crepitar do fogo elemental dos sábios sob o crisol alquimista é o axioma da filosofia hermética.

Inri (Ignis, Natura, Renovatur Integra): “O fogo renova incessantemente toda a natureza”, tu o sabes.

Exclua-se de Lúcifer, o Maha-Asura no Sexo-Yoga, e observe-se após o que sucede... contemple-se o fracasso.

Na aurora resplandecente do Mahanvantara, quando o homem e a cadeia terrestre iam surgir, produziu-se, como por encanto da presença do Logos, um Anjo (à sombra do Senhor), pleno de desejo progressivo e óbvio que o Divino Arquiteto do Universo deu-lhe o domínio dos mundos-infernos.

Sem dúvida, o semblante superior desse vil gusano que atravessa o coração do mundo é Ioan, Swan, Choan, João, o Verbo, o Exército da Voz, o logos.

Prometeu-Lúcifer descendo ao profundo Averno para livrar as vítimas de suas torturas recorda-nos Hércules, o deus solar, baixando ao Hades ou Cova da Iniciação para salvar as almas perdidas.

Lúcifer é a energia ativa e centrífuga do universo, fogo, vida, auto-independência, rebeldia psicológica.

O inferno de sua impetuosidade revolucionária é a expansão vital da nebulosa para converter-se em novas unidades planetárias.

Prometeu-Lúcifer rouba valorosamente o Fogo Divino para auxiliar-nos na senda da insurreição espiritual.

Lúcifer é o guardião da porta e das chaves misteriosas do Santuário para que nele penetrem apenas os unguídos, possuidores do segredo terrível de Hermes.

O resplandecente Senhor das Sete Mansões Gloriosas, conhecido com os nomes sagrados de Lúcifer, Prometeu, Maha-Asura, é certamente o esplêndido Ministro do Logos Solar.

Bem sabem os Sete Senhores do Tempo (os Sete Grónidas), que a Lúcifer-Sabbaoth foi-lhe encomendada a espada e a balança da Justiça Cósmica, pois que é norma do peso, a medida e o número; o Horus, o Ahuramazda.

Prometeu-Lúcifer pondo seu Verbo na boca do Titã adormecido, referindo-se aos míseros mortais, exclamou com todas as forças de sua alma:

“Para que não se afundassem, arrebatados ao tenebroso Hades,
Por isto, terríveis torturas me oprimem,
Cruel sacrifício, que a lástima move,
Eu que aos mortais compadeci...”

O coro observa atentamente:

“Grande benefício foi o que aos mortais outorgastes!”

Lúcifer-Prometeu contesta:

“Sim, e além disso lhes dei o fogo”.

Coro: “Que fogo chamejante esses seres efêmeros possuem?”

Prometeu: “Sim, e por ele muitas artes com perfeição aprenderam”.

Porém, é fácil compreender que com as artes que auto-enaltecem e dignificam o homem, o fogo luciférico recebido tem se tornado a pior das maldições. O elemento animal e a consciência de sua posse transformaram o instinto periódico em animalismo e sensualidade crônica. Isto é o que ameaça a humanidade como pesado manto funerário. Assim, surge a responsabilidade do livre arbítrio; as paixões titânicas que representam a humanidade em seu aspecto mais sombrio.

Em Mensagens Natalinas anteriores já falamos sobre os aspectos tenebrosos do Fogo Luciférico. Resta-nos dizer agora que esse fogo não é bom

nem mal; tudo depende do uso que dele façamos. Nisto, precisamente, acham-se baseados tanto o pecado quanto a redenção.

Ah!... Se Amfortas, o Rei do Graal, exímio sucessor do velho Titurel, houvesse aproveitado o instante régio, o momento terrível da paixão sexual. Se nesses momentos de suprema voluptuosidade houvesse empunhado sua lança sagrada firmemente, o Mago perverso não teria podido arrebatá-lo a Haste Santa.

Porém, aquele notável senhor, apesar de conhecer o segredo dos Elohim, o Mistério do Fogo Criador, caiu rendido nos braços de Kundry, Herodias.

CAPÍTULO XVIII

Anjos e diabos

O ultramoderno Lúcifer-Prometeu, involucionando espantosamente no tempo, converteu-se agora em Epitemeu: o que se vê somente após o acontecimento, porque a gloriosa filantropia universal do primeiro degenerou-se há muitos séculos em interesse e adoração próprios.

Oh, Deuses Santos! Quando poderemos romper estas cadeias que nos atam ao Abismo do mistério?

Em que época da história do mundo ressurgirá o brilhante Titã, livre de outrora no coração de cada homem?

Morrer em nós mesmos é essencial se verdadeiramente ansiamos com todas as forças da alma harmonizar as duas naturezas: Divina e Humana em cada um de nós.

Invulnerabilidade ante as forças titânicas inferiores, impenetrabilidade em grande escala, somente são possíveis eliminando-se integralmente os nossos defeitos psicológicos, esses horríveis Diabos Vermelhos mencionados no livro da Morada Oculta.

Seth, o ego animal, com todos os seus sinistros agregados subjetivos sabe ser terrivelmente maligno.

Escrito está com carvões acesos no tremendo Livro do Mistério que o Dom Luciférico, terrível como nenhum outro, tornou-se mais tarde, para desgraça nossa e de todo este aflito mundo, a causa principal, senão a própria origem do mal.

Zeus tempestuoso, o que amontoa as nuvens, representa claramente a hoste dos progenitores primários, os Pitris, os Pais que criaram o homem a sua imagem e semelhança.

Não ignoram os poucos sábios do mundo que Lúcifer-Prometeu, Maha-Asura, o doador do fogo e da luz, e acorrentado horrivelmente ao monte cáucaso e condenado à pena de viver, representa também os Devas rebeldes que caíram na geração animal no amanhecer da vida.

Citamos neste livro ardente do fogo, alguns desses Titãs caídos ao raiar da aurora.

Recordemos, inicialmente, Moloc, Anjo outrora luminoso, horrível rei manchado de sangue dos sacrifícios humanos e com as lágrimas dos pais e das desesperadas mães. Apesar dos sons de tambores e tímbalos, apenas eram ouvidos os clamores dos filhos, quando arrojados ao fogo, e imolados sem piedade por aquele execrável monstro, belo deus de outros tempos.

Os Amonitas o adoraram em Rabba e em sua úmida planura, em Argob e em Bassam, até as mais remotas correntes do Arno.

Conta a lenda dos séculos que Salomão, filho de David, rei de Sion, levantou um templo a Moloc no monte do opróbio.

Dizem os Sete Senhores do Tempo que posteriormente o velho sábio dedicou ao tal anjo caído um bosque sagrado no doce vale de Hinnom.

Fecunda terra perfumada que por tal motivo tão fatal, trocara desde então seu nome de Tofet e a negra Gehena, verdadeiro tipo de inferno. Seguindo Moloc, Homem-Anjo da arcaica Lemúria Vulcânica, onde os rios de água pura da vida emanavam leite e mel, vem Baal-Pehor, o obscuro terror dos filhos de Moab, que habitavam desde Aroer até Nebo e ainda muito além da parte meridional do deserto de Abarim.

Povos de Hesebom e Heronaim, no reino de Sión e além dos florescentes vales de Sibma, atapetados de vinhedos, e em Elealé, até o lago Asphaltites.

Espantoso, esquerdo, tenebroso Baal Pehor, em Sittim incitou os israelitas durante sua marcha pelo Nilo a que fizessem lúbricas obrigações, que tanto mal acarretou-lhes.

Desde ali este Elohim caído entre os vermelhos incêndios luciferinos astutamente estendeu suas lascivas orgias tenebrosas até o próprio monte do escândalo, muito próximo do bosque do homicida Moloc.

É óbvio que assim ficou estabelecida a concupiscência abominável ao lado do ódio, até que o piedoso Josias os arrojou ao inferno.

Com estas divindades terrivelmente malignas que trazem os nomes indesejáveis de Baal e Astarot, e que no velho continente Mu foram homens exemplares, anjos humanizados, socorreram as delícias ribeirinhas banhadas pelas águas tormentosas do antigo Eufrates até a torrente que separa o Egito da terra da Síria.

Continuando, depois, em ordem sucesShiva, aparece Belial. Desde o Empíreo certamente não tem caído um espírito mais impuro, nem mais grosseiramente inclinado ao vício, que essa criatura que nos antigos tempos lemúricos fora realmente um Mestre, ou Guru Angélico de inefáveis esplendores.

Esse demônio terrível em outros tempos não tinha templos, nem lhe eram oferecidos sacrifícios em nenhum altar. Entretanto, ninguém está mais presente do que ele nos templos e nos altares.

Quando o sacerdote torna-se ateu, como os filhos de Eli, que infelizmente encheram de prostituições e de violência a casa do Senhor, convertem-se, de fato, em escravos de Belial.

Hierofante, sublime das épocas arcaicas de nosso mundo, anjo singelo, agora perverso Demônio-Luciférico, que reina também nos palácios e nas cortes faustosas e nas cidades dissolutas, onde o ruído do escândalo, da luxúria e do ultraje eleva-se sobre as mais elevadas torres. E quando a noite obscurece as ruas, então vagueiam os filhos de Belial plenos de insolência e de vinho.

Testemunhas dele são as ruas de Sodoma e aquela noite horrível em que uma porta de Gaaba expôs-se uma matrona para evitar um rapto mais asqueroso.

Inspirem-me musas! Falem-me deuses! para que meu estilo não desdiga da natureza do assunto.

E que direi agora de Azazel, glorioso Querubim, homem extraordinário da terra antiga?

Oh, quanta dor! Essa criatura excelente também caiu na geração animal... Que terrível é a sede da luxúria sexual!

O caído arranca da haste brilhante o sinal imperial. Esta, estendida e agitada ao vento, brilha como um meteoro, com as pérolas e o rico brilho do ouro que desenham nela as armas e os troféus seráficos.

E vem após Mammon, o menos elevado dos Homens-Anjos da antiga Arcádia, igualmente caído na geração bestial.

Ele foi o primeiro que ensinou aos habitantes da terra a saquearem o centro do mundo, como assim o fizeram extraindo das entranhas de sua mãe alguns tesouros que valeriam mais se ficassem ocultos para sempre.

A gente cobiçosa de Mammon abriu em breve uma larga ferida na montanha e extraiu de seu seio grandes lingotes de ouro. E, quanto ao anjo Mulciber que diremos agora? Não foi verdadeiramente menos conhecido nem careceu jamais de adoradores fanáticos na antiga Grécia, isso o sabem os divinos e os humanos.

A fábula clássica refere-se como foi precipitado do Olimpo, arrojado pelo irritado Júpiter, por cima dos cristalinos muros divinais; de nada serviu-lhe haver elevado altas torres ao céu.

Homem genial da raça purpúrea no continente Mu, caído nos Abismos da paixão sexual.

E concluindo esta pequena lista de “Deidades” fulminadas pelo raio da Justiça Cósmica, é necessário dizer que de nenhuma maneira faltam no Pandemonium, a grande capital de Satanás e de seus pares, Andramelek, de que tanto temos falado em nossos passados livros gnósticos, e Asmodeu, seu irmão, dois resplandecentes Tronos do céu estrelado de Urânia, caídos também na geração animalesca.

Homens exemplares, deuses com corpos humanos na terra de Mu, revolvendo-se agora abjetos no leito de Procusto.

A hoste Luciférica-Crística que encarnou na Lemúria arcaica, induzida por aquele Nêmesis ou Karma Superior (que controla os inefáveis e que é conhecido como Lei da Katância), cometeu o erro de cair na geração animal. Nefasta foi à humana espécie a queda sexual dos Divinos Titãs, que não souberam usar o Dom de Prometeu e a rolaram ao Abismo.

Nossos salvadores, os Agnishvatta, os Titãs superiores do fogo luciférico, não podem jamais ser enganados. Eles, os brilhantes filhos da aurora, sabem muito bem distinguir o que é uma queda e o que é uma descida. Alguns equivocados sinceros empenham-se agora em justificar a queda angelical.

Lúcifer é, metaforicamente, o archote condutor que ajuda o homem a encontrar sua rota através dos recifes e dos bancos de areia da vida.

Lúcifer é o Logos em seu aspecto mais elevado, e o adversário em seu aspecto inferior, refletindo-se ambos em nós e dentro de cada um de nós. Lactância, falando da natureza de Cristo, faz do Logos, o Verbo, o primogênito irmão de Satã e a primeira de todas as criaturas.

Entre a grande tempestade do fogo luciférico combatem-se mutuamente esquadrões de anjos e demônios (protótipos e antítipos). Se aquele bom Senhor Amfortas, Rei do Santo Graal, tivesse sabido usar habilmente o Dom Luciférico no instante supremo da tentação sexual, é ostensível que haveria passado por uma transformação radical.

CAPÍTULO XIX

O bálsamo precioso

Kundry Herodias, qual Magdala hebraica de outros tempos, traz um frasco delicioso da Arábia exótica.

Amfortas, o ínclito varão do Santo Graal, com urgência pede um bálsamo precioso para sanar seu dolorido coração.

Passagem mirífica no Drama Wagneriano que deveria ser esculpida gloriosamente em mármore com letras de ouro.

Cristalina concomitância, neste caso, é a do grande Cabir Jesus ungido pela bela do palácio de Magdala.

“Boa obra me tens feito”, disse o adorável. “Sempre tereis os pobres convosco e, quando quiserdes, podereis fazer o bem; mas a mim nem sempre me tereis”.

Esta fez o que podia, posto que se antecipara a ungir seu corpo para a sepultura. Mulher de encantos irresistíveis, quebrando o vaso de alabastro para derramá-lo sobre a cabeça do terno Rabi da Galiléia.

Escrito está, com palavras de mistério, que somente a mulher-símbolo, a Satã original, protótipo do que existe de mais excelso, a par do que existe de mais abjeto na terra, é a única que realmente tem o poder de ungir-nos para a morte.

Compreensão e eliminação são radicais se, de fato, queremos morrer em nós mesmos. Desintegrar os múltiplos agregados psíquicos (ou defeitos), que num horripilante conjunto constituem o Ego Animal, não é, verdadeiramente, uma tarefa demasiado fácil, tu o sabes.

Melhor vos digo, é beber do licor feminino que é licor de mandrágoras. Se o beberes jamais errarás o caminho.

Defeito descoberto de forma íntegra deve ser suprimido, separado, eliminado sob os encantos de Eros.

Não esqueças tua Mãe Divina Kundalini: Ísis, Cibeles, Tonantzin, Maria, Adônia, Insoberta.

O sexo é vaso santo. Ponde, no entanto, só um pensamento puro, pois atrás de cada beijo deve haver uma oração, atrás de cada abraço um rito de mistério. Na cúpula sagrada pedi e se lhes dará, batei e se vos abrirá. Aquela a quem nenhum mortal levantou o véu eliminará então o indesejável, o abominável, e assim morrerás de instante a instante.

Levantai bem vossa taça no festim do amor e cuidai-vos para não verter nem mesmo uma gota do precioso vinho.

Não derrameis o Vaso de Hermes. Embriaga-te com beijos e ternuras sob a sombra da árvore do conhecimento, porém não coma as maçãs de ouro do Jardim das Hespérides...

CAPÍTULO XX

Absurda justificação

Delírio extraordinário de suprema amargura é no qual Lúcifer-Prometeu exclama:

“Ó Éter Divino, voadores ventos...
Olhai que eu, um Deus, de outros Deuses soffro.
Porém, o que digo? Claramente adivinhava
o que tem de acontecer...
Convém agora....

Esta sorte fatal soffrer constante
já que a Lei do Hades é invencível...

Com quanta dor, ó Deuses, tenho lido por aí num certo livro que não menciono um parágrafo, que literalmente diz: “A hoste que encarnou numa parte da humanidade, ainda que induzida a isso pelo Karma, ou Nêmesis, preferiu o livre-arbítrio, a escravidão pasShiva, a dor e até a tortura intelectual consciente, durante o transcurso de miríades de tempos, a beatitude insinuadora, imbecil e vazia”.

E continua o citado autor dizendo enfaticamente: “Sabendo que semelhante encarnação era prematura e não estava no programa da natureza, Prometeu sacrificou-se pela hoste celestial para beneficiar, com o seu sacrifício, uma parte da humanidade”.

Este fato nos leva ao mito primordial de todas as antigas teogonias, qual seja, o da rebeldia celeste ou dos Anjos caídos, esses Titãs que se atrevem a lutar até contra os Deuses Santos.

Seres inefáveis, divinos, convertidos em homens. Deidades reencarnando-se em corpos humanos.

Vã ilusão é confundir-se uma queda com uma descida!

Esses deuses não desceram, caíram! E isto é diferente.

Com justa razão as teogonias apresentam estes Logos Divinos como castigados.

O Mito Universal considera-os fracassados, castigados e caídos ao serem obrigados a viver com suas tenebrosas legiões nessa região inferior, inferno, como chamamos o interior de nosso organismo planetário, Terra (*Veja o capítulo XVIII do presente livro*).

Está escrito no Livro da Lei que um terço da hoste dos chamados Dhyanis ou Arupas foi simplesmente condenado pela Lei do Karma, ou Nêmesis, a renascer incessantemente em nosso aflito mundo...

Bilhões de auras, alentos ou sopros horripilantes, involucionam agora nos mundos infernos, entre o pranto, as trevas e o ranger de dentes.

Infelizes criaturas do Averno caindo nos fundos de densidade sempre crescente, retornando ao caos primitivo.

Almas perdidas, ansiando impacientes pela morte segunda, para escaparem do mundo subterrâneo...

Essências preciosas aprisionadas dentro de todos os Egos abismais; chamadas divinais sofrendo...

Budatas dos anjos caídos desejando reingressar aos paraísos elementais da natureza...

Auras, sopros, recomeçando depois a marcha evolutiva que os conduzirá novamente, partindo da pedra até ao homem...

Sabem, tanto os divinos quanto os humanos, que nada ganhou a espécie humana com a queda destes Titãs do Fogo...

Onde estão Moloc, Andramelek, seu irmão Asmodeu, Belial, Baal Pehor, Javé? Luminares dos antigos tempos, hoje horripilantes demônios?

E onde está o ouro da mente?

Os humanóides racionais nunca foram dotados de Manas (Corpo Mental). O To Soma Heliakon, o Corpo de Ouro do Homem Solar, os veículos supra-sensíveis da alma devem ser criados na Forja Acesa de Vulcano, tu o sabes...

Na simbólica maçã do Paraíso, das Hespérides ou de Pippala, o doce fruto proibido do sexo, encontra-se a chave de todo o poder.

Substituindo os veículos paradisíacos que o animal intelectual crê possuir, apenas existe dentro de cada criatura racional o Ego, o Mim Mesmo, Mefistófeles.

CAPÍTULO XXI O Papapurusha

Em nome das 100 mil virgens do mistério inefável que se oculta no âmago de todas as idades, convém falemos um pouco sobre o famoso Papapurusha hindu (o Eu).

Os velhos ermitãos da sagrada terra da Ganges costumam visualizá-lo mentalmente no lado esquerdo da cavidade do estômago, medindo a altura do dedo polegar. Imaginam-no com aspecto feroz, olhos e barba ruiva, sustentando espada e escudo, com o cenho franzido, representação simbólica de todos os nossos defeitos psicológicos.

Místico momento de exótica beatitude oriental é aquele quando os Anciões anacoretas cantam os seus Mantras Sagrados e concentram-se estáticos na região umbilical.

Nesse instante, o yogue deve pensar no Papapurusha, imaginando-o reduzido a cinzas.

Lágrimas de profundo arrependimento, pelas faltas cometidas outrora, caem dos olhos do penitente e no silêncio santo suplica a sua Mãe Divina Kundalini que elimine de seu interior determinado defeito psicológico.

Assim, verdadeiramente, o Sadhaka vai morrendo misticamente de instante a instante. Somente com a morte advém o novo.

O Papapurusha é o Ego lunar, o Mefistófeles de Goethe, o espantoso Kingsor da dramaturgia wagneriana.

Sob a luz meridiana acentua-se o fato do Papapurusha não ter legítima individualidade, não ser o centro único de comando, não ser um raio particular.

Cada idéia, qualquer sentimento, uma ou outra sensação – eu amo, eu não amo – é, sem dúvida, a reação de diferentes “eus”.

Esses múltiplos Eus não estão ligados entre si, nem coordenados. Cada um depende realmente de várias mudanças exteriores.

Determinado Eu segue outro. Alguns se dão ao luxo de aparecer acompanhados de outros, mas não existe uma certa ordem nesse sistema, e nem mesmo sistema.

Alguns caprichosos grupos de “Eus” implicantes e gritalhões possuem, entre eles, certos laços psíquicos constituídos de associações naturais de tipo totalmente accidental: recordações fortuitas ou semelhanças especiais.

Cada uma dessas frações do horrível Papapurusha, cada um desses agregados psicológicos, os Eus, não representa, em dado instante, mais do que uma ínfima parcela de todas as nossas funções psicológicas. Entretanto, particularmente, qualquer tipo de “Eu” acredita sinceramente representar o todo.

Quando o ser humano diz o vocábulo “Eu” tem a falsa impressão de falar de si mesmo em seu total aspecto, ser íntegro. Mas realmente, naquele momento, quem está falando é uma das inúmeras frações subjetivas do Papapurusha.

Momentos depois, pode esquecer o que disse e expressar com idêntica convicção qualquer idéia contrária, simples manifestação de outro “Eu”.

As múltiplas contradições tipicamente psicológicas são baseadas no Eu Pluralizado, que são as várias facetas do Papapurusha.

O aspecto mais grave destes processos psíquicos é que realmente o humanoíde racional, na maioria dos casos, não acredita no último “Eu” que falou, enquanto um novo “Eu”, às vezes, sem relação entre eles, não tenha expressado uma opinião mais forte.

A consciência, aprisionada em todas as frações subjetivas do Papapurusha, dorme profundamente, constituindo-se o subconsciente.

Necessitamos transformar o subconsciente em consciente e isto somente é possível aniquilando-se o Papapurusha.

Finalizando o presente capítulo, convém analisarmos algumas palavras muito interessantes do Sânscrito. Vejamos:

Ahamkita Bhava: o significado desses dois termos hindus é condição egóica de nossa própria consciência.

A consciência, introduzida nesses agregados psíquicos constituintes do Papapurusha, processa-se em função de seu próprio aprisionamento.

Atma-Vidya: palavra misteriosa, termo sânscrito de profunda significação, que se traduz como consciência desperta, liberta do Papapurusha, mediante a aniquilação total deste último.

A consciência aprisionada entre todos os elementos subjetivos do Papapurusha não goza de autêntica iluminação, pois se encontra em estado de torpor milenar e dorme; é sempre vítima de Maya (as ilusões).

Atmashakti: termo sânscrito divinal. Com esta palavra de ouro assinalamos, indicamos o poder absolutamente espiritual.

Conseqüentemente, podemos e devemos enfatizar a idéia clássica de que a consciência não pode gozar do legítimo poder espiritual enquanto não se libertar totalmente de sua condição egóica.

O Parsifal wagneriano, protegido com as armas de Vulcano, reduziu à poeira cósmica o monstro de mil faces, o famoso Papapurusha. Somente assim pôde reconquistar a inocência na mente e no coração.

Certamente, em remoto passado, o filho de Herzeleide também havia ferido mortalmente o cisne Kalahansa e qualquer um compreenderá que ele, quando entrou nas terras do Montsalvat, já não possuía luxúria. Era puro, havia-se convertido num santo, havia conquistado o Atma-Vidya.

CAPÍTULO XXII

Desperta

Ó pobres humanóides intelectualizados! Despertai de vosso espantoso sono de Ajnana, a Ignorância!

Coroados com o laurel bendito da poesia, convém que distribuamos da ânfora de ouro da sabedoria o doce vinho.

Em nome do Iod-Heve, o Pai que está em secreto, e da Divina Mãe Kundalini, devemos praticar, tu e eu, querido leitor.

Ah, se compreendesses o que é estar desperto!.

Escutai, digo-vos, ao Dhammapada, a obra sagrada do Buda Sidarta Gautama:

“O desperto tem por suprema penitência ser paciente; pelo supremo Nirvana, o ser sofrido, porque ele não é um anacoreta que golpeia os demais; nem é um asceta que injurie os demais.

“Até os deuses invejam aqueles que são despertados. Não são esquecidos, dão-se à meditação, são sábios e se deleitam no sossego do isolamento do mundo”.

Não cometer pecado, fazer o bem e purificar a própria mente, este é o ensinamento de todos os que estão despertados.

Quem acata aquele que é digno de ser acatado, aquele que despertou os seus discípulos, aqueles que subjugaram o hóspede maligno (o ego animal), e atravessado a torrente da tristeza acata aos que encontraram a libertação e não conhecem temores, adquire méritos que ninguém pode aquilatar.

Em verdade, vivemos felizes se não odiamos aos que nos odeiam, se entre os homens que nos odeiam habitamos livres de rancor.

Em verdade, vivemos felizes, se nos guardamos de afligir os que nos afligem; se, vivendo entre homens que nos afligem, nos abstermos de afligi-los.

Em verdade, vivemos felizes, se estamos livres de cobiça entre os cobiçosos; morreremos livres de cobiça entre homens que são cobiçosos.

Em verdade, vivemos felizes ainda mesmo que a nenhuma coisa chamemos nossa. Seremos semelhantes aos deuses resplandecentes, que se nutrem de felicidade.

Quatro coisas ganha o temerário que cobiça a mulher de seu próximo: demérito, leito incômodo (imundo, além disso), castigo e, finalmente, inferno.

Os homens prudentes que a ninguém injuriam e que fiscalizam constantemente seu próprio corpo, irão ao lugar onde não existe mudança, o Nirvana, onde, uma vez chegados, não padecerão jamais.

Aqueles que permanecem sempre vigilantes, que estudam dia e noite e se esforçam para chegar ao Nirvana, acabarão por extirpar suas próprias paixões.”

Múltiplos agregados de tipo subjetivo – os “Eus” – dão certas características às nossas paixões. Extirpar ou eliminar esses defeitos psicológicos é radical para o despertar da Consciência. Compreensão e eliminação são indispensáveis para descartar toda essa variedade de elementos subjetivos que constituem o Ego, o Mim Mesmo, o Si Mesmo.

Porém, a compreensão não é tudo: uma pessoa poderia compreender integralmente o que são as três formas clássicas da ira: cólera corporal, cólera de ânimo e cólera da língua e, no entanto, continuar com elas.

Poderíamos até dar-nos ao luxo de controlar o corpo, a vontade e a mente; sem que isto signifique a eliminação.

Quando se quer extirpar paixões deve-se apelar para um poder superior. Refiro-me ao poder serpentino solar, sexual, que se desenvolve no corpo do asceta.

A palavra misteriosa que define o poder é Kundalini, a serpente ígnea de nossos mágicos poderes, a Mãe Divina.

Essa energia criadora particulariza-se em cada criatura.

Podemos e devemos enfatizar a idéia transcendental de uma Mãe Cósmica particular em cada ser humano.

Kundry, Herodias, Gundrúgia, a mulher por antonomásia dormindo na terra do Monsalvat deve despertar de seu sono milenar.

CAPÍTULO XXIII

A força serpentina

Quando falamos docemente no horto puríssimo da Divina Linguagem, que como um rio de ouro corre sob a espessa selva ensolarada, torna-se para nós impossível esquecer a mágica sílaba “S”, a qual ressoa entre a relva como um silvo doce e suave.

Essa é a sutil voz, aquela que Elias ouviu no deserto. Apolônio de Tiana envolvia-se em seu famoso manto de lã para rogar aos deuses santos, pedindo o enigmático som.

A mística nota, a “S” mágica, conferia ao velho hierofante o poder para sair em astral conscientemente.

A sílaba “S” tem certa semelhança com a letra hebraica “Tsad”, enquanto a sigma grega, triforme, relaciona-se com a primeira e com Shin e Samek. Esta última quer dizer “amparo” e tem o valor cabalístico de 60. Foi-nos dito, e isto qualquer cabalista sabe, que Shin tem o valor de 300 e significa “dente”.

A soma destas duas letras equivale aos 360 graus do círculo e aos dias siderais do ano solar.

Porém, os gnósticos devem ir mais longe, inquirir, indagar, buscar, descobrir a íntima relação existente entre a serpente e a cruz.

A “S” (serpente) e o “T” (cruz) são dois símbolos esotéricos que se complementam.

A letra “S” é uma verdade jehovística e vedantina ao mesmo tempo; o poder serpentino ou fogo místico; a energia primordial ou Shakti potencial que jaz adormecida no centro magnético do osso coccígeo.

Muladhara é o nome sânscrito deste centro mágico; esta é a Igreja de Éfeso.

O Kundalini é a força primitiva do universo, o poder oculto, elétrico, que subsiste em toda matéria orgânica e inorgânica.

A conexão sexual do Phalo e do Útero formam a cruz. A Kundalini, a letra “S” mágica, a cobra, encontra-se intimamente relacionada com essa Cruz ou Tau. O fogo serpentino desperta o poder da Santa Cruz.

Em hebraico, “Tau” tem, precisamente, o significado maravilhoso da “Cruz”, terminando como vigésima segunda letra do alfabeto e com valor numérico de 400.

Torna-se fácil compreender que a vogal “U” é uma letra moderna, derivado de “V”; e a letra “G”, do “C”, pela urgente necessidade de se haver

uma distinção clara entre os dois sons, adquirindo, naturalmente, uma forma prática, idêntica à grega.

Observe-se muito atentamente essa curva maravilhosa que desce e sobe. A humilhação ou descida aos mundos infernos; ou a Nona Esfera (o sexo), que se faz necessária da exaltação ou sublimação.

A descida à Nona Esfera (o sexo) foi, desde os tempos antigos, a prova máxima para a suprema dignidade do hierofante. Hermes, Buda, Jesus, Dante, Zoroastro, tiveram que passar por essa terrível prova.

Quem quer subir, primeiro deve descer. Esta é a Lei. Toda exaltação é precedida sempre por uma humilhação.

Na Nona Esfera, Marte desce para retemperar a espada e conquistar o coração de Vênus. Hércules desce para limpar os Estábulos de Áugias; e Perseu para cortar a cabeça da Medusa com a sua espada flamígera.

O círculo perfeito com o ponto mágico, símbolo sideral e hermético do astro-rei e do princípio substancial da Vida, da Luz e da Consciência Cósmica é, sem dúvida, um emblema fálico poderoso e maravilhoso.

Este símbolo expressa claramente os princípios masculino e feminino da Nona Esfera.

O princípio ativo de irradiação e penetração complementa-se no nono círculo com o princípio passivo de recepção e absorção.

A Serpente Bíblica nos apresenta a imagem do Logos Criador ou Força Sexual que começa sua manifestação desde o estado de potencialidade latente.

O Fogo Serpentino, a Víbora Sagrada, dorme enroscada três vezes e meia dentro da Igreja coccígea.

Se refletirmos seriamente nessa íntima relação existente entre a letra “S” e a “Tau”, cruz, ou “T”, chegamos à conclusão lógica de que só mediante o Sahaja Maithuna (Magia Sexual) pode-se despertar a serpente criadora.

A “chave”, o segredo, tenho publicado em quase todos os livros meus anteriores e consiste em não derramar jamais o “Vaso de Hermes” durante o transe sexual.

Conexão do Lingam-Yoni (Phalo-Útero), sem ejacular jamais o Ens Seminis (a entidade do sêmen), porque nessa citada substância encontra-se latente todo o “Ens Virtutis” do fogo.

IAO é o Mantra fundamental do Sahaja Maithuna.

Cante-se cada letra separadamente no Laboratorium-Oratorium do Terceiro Logos (durante a cúpula sagrada).

A transmutação sexual do “Ens Seminis” em energia criadora é um legítimo axioma da sabedoria hermética.

A bipolarização desse tipo de energia cósmica no organismo humano foi, desde os antigos tempos, analisada nos Colégios Iniciáticos do Egito, México, Grécia e Índia.

A ascensão da energia seminal até o cérebro faz-se possível graças a certo par de cordões nervosos que, em forma de oito, desenvolvem-se à esquerda e à direita da espinha dorsal.

Chegamos, pois, ao Caduceu de Mercúrio, com as asas do espírito sempre abertas. O mencionado par de cordões nervosos jamais poderá ser encontrado com um bisturi, porque é de natureza etérica, tetradimensional.

Estas são as duas testemunhas do Apocalipse, as duas oliveiras, os dois candelabros que estão diante do Deus da Terra e se alguém os quiser danificar, “sai fogo da boca dos mesmos, e devora os seus inimigos”.

Na sagrada terra dos Vedas, este par de nervos é conhecido com os nomes de Idá e Píngala. O primeiro relaciona-se com a fossa nasal esquerda e o segundo, com a direita.

O primeiro destes dois famosos Nadis é de natureza lunar e o segundo, de tipo solar.

Alguns estudantes gnósticos surpreendem-se ao saber que Idá, sendo de natureza fria e lunar, tenha suas raízes no testículo direito; e que, sendo Píngala do tipo estritamente solar, prata, parta, realmente, do testículo esquerdo.

Não nos surpreendamos porque tudo na natureza baseia-se na lei das polaridades.

O testículo direito encontra seu antípólo exato na fossa nasal esquerda e o testículo esquerdo encontra o seu antípólo perfeito na fossa nasal direita.

A fisiologia esotérica ensina que no sexo feminino as duas testemunhas partem dos ovários.

Nas mulheres, a ordem deste par de oliveiras do templo inverte-se harmoniosamente.

Velhas tradições que surgem da profunda noite dos séculos dizem que quando os átomos solares e lunares do sistema seminal fazem contato no Tribeni, próximo ao cóccix, então, por indução elétrica, desperta-se uma terceira força mágica, o Kundalini, o fogo místico do arhat gnóstico.

Está escrito nos velhos textos da sabedoria antiga, que o orifício inferior do canal medular nas pessoas comuns e correntes encontra-se hermeticamente fechado. Os vapores seminais abrem-no para que a cobra sagrada penetre por ele.

Ao longo do canal medular processa-se um conjunto maravilhoso de variados canais: recordemos Sushumaná, o Vajra, o Chitra, o Centralis e o Brahma-Nadi. Por este último ascende o Kundalini.

É uma espantosa mentira afirmar-se que após haver encarnado o Jiva-Atma dentro do coração, a serpente sagrada empreenda a viagem de retorno até encerrar-se novamente no chacra Muladhara.

É uma horrível falsidade afirmar-se que a serpente ígnea de nossos mágicos poderes depois de haver gozado de sua união com Paramashiva, separa-se, iniciando a viagem de retorno pelo caminho inicial.

Esse retorno fatal, esta queda até o cóccix, somente ocorre quando o iniciado derrama o sêmen. Aí, então, ele cai fulminado sob o raio terrível da Justiça Cósmica.

A ascensão do Kundalini ao longo de seu canal espinhal realiza-se muito lentamente, de acordo com os méritos do coração. Os fogos do Córdias controlam a ascensão milagrosa da serpente sagrada.

Devi Kundalini não é algo mecânico como muitos supõem. A serpente sagrada desperta com o verdadeiro amor entre homem e mulher e jamais sobe pela espinha dorsal dos adúlteros e perversos.

É bom sabermos que quando Hadit, a Serpente Alada de Luz, desperta para iniciar sua marcha ao longo do canal medular espinhal, emite um som misterioso muito similar ao de qualquer víbora, quando assustada com um pau, o que nos faz recordar a mágica letra “S”.

A Kundalini movimenta-se, revoluciona-se e ascende dentro da aura maravilhosa do Maha Chohan.

Ao chegar o fogo sagrado à altura do coração abrem-se as asas ígneas do caduceu de Mercúrio e podemos penetrar em qualquer departamento do reino instantaneamente.

A subida do fogo sagrado ao longo do canal espinhal, vértebra após vértebra, grau após grau, é muito lenta.

Os trinta e três graus da Maçonaria Oculta de um Ragon ou de um Leadbeater correspondem a esta soma total de vértebras espinhais.

Quando o Alquimista derrama o Vaso de Hermes, refiro-me à ejaculação seminal, ocorre a perda de graus esotéricos, porque a Kundalini desce uma ou mais vértebras, de acordo com a magnitude da falta.

Amfortas, o venerável senhor do Santo Graal, entre os braços impudicos de Kundry, Gundrúgia, Herodias, a Eva tentadora da mitologia hebraica, derrama o Mercúrio da Filosofia Secreta, caindo fulminado com o Arcano dezesseis da Cabala.

A queda dos anjos rebeldes a ninguém beneficiou e a todo o mundo prejudicou, infelizmente. Se eles não houvessem derramado o Vinho Sagrado, muito diferente seria seu Nêmesis; a lira de Orfeu jamais teria caído sobre o pavimento do templo feita em pedaços.

Baixar à Nona Esfera não é proibido, mas indispensável, para toda exaltação. Porém, cair é diferente, e Amfortas caiu, tu o sabes.

Quando o Kundalini alcança o Sahasrara, o lotus de mil pétalas, situado na parte superior do cérebro, desposa-se com o Senhor Shiva, o Terceiro Logos, o Espírito Santo.

Está escrito com letras de ouro no livro do oculto mistério que o famoso Tattawa-Shiva-Sakti governa o Sahasrara (a Igreja de Laodicéia).

No Magistério do Fogo sempre somos assistidos, e assistimos periodicamente aos aspirantes.

A Universidade Adhyátmica dos sábios examina-nos pelos Elohim. Eles nos aconselham e ajudam.

Na medula e no sêmen acha-se a chave da salvação humana e tudo o que não for por ali é inútil perda de tempo.

Kundalini é a Deusa da Palavra adorada pelos sábios. Somente ela pode conferir-nos a iluminação.

Quando a Kundalini desperta e inicia sua ascensão sublime, para dentro e para cima, o Alquimista consegue seis experiências transcendentais, a saber: Ananda, uma certa felicidade espiritual; Kampan, hipersensibilidade elétrica e psíquica; Utthan, aumento na percentagem de consciência objetiva; Ghurni, intensos anseios místicos; Murcha, estados de lassidão ou relaxamentos espontâneos durante os exercícios esotéricos; Nidra, algum modo específico de sono que combinado com a meditação converte-se em Samadhi (êxtase).

Dar testemunho da Verdade jamais poderá ser um delito. Em minha condição de Kalki Avatara, ou Sosiosh, da nova Era de Aquário, declaro o seguinte:

“Com todos os múltiplos processos pseudo-esotéricos em voga, ensinados em diversas escolas, não é possível o despertar da Kundalini”.

O sistema fole, com todos os seus variados Pranayamas; as diversas Asanas e formas do Hatha Yoga; os Mudras, Bhaktis, Bandhas, jamais poderão manter em atividade o fogo serpentino.

As ígneas partículas que se escapam da flama sagrada durante certas práticas yóguicas não significam o despertar do Kundalini, porém muitos confundem as chispas com as chamas.

O fogo serpentino somente pode despertar e ascender com a Magia Sexual (Sahaja Maithuna).

O advento do fogo é o evento cósmico mais extraordinário. O ígneo elemento vem a transformar-se radicalmente, transformando-nos.

No instante em que escrevo estas linhas ardentes, vem-me à memória certa lembrança transcendental: uma vez, durante uma viagem incorpórea, em estado de êxtase, ou Samadhi, atrevi-me a interrogar minha Mãe Divina Kundali ni sobre o seguinte: “É possível que alguém no mundo físico possa auto-realizar-se sem a necessidade da Magia Sexual?”

A resposta foi terrível: “Impossível, filho meu!”

“Isso não é possível!”, disse-me com tanta veemência que, francamente, senti-me comovido.

O fogo serpentino é a “Dúada” mística; o desdobramento da unidade da “Mônada”; o feminino aspecto eternal de Brahma, “Deus Mãe”.

A serpente ígnea nos confere infinitos poderes, entre eles o Mukti da beatitude final e o Jnana da libertação.

CAPÍTULO XXIV

O milagre da transubstanciação

Voltemos à Lírica Horaciana e cantemos um pouco:

“A uma Ânfora de Vinho”

“O nata mecum consule Manlio.
Seu tu querellas sive geris iocos
Seu rixam et insanos amores
Seu facilem, pia testa, somnum.”

(Nascida comigo sob o cônsul Mânlio.
Ora inspiras querelas, ora torneios e zombarias,
Ora rixas de amigos ou loucos amores,
Ora tranqüilos sonhos, ânfora piedosa.)

“Quocumque lectum nomine Massicum
Servas, moveri digna bono die,
Descende, Corvino iubente
Promere languidiora vina.”

(O “másico” puro, digno de um grande dia.
Que fiel tens guardado. – Para quê? Não importa!
Brinda-o e desce – Corvino te chama,
Teu lânguido fluxo, mesquinho não contraias.)

“Non ille, quamquam Socraticis madet

Sermonibus, te negleget horridus:
Narratur et prisca Catonis
Saepe mero caluisse virtus.”

(Não te fará feroz por mais que o ingiras
De livros socráticos ao sabor, se embriaga,
Que o próprio Catão, o velho, recita; diz-se
Aquecendo com vinho sua virtude severa.)

“Plerumque duro; tu sapientium
Tu lene tormentum ingenio admoves
Curas et arcanum iocosum
Consilium retegis Lyaco.”

(Potro de gostoso tormento, fazes falar,
Aquele de tardio raciocínio e poucas palavras
Tu, à língua solta do sábio que encobre
Seus sonhos secretos e aflições ocultas.)

“Tu, spem reducis mentibus anxilis
Viresque et addis cornua pauperi,
Post te neque iratos trementi
Regum apices neque militum arma.”

(A Esperança retorna ao seio da Dúvida.
Ao pobre dá brios, e ele após alguns copos
Domina as coroas de reis iracundos
E de seus vassallos, as armas afronta.)

“Te Liber et, si laeta aderit Vênus,
Segnes que nodum solvere Gratiae
Viva e que producent lucernae.
Dum rediens fugat astra Phoebus.”

(Sim, Baco. Sim, Vênus acodem sorridentes.
Sim, advêm as Graças que unidas concedem:
Durarás ao brilho de lâmpadas fiéis
Até que os astros apaguem a Aurora.)

Na Missa Gnóstica encontramos o seguinte relato:

“(…) E Jesus, o Divino Grande Sacerdote Gnóstico, entoou um doce cântico em louvor do Grande Nome e disse aos seus discípulos: ‘Vinde a Mim e eles assim o fizeram’.

Então, dirigiu-se aos quatro pontos cardeais, estendeu seu tranqüilo olhar e pronunciou o nome profundamente sagrado “Lew”, abençoou-os e lhes soprou nos olhos.

Olhai para cima – exclamou. Já sois clarividentes. Eles então levantaram seus olhares para onde Jesus assinalara, e viram uma grande cruz que nenhum ser humano poderia descrever.

E o Grande Sacerdote disse:

Afastai a vista dessa grande luz e olhai para o outro lado.

Então viram um grande fogo, vinho e sangue.

(Aqui abençoa-se o pão e o vinho.)

E continuou: Em verdade vos digo que não trouxe nada ao mundo, senão o fogo, a água, o vinho e o sangue da redenção.

Trouxe o fogo e a água do lugar da luz, dali onde a luz se encontra.

Trouxe o vinho e o sangue da morada de Barbelos.

Depois de passado algum tempo, o Pai me enviou o Espírito Santo em forma de branca pomba, mas, ouvi-me: o fogo, a água e o vinho são para a purificação e o perdão dos pecados.”

O Evangelho de Taciano testemunha o sacramento do corpo e do sangue, dizendo:

“E Jesus tomou o pão e o abençoou.

E deu-os aos seu discípulos, dizendo: Tomai e comei, porque este é o meu corpo, que lhes é dado.

E, tomando o cálice, deu graças, e o ofereceu aos seus discípulos.

E disse: Tomai e bebei, porque este é o meu sangue que será vertido na remissão dos pecados.

E desde agora não beberei mais do fruto da videira até o dia em que o beba convosco no reino de meu Pai.

Fazei isto em minha comemoração.”

Lucas desvenda inteligentemente o profundo significado desta mística cerimônia mágica, dizendo:

“Chegou o dia dos pães sem fermento, no qual era necessário sacrificar o Cordeiro Pascal.

E Jesus enviou a Pedro (*cujo evangelho é o sexo*) e a João (*cujo evangelho é o Verbo*), dizendo: Ide preparar-nos a Páscoa, para que a comamos.”

O Nome Oculto de Pedro é “Patar” com suas três consoantes, que no alto esoterismo são radicais: “P”, nos recorda o Pai que está oculto, o ancião dos dias da cabala hebraica; “T” ou Tau, letra cruz, estudada em nosso capítulo anterior, famosa no Sexo-Yoga; e “Ra”, Fogo Sagrado, Divindade, Logos.

João descompõe-se nas cinco vogais I.E.O.U.A. (Ieouan, Swan, Choan, Ioan), o Verbo, a palavra.

Pedro morre crucificado na cruz invertida com a cabeça para baixo e os pés para cima, como se nos convidasse a baixar à Forja dos Ciclopes, à Nona Esfera, para trabalharmos com a água e o fogo, origem de mundos bestas, homens e deuses.

Toda autêntica Iniciação Branca começa por ali.

João, o inefável, recosta sua cabeça no coração do grande Cabir Jesus como que declarando: o amor alimenta-se com o amor.

É fácil compreender que o Verbo criador, em cilada mística, aguarda enroscado no fundo da arca o instante preciso de ser realizado.

Ao que sabe, a palavra dá poder. Ninguém a pronunciou, ninguém a pronunciará, a não ser aquele que a tiver encarnado.

No princípio era o Verbo e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus.

Está escrito com palavras de fogo no grande livro da existência cósmica que primeiro devemos percorrer firmemente o caminho de Pedro.

O Verbo que jaz oculto no âmago misterioso de todas as idades ensina, claramente, que depois é necessário caminhar pela senda de João.

Porém, dentro destas duas sendas divinas, existe um Abismo.

É indispensável ter uma ponte de prodígios maravilhosos entre os dois caminhos... e, após, morrer de instante a instante (morte mística).

Transmutar para falar no horto puríssimo da divina língua é, certamente, o profundo significado místico da Unção Gnóstica.

O pão e o vinho, a semente de trigo e o fruto da videira devem ser regiamente transformados na carne e no sangue do Cristo Íntimo.

O Logos Solar, com a sua vida pujante e ativa, faz germinar a semente para que a espiga cresça de milímetro em milímetro e, logo, encerrar-se como em um cofre precioso dentro da pétrea dureza do grão.

Os raios solares penetrando solenes na cepa da videira, desenvolvem silenciosamente até amadurecer no fruto santo.

O Sacerdote Gnóstico, em estado de êxtase, percebe essa substância cósmica do Cristo-Sol encerrada no pão e no vinho e atua desligando-a de seus elementos físicos para que os Átomos Crísticos penetrem vitoriosos nos organismos humanos.

Esses Átomos Solares, essas vidas ígneas, esses agentes secretos do Adorável, trabalham silenciosos dentro do Templo-Coração convidando-nos uma ou outra vez a trilharmos a Senda que nos conduzirá ao Nirvana.

É evidente e palpável a misteriosa ajuda dos Átomos Crísticos.

E resplandece a luz nas trevas e aparecem sobre a Ara os 12 pães da proposição, alusão manifesta aos signos zodiacais ou diversas modalidades da substância cósmica.

Isto nos faz recordar a décima segunda carta do Tarô, o Apostolado, o Magnus Opus, o liame da cruz com o triângulo.

Enquanto o Vinho deriva do fruto maduro da videira, é o símbolo maravilhoso do fogo, do sangue e da vida que se manifesta na substância, mesmo que as palavras Vinho, Vida, Videira tenham diferentes origens. Nem por isso deixam de ter certas afinidades simbólicas. Não de outra forma relaciona-se o Vinho com Vis, “Força”, e Virtus, “Força moral”, assim como Virgo, “Virgem” (a Serpente Ígnea de nossos mágicos poderes).

O Sahaja Maithuna (a Magia Sexual) entre Varão e Fêmea, Adam-Eva, no leito delicioso do amor autêntico, guarda, em verdade, sublimes concordâncias rítmicas com o ágape místico do grande Cabir Jesus.

O germem encantador da espiga sagrada tem seu expoente máximo e íntimo na humana semente.

O fruto sacrossanto da videira é realmente o emblema natural da vida que se manifesta com todo o seu esplendor na substância.

Transformar o pão (semente) em carne solar, e o vinho delicioso em sangue crístico e fogo santo é o milagre mais extraordinário do Sexo-Yoga.

O Corpo de Ouro do Homem Solar, o famoso To Soma Heliakon (síntese completa dos veículos crísticos), é carne, sangue e vida do Logos criador ou Demiurgo.

A vivente cristalização secreta da energia sexual na resplandecente forma desse corpo glorioso somente é possível com a Magia Amorosa.

Einstein, um dos luzeiros do intelecto, escreveu um sábio postulado, que literalmente enuncia: a massa se transforma em energia. A energia se transforma em massa.

Com a prática do Sahaja Maithuna podemos e devemos transformar o Ens Seminis em energia.

Nosso Modus Operandi Sexual nos permite transformar a energia criadora na carne gloriosa do corpo de ouro do Homem-Cristo.

Transformar o Pão em Carne e o Vinho (Vida) em Sangue Real, em Fogo Vivente e Filosofal, é realizar o milagre formidável da Transubstanciação.

O Parsifal wagneriano depois de muitas amarguras é conduzido sabiamente por seu Guru Gurnemanz até o Santuário Sagrado do Santo Graal com o evidente propósito de ensinar-lhe os Mistérios da Transubstanciação.

Do Céu de Urânia desce como por encanto um puríssimo raio de luz que, ao cair sobre a Divina Taça, torna-a resplandecente de cor purpúrea.

Amfortas, com o semblante transfigurado, ergue ao alto o Cálice (símbolo vivente do Yoni feminino), e muito lentamente o movimenta em todas as direções, bendizendo com o Pão e o Vinho para as mesas, enquanto os coros ditosos cantam o Hino Eucarístico...

CAPÍTULO XXV

Buscai e achareis

As sagradas escrituras dizem: “Buscai e achareis, pedi e vos será dado, batei e abrir-se-vos-á”.

Está escrito com carvões acesos no livro de todos os mistérios que o Lanu, ou Discípulo, deve se perguntar se realmente deseja com todas as forças de sua alma a auto-realização íntima.

Sabem os Divinos e os humanos que Parsifal, como Chela ou Discípulo, não chegou a ser rei do Graal porque somente perguntou o porquê das dores de Amfortas.

O pão e o vinho da Transubstanciação é repartido pelas mesas sacras a que todos os irmãos se sentam, exceto Parsifal que permanece de pé em estado de arrebatamento místico; deliciosa circunstância inefável de sair apenas pelos desesperados lamentos do bom senhor Amfortas.

Gurnemanz, o velho Hierofante, crendo-o inconsciente e até desapiedado diante de tudo isso, assume de fato uma atitude severa e o retira indignado do santo recinto.

Julgando seriamente a brilhante temática deste régio drama wagneriano, glorioso como poucos, podemos descobrir, não sem certo assombro místico, os três graus esotéricos clássicos: aprendizes, companheiros e mestres.

O adolescente da primeira parte do drama nada sabe sobre a mansão das delícias e a região do amor com as mulheres-flores perigosamente belas, nem sobre essa Kundry, Herodias, Gundrúgia estranhamente pecadora; é, portanto, o Aprendiz da Maçonaria Oculta.

O Parsifal da segunda parte é o homem que desce valorosamente ao Nono Círculo Dantesco. É o aspirante que trabalha na Forja Acesa de Vulcano, o Companheiro.

O herói da terceira parte é o Mestre, que regressa ao templo depois de haver sofrido muito.

O moço da primeira parte do drama nem sequer despertou a consciência. É apenas mais um dos peregrinos que viajam secretamente pelas obscuras selvas da vida em busca de um viandante compassivo que tenha entre os seus tesouros um bálsamo precioso para curar seu dolorido coração.

A felicidade é muito grande quando encontra em seu caminho doloroso o velho ermitão Gurnemanz, que lhe serve de guia ou guru.

O Parsifal da segunda parte é o asceta que baixa conscientemente aos Mundos Infernos; o homem que trabalha na Forja dos Ciclopes; o místico que vence as sete sacerdotisas da tentação.

O regresso triunfal ao templo do Graal é a principal característica do Parsifal da terceira parte.

O anacoreta volta ao sagrado recinto empunhando em sua destra formidável a lança santa, a haste bendita.

CAPÍTULO XXVI

O espectro de Kundry

No segundo ato do Drama Wagneriano aparece o sinistro e horrível interior do calabouço de uma antiga torre semidestruída.

Uma galeria de pura pedra conduz aos entalhes da dantesca muralha.

Reina aterradora escuridão naquele negro antro para aquele que desce sempre apoiando-se no pavoroso muro.

Variadíssimos instrumentos de magia negra e aparelhos de Necromancia estão espalhados por toda parte.

No apoio pavoroso do abjeto muro das abominações, de um lado está o tenebroso Klingsor sentado, diante do famoso espelho metálico da Magia.

No pérfido espelho, o sinistro personagem das sombras vê desfilar, astralmente, todos os extraordinários acontecimentos do ato anterior, ocorridos nos domínios do Santo Graal.

Existem momentos supremos na humanidade e este é precisamente um deles. Chegou o instante terrível, a hora das grandes decisões.

O tétrico mago conseguiu atrair para o seu antro, como a tantos outros infortunados cavaleiros, o ingênuo moço Parsifal, com o evidente e maquiavélico propósito de fazê-lo cair espantosamente através dos encantos das irresistíveis mulheres-flores, terrivelmente belas.

Aquele sono hipnótico, fascinante e tremendo, em que momentos antes fizera Kundry, a mulher sem nome, a diaba originária, a sanguinária Herodias, a hárpia Gundrígia submergir, está agora surtindo todos os seus atozes efeitos.

O Senhor das Trevas clama em altas vozes desde as profundezas do Abismo. Invoca e chama...

Aparece o espectro de Kundry em meio aos azulados vapores fétidos da ignomínia. No incensário ardem a mirra, a assafétida, o incenso e muitos outros perfumes evocadores.

Ah!... Ah!... Noite tenebrosa! Mistério, loucura, fúria!... Sonho, sonho de dor e de desgraça... sonho profundo... Morte!, clama desgarrada a originária e gentil diaba das diabas.

O sinistro e sombrio personagem ordena imperativamente. Kundry, em vão protesta, pois vê-se obrigada a obedecer.

Resignar-se a servir outra vez de instrumento de perdição... Que horror!... Envolver em seus encantos Parsifal, fazê-lo cair, como ao bom rei Amfortas, é a ordem. A infeliz, coitada, é apenas uma escrava a serviço do perverso.

Terminada a ordem sugestiva do malvado, este se desintegra rapidamente com toda a torre e, como por arte de mágica, surge um delicioso jardim que ocupa toda a cena.

Uma esplêndida e luxuriante vegetação tropical estendia-se lasciva como que aguardando vorazmente a plena satisfação dos prazeres bestiais.

Com régia veste de sedosa gama e coroado de árvores vermelhas, empina-se o espectro de Kundry para olhar, a distância, o magnífico e largo panorama.

Ouve muda, perplexa, o alvo rio que entre seixos ruga, partindo-se em cascatas, e o vê retratar em seus reflexos, do áureo sol a onipotente flama.

As estrelas em trono de amaranço no espaço imenso erguem-se, próximas, salpicando de gotas cristalinas as negras folhas de adormecido encanto.

CAPÍTULO XXVII

As ninfas

No fundo cavernoso do mistério, contempla-se a amurada onde se apóia o edifício milenar, o castelo de Klingsor e seus esplêndidos terraços em estilo mourisco.

No terror sagrado dessas estranhas brechas do enigma surge, como por encanto, Parsifal, contemplando arrebatado os jardins encantados.

As belezas femininas de santa predestinação, pervertidas pelo espírito do mal, aparecem por toda parte.

Dos jardins e do magnífico palácio surgem, como por arte mágica, muitas jovens Ninfas, perigosamente belas.

Algumas vêm agrupadas, outras isoladas, em número sempre crescente, desnudas, formosas, espantosamente provocativas.

Elas que ditosas dormiam com seus amantes – os infelizes cavaleiros do Graal, caídos em suas redes amorosas, como que despertando de um sonho erótico – abandonam agora seu leito de prazeres.

É a hora da tentação e elas voltaram de suas andanças em busca de uma nova vítima.

Por todos os caminhos da noite vieram. Vede-as ali. Existem cabeças douradas ao sol, como que maduras.

Existem cabeças como que tocadas de sombra e de mistério. Cabeças coroadas de louros. Cabeças que queriam descansar no céu. Algumas não alcançam o odor da primavera e muitas outras transcendem as flores do inverno.

Que afã terrível agita as entranhas de toda Ninfa, vendo partir a nave que borda sobre a água sua fugidia estela.

Elas, as deliciosas beldades femininas, tentam agora seduzir com seus encantos o mancebo wagneriano, mas este as afasta indignado com o seu hercúleo braço!

Único amor, já tão meu, que irá amadurecendo ao tempo.

Por que me desprezas? Grita uma desesperada. Minhas mãos te esqueceram, mas meus olhos te viram, e quanto é amargo o mundo para olhar o fim. Exclama outra.

Não quero encontrar-te nunca. Estás comigo e não quero que despedaces de tua vida aquilo que realiza o meu sonho. Assim disse uma sonhadora.

Como um dia me destes viva tua imagem, eu a possuo e, diariamente, lavam meus olhos de lágrimas de tua recordação. Sussurra no ouvido do moço a mais provocante.

As Ninfas, femininas, mutáveis, de todos os tempos, preocupadas agora... Sofrendo por Parsifal, fazendo até o impossível.

A passagem musical que envolve toda a cena tem fascinado às platéias exigentes do mundo inteiro.

Nesta passagem ígnea do colosso, existe cor, amor, perfume, feitiços indecifráveis, tudo quanto possa seduzir os sentidos humanos.

Porém, é óbvio que o herói não sucumbe na batalha das tentações.

Entretanto, isto não é tudo, falta o mais terrível, o encontro com Kundry, a mulher por antonomásia, a mulher-símbolo, a Eva maravilhosa da mitologia hebraica.

CAPÍTULO XXVIII

A diaba original

Dentro do sonho encantador de umas flores feiticeiras, surge a mágica voz de Kundry, a diaba original, o protótipo da perdição e da queda, aquela a quem nem o próprio Amfortas, o rei maravilhoso do Santo Graal pôde, outrora, resistir.

Exclama apaixonada a fêmea misteriosa chamando o herói por seu próprio nome. Aquele com o qual em outros tempos o chamara ternamente sua mãe amorosa.

Parsifal dirige um olhar temeroso para o lugar de amores.

Há algum tempo convidam-te o prazer e a ventura.

Afastam-te dele, vulgares mulheres, enamoradas e frívolas mocinhas, flores fascinantes de algumas horas que logo murcharão!

Ante aquelas palavras, as Ninfas volúveis, variáveis e versáteis ficam profundamente contristadas.

Escrito está, e isso o sabem muitas pessoas, que aquelas belezas malignas depois afastaram-se rindo, de regresso ao castelo tenebroso de Klingsor.

Parsifal dirige um olhar temeroso para o lugar de amores onde a voz havia surgido.

E então contempla aquela visão juvenil, esplêndida de formosura, a provocante Kundry, estendida em um maciço de flores raras. Adornada com o mais fantástico e tentador traje que o refinamento árabe pôde jamais sonhar.

Acaso fostes tu, sublime beldade feminina, aquela que me chamou? A mim que jamais tive nome?

Também, ó Deuses! Cresceste e os desprendestes da floresta perfumada?

Sim, responde Kundry, aquela ruiva tempestuosa que chamavam Herodias e suas palavras tão ternas ressoam com acentos comovedores de dulcíssima lira...

A ti, inocente e puro, chamei Fal-Parsi...

Moribundo, na exótica terra de califas e sultões, assim nomeou e saudou gozoso teu valoroso Pai Gamuret ao filho que havia engendrado.

Precisamente para revelar-te isto esperava-te aqui.

Certamente não nasci neste jardim de maravilhas, como as outras beldades.

Muito distante destes encantos da mil e uma noites está a minha querida pátria. Estavam neste lugar as paixões para que me encontrasses.

De terras muito distantes cheguei, e muitas coisas extraordinárias tenho visto. Espero que me escutes. É bom saberes que tive a alegria de conhecer tua mãe Herzeleide.

Somente chorar sabia aquela excepcional mulher, rendendo-se à dor, pelo amor e a morte de teu pai, de cuja mesma desventura quis preservar-te, cifrando nele seus mais altos e imperiosos deveres, afastando-te do exercício das armas para guardar-te e salvar-te da sanha dos homens.

Mãezinha linda, mãezinha bondosa, tivestes um dia lábios de rubi, dentes de marfim, cachos que balançavam como uma cascata sobre essa tua espádua frágil e perfumada, nesse corpo talhado à cinzel.

Mãezinha santa que tivestes um dia todos os encantos de uma bela húri. Mãezinha terna, branca e perfumada como uma açucena que ao abrir-se seu cálice converteu-se em berço para balançar-te.

Somente tive para ela sombras e temores, que nunca terias de conhecer. Não ouves, por acaso, seus chamados de angústia, os mesmos de quando longe andavas?

Mãezinha linda, mãezinha bondosa que naquelas noites de lua cheia punhas o balanço na grande árvore do jardim.

Ali já trazias o doce e a ceia cheirando a musgo, cravo, verbena, rosas, pêssego e jasmim.

Mas, tu nunca soubeste de suas penas, nem jamais o delírio de seus sofrimentos, pois um dia se foi para jamais voltar.

Ansiosa te esperou muitos dias, até que a fizeram emudecer seus próprios lamentos e morreu.

CAPÍTULO XXIX

O beijo terrível

Interessadíssimo pelo maravilhoso relato de Kundry, a diaba original, cai Parsifal aos pés da formosa, amargurado pela mais acerba dor.

Desconhecida te foi até agora a dor, acrescentou, nem até agora sentir pudestes no coração as doçuras do prazer, disse-lhe Kundry.

Aplaca agora nos consolos, que são o natural despojo do amor, a pena e a angústia de teu pranto!

O saber tornará em conhecimento a inconsciência. Procura conhecer, pois, esse amor que abrasou um dia o coração de Gamuret, quando inundou-lhe a ardente paixão de Herzeleide, esse amor que afugentará a morte; que

afugentará a tua torpeza e que hoje hei de oferecer-te... como último cumprimento e benção de tua mãe... o primeiro beijo da paixão.

Enquanto fala tão deliciosamente e com essa linguagem tão comovedora, Kundry, a beldade mais terrível, reclinara completamente sua cabeça de encantos sobre a de Parsifal, unindo, por fim, seus lábios de púrpura maldita com os dele, em longo e ardente beijo.

Para tudo existe um momento. O ígneo contato de tão espantosa paixão sexual, origina no herói da dramaturgia wagneriana, intenso terror.

Desgarrado pela angústia, grita com todas as forças de sua alma:

– Amfortas! A ferida! A ferida!

Em meu coração já arde! Seus lamentos arrasam minha alma.

Eu vi sangrar esta ferida, que agora sangra dentro de mim.

Aqui, aqui mesmo!

Não, não! Não é essa ferida! Ainda há de correr sangue em torrentes.

É o incêndio aqui, aqui, em meu corpo!

É a ânsia horrível que me agarra e sujeita com violência os sentidos. Ó suplício do amor!

Todo o meu ser palpita, arde, treme e estremece em pecaminosos anseios!

Depois vem o melhor: o herói invoca a lembrança do Vaso sagrado e do sangue Divino derramado pelo pecado. Heroicamente rechaça Kundry, a Madalena wagneriana, que espantosamente revolve-se no seu leito de flores agitada pela mais tremenda luxúria.

Em vão Kundry recorre a todos os encantos, enganos e artifícios que lhe sugere sua astúcia. O herói consegue escapar.

A pecadora desesperada e vencida, mas sem querer renunciar ao que acreditava ser uma presa fácil, chama em seu socorro o mago que surge na muralha, brandindo a lança do Senhor. Arroja-a contra Parsifal, com a intenção de feri-lo, como ferira Amfortas, mas o herói está puro e torna-se, portanto, invulnerável. A lança fica suspensa sobre a sua cabeça. Este a recolhe e estático faz com ela o sinal da cruz..

Sob semelhante conjuro, o castelo tenebroso de Klingsor cai ao horrível precipício, transformando-se em poeira cósmica.

O jardim das delícias reduz-se a um simples ermo de penitente e as mulheres-flores murcham e caem ao solo arrastadas por temíveis furacões.

Momento terrível é aquele em que Kundry, a beleza maligna, lança um grito e desaba como que ferida mortalmente.

Parsifal, vitorioso, afasta-se e desaparece.

CAPÍTULO XXX Metafísica prática

A autêntica Magia, a Metafísica prática de Bacon, é a ciência misteriosa que nos permite controlar as forças sutis da natureza.

A magia prática é, segundo Novalis, a arte prodigiosa que nos permite influir, conscientemente, sobre os aspectos interiores do homem e da natureza.

O amor é o ingrediente íntimo da magia, a substância maravilhosa do amor obra magicamente.

Também Goethe, o grande iniciado alemão, declarava-se pela existência mágica do ser criador; por uma magia anímica que atua sobre os corpos. A lei fundamental de todos os influxos mágicos baseia-se na polaridade. Todos os seres humanos, sem exceção, têm algo de forças elétricas e magnéticas e exercem, qual um magneto, uma força atrativa e outra repulsiva. Entre os homens e mulheres que se adoram é especialmente poderosa essa força magnética e sua ação atinge longa distância.

A palavra magia deriva-se da raiz sânscrita Mahas; em latim, Magis; em persa, Maga; em ariano, Mab; em alemão, Mebr, ou seja, Mas, significado do próprio sentido de saber e conhecer além da medida comum.

Em nome da verdade devemos dizer-lhes que não são hormônios ou vitaminas patenteadas o que necessita a humanidade para viver e sim do completo conhecimento do Tu e Eu e do intercâmbio inteligente de mais sutis faculdades afetivas entre o homem e a mulher.

A Magia Sexual, o Maithuna, fundamenta-se nas propriedades polarizadoras do homem e da mulher porque eles têm o seu elemento potencial no falo e no útero.

A função sexual desprovida de toda espiritualidade e de todo amor, é unicamente um polo da vida.

Ânsia sexual e anelo espiritual em completa fusão mística, constituem, em si mesmos, os dois pólos radicais de todo erotismo saudável e criador.

Para os gnósticos o corpo físico é algo assim como alma materializada, condensada e não um elemento impuro, pecaminoso, como supõem os tratadistas da ascese absoluta do tipo medieval.

Em oposição, a ascética absoluta com seu caráter negativista da vida surge, como por encanto, a ascética revolucionária da nova Era de Aquário: mescla inteligente do sexual e do espiritual.

A Magia Sexual, o Sexo-Yoga conduz, inteligentemente, a unidade mística da alma e da sensualidade, ou seja, a sexualidade vivificada. O sexual deixa de ser motivo de vergonha, dissimulação ou tabu e torna-se profundamente religioso.

Da completa fusão do entusiasmo espiritual com a ânsia sexual advém a Consciência Mágica.

É urgente nos emanciparmos do círculo vicioso do acoplamento vulgar e penetrarmos conscientemente na esfera gloriosa do equilíbrio magnético.

Devemos nos redescobrir no ser amado, encontrar nele a senda do fio da navalha.

A Magia sexual prepara, ordena, enlaça, ata e desata, também, novamente em ritmo harmônico, esses milhares de milhões de dispositivos físicos e psíquicos que constituem nosso próprio universo particular interior.

Reconhecemos dificuldades, o duplo problema que apresentam as correntes nervosas e as sutis influências que consciente ou inconscientemente atuam sobre a vontade.

Governar sabiamente tão delicados mecanismos, correntes e influências durante o transe sexual, somente é possível através da experiência pessoal.

Este tipo específico de conhecimento é intransmissível. É o resultado da experiência individual; não é algo que se possa mostrar como aprender e visualizar.

CAPÍTULO XXXI

O nervo simpático

O nervo simpático é fundamental em todos os rituais de Alta Magia, pois em si mesmo é aquele onipotente condensador do sentimento que alterna e concentra todo circuito maravilhoso de nossas faculdades anímicas que por ele governam os pensamentos, concepções, desejos, idéias e anseios.

A física nuclear veio demonstrar, claramente, que toda matéria é imaterial e que todos os ritmos celulares internos são anímicos (*animae*).

A unidade de corpo e essência manifesta-se em forma de vibrações eletróides através do mundo de sensações exteriores e inferiores.

Somente mediante a íntima aspiração esotérica em direção ao todo, ao inevitável, ao insuperável, podem os homens e mulheres que se adoram, chegar a se realizar completa e integralmente.

Está escrito com palavras de ouro no grande livro da existência cósmica que somente nessa plenitude masculino-feminina podem os sexos opostos encontrar o equilíbrio recíproco perfeito.

Com a simultânea entrega ao Pai que está em secreto e à Divina Mãe Kundalini, têm em mãos, homem e mulher, o fio de Ariadne da ascensão mística, o áureo cordel que os conduzirá das trevas à luz e da morte à imortalidade.

Todo esoterista idôneo sabe que as autênticas forças procriadoras, as anímicas e as espirituais, encontram-se no fundo vital, o Lingam Sarira de nosso organismo.

É o “simpático”, o sistema nervoso secundário com toda a sua rede de sensíveis malhas ganglionares, o mediador e condutor, a realidade interior, que não só influi definitivamente sobre os órgãos da alma, mas também governa, dirige e controla os centros mais importantes de nosso organismo.

Torna-se patente que o simpático guia, de modo igualmente misterioso, as maravilhas da concepção fetal e as atividades do coração, rins, cápsulas supra-renais e glândulas sexuais.

Mediante a direção da corrente molecular e a cristalização de raios cósmicos, o simpático equilibra dentro do ritmo do fogo universal todos os elementos físicos e psíquicos que lhe estão subordinados.

É também o nervo simpático um nervo ideoplástico, maravilhoso, extraordinário, formidável. Devemos enfatizar que o sistema secundário trabalha como mediador entre a vida subjetiva, tridimensional e o mundo interior da objetividade espiritual.

O nervo simpático é o grande equilibrador médio que apazigua e reconcilia os pares de opostos da filosofia no fundo vivente de nossa consciência.

O Movimento Gnóstico Revolucionário afirma que a ascese cristã medieval se tornou agora extemporânea, antiquada e reacionária.

Por estes tempos de Aquário, irão despertar novamente para a vida muitos cultos sexuais antigos, a maioria de origem asiática.

CAPÍTULO XXXII

Adam-Kadmon

O homem primitivo, o Andrógino Sexual, Adam-Kadmon, reproduzia-se mediante o poder da imaginação e da vontade, unidas em vibrante harmonia. Está escrito com brasas no livro de todos os mistérios, que na união desses dois polos mágicos encontra-se a chave de todo o poder.

Contam as velhas tradições cabalísticas que o homem perdeu esse poder criador, imaginativo e volitivo, pela queda no pecado... Dizem que, devido a isto, foi expulso do Éden. A referida concepção cabalística tem bases sólidas. Restabelecer aquela unidade original do andrógino primevo é, precisamente, o objetivo principal da Magia Sexual.

Mediante o Sexo-Yoga, com o seu famoso Sahaja Maithuna nos fazemos íntegros, unitotais, completos.

É indiscutível o fundo cósmico, transcendental da sexualidade. A sexologia esotérica nos permite realizar um enlace eletro-biológico em meio àquelas zonas misteriosas, transcendentais, do psíquico e do fisiológico para converter-nos em autênticos mutantes.

O amor pelo cônjuge ou pela cônjuge vincula-se misticamente com representações esplêndidas que têm sua origem no mundo do espírito puro.

É chegada a hora de olharmos as funções sexuais, não como motivo de vergonha, tabu ou pecado, e sim como algo infinitamente elevado, sublime e divino. Assim, pois, trabalha o Sexo-Yoga, o Maithuna, transfigurando-nos radicalmente e dando-nos, obviamente, uma acentuação ao sexual na alma de cada um de nós. São capazes da Magia Sexual aquelas pessoas inteligentes e compreenShivas que tratam de transcender o dualismo, e que separam o mundo anímico do mundo físico.

A imaginação criadora é a agência maravilhosa da vida sexual e possui, em si mesma, uma qualidade cósmica divina.

Somente o espelho mágico da imaginação é que acolhe, em si próprio, a vontade de nosso Pai que está em secreto.

A vontade e a imaginação dos dois amantes que se adoram entre si, homem e mulher, consistem, pois, em que mediante o comum ardor sexual dêem forma ao seu universo íntimo.

Em todos os livros da sabedoria antiga fala-se sempre da Ilha Sagrada e dos deuses santos.

Tal ilha bendita e eterna nunca na história dos incontáveis séculos tem participado do Nêmesis dos outros continentes, por ser certamente a única cujo destino é durar desde o princípio até o fim do Mahamvantara, passando pelas rondas.

O arcaico berço do Adam-Kadmon é a primeira raça humana, gente andrógina, protoplasmática, capaz de reproduzir-se como já o dissemos, mediante o poder da vontade e da imaginação, unidas em vibrante harmonia.

Ilha veneranda, morada exótica do último mortal divino, escolhido como um Shishta para semente desta humanidade liliputiense.

Terra das mil e uma noites, dos paraísos “Jinas”, nas regiões setentrionais do mundo. A estrela polar do norte fixa nela sua vigilante mirada, desde a aurora até o término do crepúsculo de um dia do Grande Alento. Ilha bendita que devemos buscar no fundo íntimo de nossa consciência.

Adam-Kadmon deve nascer dentro de cada um de nós, mediante o poder maravilhoso da Magia Sexual.

Assim encherás cem lacrimatórios com o sal de teus olhos; assim, suspirarás espantosamente até lutar com ímpeto contra o doloroso vento que

passa, destroçando cruelmente as pétalas perfumadas das flores de teus jardins; assim, soluçarás amargamente até ferires mortalmente as entranhas da noite estrelada. Juro, pelo eterno Deus vivente, que de nenhuma maneira seria possível tua auto-realização íntima, se afastares de tua vida a ventura do amor, a Magia Sexual.

CAPÍTULO XXXIII

O divino casal

É o terrível momento em que devem entrar em jogo as eróticas armas do amor passionai avassalador, patrimônio muito especial de Kundry, a mulher superior, a mais encantadora e perniciosa de todas as criaturas em sua eterna vitória.

A tosca vestimenta da penitente, da terra intratável da mensageira fiel do Santo Graal, havia desaparecido.

Kundry, Herodias, Gundrígia, é agora a núbil beleza feminina com todo o poder maravilhoso de sua mágica e irresistível fascinação.

Na penumbra deliciosa do jardim, compreende-se que o conjuro feiticeiro do maldoso mago a envolvera em seus sortilégios fatais.

O desempenho escravizante do desiderato abismal é francamente ineludível e, como é natural, sofre a infeliz beldade nas ignotas profundidades de sua consciência íntima.

A belíssima e espantosa cena da tentação sexual havia começado entre os espelhos fascinantes da vida.

O que sucede no fundo anímico daquela mulher provocante, somente Deus sabe. Dentro dessa fêmea tão adorável, existe luta da mulher contra a mulher, da tentadora contra a salvadora, do amor contra a perfídia cruel que a tudo envenena.

É óbvio que lutam entre si as duas Kundry das mil e uma noites na alma milagrosa da beldade. Esta doce e fascinante criatura vem a ser, no fundo do mistério, uma vítima a mais dos seus impulsos naturais pervertidos. Escrava da paixão sexual que sobre si mesma exerce o deleite da sugestão do homem, constringida pela potência mágica do conjuro, acode aos engenhos femininos para vencer o mancebo de suas tentações.

Ao entrarmos nesta parte da dramática wagneriana, convém recordarmos que os persas viam na mulher o aspecto ilusório, o elemento da sedução absoluta.

Muito claras sob a índole de sua ideologia são aquelas alegorias e histórias adaptadas do Alcorão; especialmente a de José e Putifar onde se mostra o aspecto da mulher como perigo universal.

Assim, em Firdusi, a Putifar trocada em Luleica não somente seduz José por seus encantos físicos, como também seu intento era prendê-lo magicamente na rede alucinante de sua lascívia.

Assim, recebeu José numa sala com espelhos. A ruiva cabeleira, os lábios de púrpura maldita, os rosados mamilos dos rijos seios nacarados, todo o corpo unguido e ondulante o deslumbravam aonde quer que dirigisse seu olhar.

Segundo a interpretação persa, o patriarca José não resistiu e sucumbiu ao artifício.

Nesta representação maravilhosa dos espelhos mágicos encontra-se oculto todo o mistério da fascinação sexual.

A natureza disposta, a voluptuosidade passional, é uma sedução única, e age sobre todas as criaturas viventes de forma hipnótica.

No mundo tridimensional das aparências vãs nos aprisiona, horrivelmente, devido ao fato de que invariavelmente sucumbimos ao encanto do antipólo sexual.

Kundry, Gundrúgia, Herodias, a Madalena mística do Parsifal Wagneriano, não ignora o segredo vivente de sua própria existência. Ela sabe muito bem, por natureza e por instinto, que somente poderá libertar-se do poder esquerdo e sinistro de Klingsor se encontrar em seu caminho de amarguras um homem forte, capaz de vencer a si próprio, e rejeitá-la.

“Débeis, todos... todos caem comigo, arrastados pela minha maldição”, exclama a tentadora.

A tentação é fogo, o triunfo sobre a tentação é luz. Bendita seja a mulher, bendito o amor, benditos os seres que se adoram. Os velhos cultos religiosos na Grécia, Caldeia, Egito, Pérsia, Índia, México e Peru foram cem por cento de natureza sexual. O reconhecimento da potência sexual como força supraterrrena, engendradora e criadora, é fundamentalmente mais enaltecido e dignificante que a atitude medieval que relega o sexo, considerando-o algo baixo, pecaminoso, sujo e inimigo da alma.

No culto sexual dos antigos gregos, o casal mortal aspirava com todas as forças de sua alma refletir em si próprio a mesma felicidade do Casal Divino.

Conta a lenda dos séculos que tanto na Grécia como em Roma, esteve em uso a celebração dos Esponsais Sacros. O homem e a mulher, Adão e Eva, ungidos, ataviados preciosamente e coroados de flores preciosas, dirigiam-se ao mútuo encontro como Deus e Deusa depois de uma cerimônia no templo, para serem partícipes com o abraço ritual daquela felicidade da suprema parrelha que regia o céu e a terra.

Representando cada homem como Zeus e cada mulher como Hera, no ato sexual amoroso, realizava-se uma conexão magnífica do Lingam-Yoni.

Sem dúvida, o casal retirava-se do ato sem derramar o Vaso de Hermes. O sexual era então o traslado de um evento cósmico formidável que fazia estremecer todo o Universo.

Naturalmente, e isto é algo que jamais devemos esquecer, tão sublime identificação com o Divinal somente podia ser alcançada por casais verdadeiramente despertos, individualizados, iluminados.

Experiência sacra, bodas alquimistas, abraço ritual, ventura sem limites do supremo casal, acessível somente aos adeptos da Branca Irmandade.

Homero, o grande poeta grego, efetuou uma descrição sublime e mágica da Divina parrelha Zeus-Hera:

“Sob eles, a germinadora terra produzia verdor florido, lotus, trevos suculentos e jacintos e açafraão que, apertados, túrgidos e ternos se alçavam do solo, e eles jaziam além e arrastavam-se acima das nuvens cintilantes e áureas, e o faiscante orvalho caía sobre a terra”.

Na grandiosa obra Parsifal, de Richard Wagner, encontra-se o evangelho da Nova Era de Aquário.

Esta é a doutrina da síntese, a primitiva Religião da humanidade, oculta desde os tristes dias em que a sabedoria arcaica, o templo simbólico, fora sepultado pelas ruínas dos Mistérios Iniciáticos com o advento tenebroso do Kali Yuga.

Kundry, com todo o artifício delicioso de seus encantos, surgindo dentre a floresta perfumada para tentar a Fal-Parsi, é a beleza de santa predestinação, pervertida pelo espírito do mal.

Na resistência, na castidade do mancebo, está a salvação de Kundry – da mulher. Porém, esta desconfia. Para ela, o homem forte não tem existido. Os animais intelectuais são muito débeis.

Compreende a fêmea preciosa que somente poderia libertar-se das cadeias da escravidão quando encontrasse em seu caminho um homem suficientemente forte para rejeitá-la em pleno acoplamento sexual.

Conhece Fal-Parsi, o mancebo, adivinha sua missão e resiste a afastar-se dele, temerosa de vencê-lo, muito segura do poder do sortilégio. A beldade inolvidável, vestida com refinamento árabe, astuta, começa chamando-lhe por seu nome familiar de Fal-Parsi e logo continua com a lei de associações íntimas, levando-o, finalmente, pelo caminho do sentimento, até a própria origem sexual de sua existência.

Quer a exótica sacerdotisa da deliciosa tentação das mil e uma noites estabelecer uma vibração passional no centro sexual do mancebo, com o evidente propósito de fazê-lo cair desfalecido em seus impudicos braços.

A prévia sedução das “mulheres-flores” de Klingsor, o Mago Negro, é também tradicional entre os asiáticos. Não existe herói sagrado que não tenha passado por ela.

Krishna, o condutor do carro, traspassando com seus olhos de fogo a Nisumba, a Kundry oriental, e as sete sacerdotisas da tentação entre os drusos sírios, tentando seduzir os iniciados, constituem, em si, a raiz básica dos estudos esotéricos.

O Grande Cabir Jesus, tentado pela Kundry dos Mistérios Egípcios, foi certamente o Parsifal do país ensolarado de Kem.

E que diremos das “mulheres-flores” que tanto assaltaram o Grande Mestre na terra sagrada dos faraós?

A pedra de toque, a Alma-Mater da Magna Obra, encontra-se em Kundry, a mulher por antonomásia, a Mulher-Símbolo, sem cuja presença estamos condenados inevitavelmente ao Abismo e à segunda morte.

Mulher adorável!... Tu és a senda do fio da navalha; o rochoso caminho que conduz ao Nirvana.

Quem me dera tomar tuas mãos brancas para apertar com elas o coração e beijá-las ardentemente, escutando muito atentamente de teu amor as dulcíssimas e fascinantes palavras.

Quem me dera sentir sobre o meu peito reclinado tua lânguida cabeça e escutar teus suspiros divinais de amor e poesia.

Quem me dera pousar casto e suave meu carinhoso lábio em teus cabelos, e que sentisses soluçar minha alma em cada beijo que deixasse neles!

Quem me dera roubar um só raio maravilhoso daquela luz de teu olhar em calma para ter depois com que iluminar a solidão da alma.

Oh! Quem me dera ser tua própria sombra, o mesmo ambiente dulcíssimo que teu rosto banha e, por beijar teus olhos celestiais, a lágrima que tremula em teus cílios.

E ser um coração todo alegria, ninho de luz e de divinas flores, onde tua alma de pomba dormisse o sono virginal de teus amores.

Gundrúgia, Herodias, Kundry, recorda que tu és o caminho secreto do Mistério.

CAPÍTULO XXXV A chave suprema

Quando o mundo, esse tântalo que aspira em vão o ideal, dobra-se sob o peso da rocha de Sísifo e expira pela túnica de Neso...

Quando o par tenebroso e cintilante imita Barrabás e aborrece ao Justo e Pigmeu com ânsias de gigante, retorce-se no leito de Procusto...

Quando geme entre horríveis convulsões para expiar seus criminosos erros, mordido por suas ávidas paixões, como Acteón por seus vorazes cães...

Quando sujeito ao seu fatal encadeamento arrasta suas desditas pelo lodo, e cada um em sua egoísta pena volta as costas à aflição de todos nascem, então, os grandes avatares que ensinam o caminho secreto.

Sagrada tocha que em capela austera arde sem tréguas, como oferenda clara e consome seu pavio e sua cera para dissipar a obscuridade do ara, vaso glorioso onde Deus resume quanto é amor.

Sublime Parsifal que ambiciona ferir Satã entre o fragor do raio e o terror do trovão.

Ave Fênix que em fúlgidas empresas aviva o fogo de sua resistente fogueira e morre, convertendo-se em cinzas de onde renasce vitoriosa e pura.

Assim é o Iniciado em seu fatal desterro!... Cantar a Filis por seu doce nome e após...

Amar é o melhor.

Beijar? Sim, no momento supremo.

Amfortas! A ferida! A ferida!... Exclama o herói do drama wagneriano.

Não ejacular o sêmen... Dor para a fera, prazer para o espírito... Tortura para o bruto.

Estranha simbiose de amor e rebeldia; mística revolucionária de Aquário, nova ascese.

Existe um céu, mulher, em teus braços. Sinto a felicidade, o coração oprimido... Oh! Sustem-me na vida de teus braços, para que não me mates com teu beijo.

Em vão recorre a beldade erótica a todos os encantos. Fal-Parsi não derrama o “Vaso de Hermes” e se retira.

A pecadora, desesperada e vencida, mas sem querer renunciar àquele que acreditava ser sua fácil presa, usa de todos os recursos sexuais de seu Klingsor interior, o Ego Animal, Mefistófeles e arroja contra o mancebo a lança do Senhor.

A lança bendita, emblema da força sexual, suspensa, flutua sobre a cabeça do iniciado. Este a empunha com a sua destra e faz com ela o sinal da cruz... Sob semelhante conjuração, o castelo das iniquidades que o Adão do

pecado traz dentro de si, convertido em poeira cósmica, cai no horrendo e pavoroso precipício.

Ela, terrivelmente bela, espantosamente deliciosa, deixa escapar de sua garganta núbil um grito de luxúria e logo desmaia em seu leito de prazeres.

O herói vitorioso, portando em sua destra esplêndida a lança de Longinus, afasta-se do alvo refúgio caminhando depressa, no jardim interno e delicado, sob uma luz difusa de ouro e de violeta.

CAPÍTULO XXXVI Hatha-Yoga-Pradipika

A Hatha-Yoga-Pradipika dos Grandes Iniciados hindus enfatiza a idéia transcendental de que um ato sexual realizado com uma mulher consagrada é, em verdade, uma verdadeira panacéia para a consecução dos mais elevados estados místicos.

O ato sexual é um gozo legítimo do homem. É a consubstanciação do amor no realismo psicofísico de nossa natureza.

Um grande sábio, cujo nome não menciono, comentando algo sobre tantrismo hindu, disse:

“Uma seita de Shiva, em Bombaim, Índia, realiza hoje os esponsais sagrados segundo as regras de Vatsyayana, o autor do Kamasutra.

“Coloca-se uma Shakti eleita, desnuda sobre um altar. O sumo sacerdote consuma nela a sua oferenda, mediante o ato sexual”.

A gigantesca imagem do deus Shiva, iluminada por numerosas lâmpadas de azeite, contempla a cópula carnal do alto.

A um determinado sinal do sumo sacerdote, verifica-se uma coabitação geral, onde cada casal deve representar Shiva e sua Shakti (ou esposa).

Os adeptos da referida seita crêem glorificar com sua oferenda sexual o universo mantido apenas pela eterna procriação espontânea da divindade e chegar, precisamente, pelo ato, à consonância rítmica da eternidade.

Semanas antes do início dos esponsais sagrados era o participante instruído pelos sacerdotes: “Ai de quem neste ato der guarida aos menores pensamentos profanos, ou buscar a satisfação de seus próprios sentidos, porque, sem piedade, terá de abater-se sobre ele a cólera da divindade”. Quando nos templos da Assíria, Egito, Pérsia, Índia e Grécia uniam-se sacerdotes e sacerdotisas em ato sexual, diante dos fiéis, ou quando, como nos templos de Shiva, copulavam ao mesmo tempo, centenas de pares em determinadas festividades ao Deus, no fundo das aparentes licenças maiores havia ainda um sentido oculto e mais profundo.

Através do Sahaja Maithuna, o ato sexual dos prodígios, libera-se uma essência fluida, um magnetismo extraordinário, maravilhoso, onipotente, que, descarregado repentinamente no mesmo ponto converte-se de fato no “Genius Lucis” de todos os encantos mágicos.

Um antigo provérbio japonês diz: “Mediante a veneração pode-se fazer brilhar o dente de um cão”.

Teus dentes são mais brancos do que as pérolas que brotam dos mares, disse o Grande Cabir Jesus, referindo-se ao cadáver de um cão em decomposição.

Esta é a magia tradicional, a famosa Gupta Vidya oriental, aquela ciência misteriosa, mediante a qual é óbvio que podemos alcançar de forma definitiva, a liberação final.

Parsifal, o herói místico, refreando valorosamente o impulso sexual; retirando-se intrépido daquela ruiva temperamental que chamavam Herodias, sem derramar o Vaso de Hermes, o Ens Seminis, empunha, em sua destra onipotente e terrivelmente divina aquela lança de Longinus, o emblema extraordinário do “Genius Lucis”, a força óptica, ou magnética, com a qual faz o sinal da cruz para transformar em poeira cósmica o Ego Animal.

Nesta nova era do signo zodiacal de Aquário, a copulação coletiva dos tempos antigos, torna-se extemporânea, antiquada, retardatária. Este é o instante sideral em que todos nós devemos caminhar pela senda amorosa do Matrimônio Perfeito.

Empunhar vigorosamente à lança veneranda no Laboratorium-Oratorium do Terceiro Logos, é algo radical, se verdadeiramente queremos reduzir a cinzas o castelo sinistro do tenebroso Klingsor, ou Mefistófeles oculto em cada um de nós.

Compreensão e eliminação são fatores básicos, decisivos, porque todo defeito psicológico deve ser prévia e totalmente compreendido antes de sua eliminação.

Necessita-se, pois, de uma didática e nós a possuímos. Ela é simples e poderosa.

Orar no tálamo do jardim das delícias, no leito nupcial das maravilhas eróticas, suplicar no momento do gozo, no instante inolvidável da cópula, pedindo à nossa Divina e Adorável Mãe Kundalini, que empunhe esplendorosamente nesses instantes de beijos e ternuras, a mágica lança para eliminar aquele determinado defeito que já tivermos compreendido em todos os departamentos da mente. A seguir, devemos retirar-nos sem derramar o Vinho sagrado, o Ens Seminis. Isto significa morte, ventura, embriaguez, delícia, gozo.

Compreensão exclusivista não é tudo. É urgente e indispensável a eliminação radical absoluta.

Qualquer homúnculo racional poderia compreender claramente o defeito abominável da ira e, entretanto, para cúmulo dos males, continuar com ela mesmo quando esta lhe devore as entranhas.

Esta pobre mente animal intelectualizada não pode alterar basicamente nada. Necessitamos de um poder superior, de uma potestade vivente, capaz de eliminar ou descartar totalmente aquela entidade sinistra que personifica psicologicamente aquele erro que tivermos compreendido. Tal autoridade é, fora de dúvida, a nossa Divina e Adorável Mãe Kundalini, a esposa sublime do Espírito Santo, a serpente ígnea de nossos mágicos poderes, esse fogo eletrônico solar que de forma esplêndida desenvolve-se e movimenta-se na espinha dorsal do asceta.

Vã coisa é envaidecer-nos da mente animalesca e lunar! Esta, por si só, pode conduzir-nos ao erro.

O intelecto pode dar-se ao luxo de esconder defeitos, repudiá-los, condená-los, justificá-los, rotulá-los com diversos nomes, dissimulá-los, ocultá-los da vista alheia, passá-los de um departamento a outro, porém jamais eliminá-los.

A lança esotérico-crística do Santo Graal e a pagã lança dos pactos ostentada por Wotan é uma única lança, haste ou vara Santa, tida como sagrada em todos os povos, desde a mais remota antiguidade.

Somente com essa arma de Eros, empunhada pela Divina Mãe Kundalini durante a cópula sagrada, podemos verdadeiramente eliminar, radicalmente, de uma vez por todas, essas entidades tenebrosas que personificam nossos defeitos psicológicos e que em seu conjunto caracterizam o Ego Animal.

CAPÍTULO XXXVII

A confissão egípcia

Depois de haver criado o “To Soma Heliakon”, na “Forja dos Ciclopes”, o sexo, tive de passar por um período de profundas reflexões.

Por ser oportuno, esclareço que dentro do corpo de ouro do homem solar, como num vaso santo, encontram-se a emoção superior, a mente do asceta gnóstico e a vontade consciente.

Enfatizo o fato do segundo nascimento, depois de ter-me vestido com traje de bodas da alma, na Nona Esfera ou Nono Círculo Dantesco.

Na residência do amor, encontrei outros irmãos e irmãs que também haviam trabalhado intensamente na Frágua acesa do Vulcano (o sexo).

Todos eles resplandeciam gloriosamente entre os divinais encantos da Sexta-Feira Santa. Estou falando misticamente sobre o templo dos “Duas Vezes Nascidos”.

Humanidade divina, pessoas extraordinárias de várias nações, povos e línguas!

Naquela “Aula Lucis” compreendi integralmente a idéia transcendental de que o homem deve ser também carnalmente uno com Deus e que a humana criatura somente pode auto-realizar-se intimamente entregando seu corpo a Deus.

Embora pareça um paradoxo, nem todos os “duas vezes nascidos” dissolveram o Eu.

Depois do segundo nascimento fui instruído intensamente no templo. Compreendi, então, que precisava morrer de momento a momento se é que não queria converter-me em um Hanasmussen com duplo centro de gravidade.

Em meus outros livros já expliquei que os Hanasmussen são fracassos cósmicos, abortos da Mãe Divina Kundalini, casos perdidos.

É urgente morrer radicalmente em nossa própria pessoa, na carne, no Eu, com o firme propósito de encarnar a potência de Deus em nós.

Necessitamos reconciliarmos com o Supremo Criador, de maneira que Ele possa reconhecer na carne a sua própria criatura.

A luz e o pó devem celebrar seus sponsais e o céu e a terra liberarem-se juntos no amor.

Um novo céu está disposto e assim também deve criar-se uma nova terra, igual a Ele, em beleza e magnificência.

O exterior é apenas a projeção do interior.

Quem está bem morto e tem Deus dentro de si, projeta um paraíso.

Profundas reflexões comoveram minha alma. Compreendi a fundo cada um de meus próprios erros psicológicos.

Ó Mahalakshmi, Maha Saraswati, Ísis, Adonia, Insoberta, Tonantsin, Divina Mãe Kundalini! Oh... Shanti... Shanti!

Sem ti, Divina Mãe, não poderia eliminar jamais os demônios vermelhos de Seth, essas entidades das trevas que personificam nossos defeitos! Certo dia, não importa qual, nem a data, visitou-me o Kether da Cabala Hebraica, o Ancião dos Dias, meu Pai que está em Secreto, o oculto do oculto, a bondade das bondades, a misericórdia das misericórdias.

O Senhor sentou-se em seu trono e disse: “Assim como estás trabalhando vais muito bem, deves continuar com o teu trabalho...”

Passava o tempo e eu morria de instante a instante... Compreender e eliminar foi a tarefa.

Escrito está, com carvões acesos no grande livro dos esplendores, que aqueles que morrerem em si mesmos, sejam recebidos no mundo dos defuntos.

Meu caso não foi exceção à regra funerária. Vestido com estas roupas fúnebres que sempre costumo usar depois de cada desencarnação, vivi ditoso na morada oculta.

Quero terminar o presente capítulo transcrevendo e até comentando brevemente cada versículo da Confissão Egípcia, Papiro Nebseni:

1 - Ó tu, espírito, que marchas à grandes passadas e que surges em Heliópolis, escutai-me! Eu não cometi ações perversas. (É claro que aquele que fora capaz de feitos mal intencionados deixou de existir. Somente o Ego comete tais atos. O ser do defunto ainda em corpo vivo, nunca realizaria nada maligno.)

2 - Ó tu, espírito, que te manifestas em Ker-ahá e cujos braços estão rodeados de um fogo que arde! Eu não tenho agido com violência. (Ressalta, com inteira clareza, que a violência é dona de mil facetas. O Ego quebra leis, vulnera honras, profana, força mentes alheias, rompe, deslustra e intimida o próximo. O Ser sempre respeita o livre arbítrio de nossos semelhantes; é sempre sereno e tranqüilo.)

3 - Ó tu, espírito, que te manifestas em Hermópolis e que respiras o alento divino. Meu coração detesta a brutalidade. (O Ego, certamente grosseiro, é torpe, incapaz, amigo da leviandade, bestial por natureza e por instinto animal. O Ser é distinto, refinado, sábio, capaz, divinal e docemente severo.)

4 - Ó tu, espírito, que te manifestas nas fontes do Nilo e que te alimentas sobre as sombras dos mortos! Eu não roubei. (Ao Ego agrada o furto, a rapina, o saque, a pilhagem, o rapto, o seqüestro, a fraude, a estafa, tomar emprestado e não devolver, abusar da confiança dos outros e reter o alheio, explorar o próximo, dedicar-se ao peculato. O Ser goza dando e até renunciando aos frutos da ação, é serviçal, desinteressado, caritativo, filantropo e altruísta.)

5 - Ó tu, espírito, que te manifesta em Restau e cujos membros apodrecem e engrangrenam! Eu não matei meus semelhantes. (O assassinato é o ato de corrupção mais hediondo existente no mundo. Não somente apaga a vida alheia com revólveres, gases, espadas, venenos, pedras, paus, mas também aniquila a vida de nossos semelhantes com palavras duras, olhares violentos, atos de ingratidão, infidelidade, traição, gargalhadas. Muitos pais e mães de família talvez ainda existissem se seus filhos não lhes tivessem tirado a vida mediante más ações. Multidões de esposas ou de esposos todavia ainda

respirariam sob a luz do sol se um dos cônjuges houvesse permitido.)
Recordemos que o ser humano mata o que mais quer. Qualquer sofrimento moral pode adoecer-nos e levar-nos ao sepulcro. Todas as enfermidades têm origem no psiquismo.

6 - Ó tu, espírito, que te manifestas no céu sob a dupla forma do leão. Eu não diminuí o salmim de trigo. (O Ego altera o peso dos víveres.)

7 - Oh tu, espírito, que te manifestas em Letópolis e cujos dois olhos ferem como punhais! Eu não cometi fraude. (O Ser jamais cometerá delito.)

8 - Ó tu, espírito, da deslumbrante máscara que andas lentamente para trás! Eu não subtraí o que pertencia aos deuses. (Agrada ao Ego saquear os sepulcros dos grandes iniciados; profanar as sagradas tumbas; roubar as relíquias veneráveis, saquear as múmias em suas moradas, buscar nas entranhas da terra as coisas santas para profaná-las.)

9 - Ó tu, espírito, que te manifestas em Herakleópolis e que golpeias e torturas os ossos! Eu não menti. (O Ego satisfaz-se com o embuste, o engano, a falsidade, a mentira, a vaidade, o erro, a ficção, o aparente. O Ser é diferente, jamais mente, sempre diz a verdade, custe o que custar.)

10 - Ó tu, espírito, que te manifestas em Menfis e quer fazer surgir e crescer as chamas. Eu não roubei o alimento de meus semelhantes. (Ao Ego apraz separar a comida de seus semelhantes, negociar ilicitamente com o alimento alheio, subtrair, extrair mesmo que seja uma parte do que não lhe pertence, levar a fome aos povos e aos grupos de pessoas, ocultar os víveres, encarecê-los, tirar deles absurdos lucros, roubar, negar um pão ao faminto.)

11 - Ó tu, espírito, que te manifestas no Amenti, divindade das duas fontes do Nilo! Eu não difamei. (Ao Ego agrada a calúnia, a impostura, a murmuração, a maledicência, desacreditar nos outros, denegrir, injuriar, ao passo que o Ser prefere calar ao invés de profanar o Verbo).

12 - Ó tu, espírito, que te manifestas na região dos lagos e cujos dentes brilham como o sol! Eu não sou agressivo. (O Ego é por natureza provocador, cáustico, irônico, mordaz, insultante, pulsante, aprecia o ataque, o assalto, a arremetida; fere com o sorriso sutil de Sócrates e mata com a gargalhada estrondosa de Aristófanes. No Ser, sempre sereno, equilibram-se a doçura e a severidade.)

13 - Ó tu, espírito, que surges junto ao cadafalso e que, voraz, te precipitas sobre o sangue das vítimas! Sabei: eu não matei os animais do templo. (Os animais consagrados à divindade; porém o Ego fere e assassina as criaturas dedicadas ao Eterno. Somente o Ser sabe abençoar, amar e fazer todas as coisas perfeitas.)

14 - Ó tu, espírito, que te manifestas na vasta sala dos trinta juizes e que te nutres de entranhas de pecadores! Eu não defraudei. (Ao Ego compraz, usurpar, roubar, frustrar, alterar, desbaratar.)

15 - Ó tu, Senhor da ordem universal, que te manifestas na Sala da Verdade-Justiça, aprende! Eu não monopolizei os campos de cultivo. (A terra é de quem a trabalha; o obreiro trabalha, lavra, sua. Mas os poderosos, os usurpadores, retêm, absorvem os terrenos cultivados. Assim é o Ego.)

16 - Ó tu, espírito, que te manifestas em Bubastis e que marchas retrocedendo, aprende! Eu não escutei atrás das portas. (O Ego é curioso e perverso, por natureza e por instinto. Dizem que as sebes, muros ou paredes têm ouvidos e as portas também. O Ego encanta-se, intrometendo-se na intimidade do próximo. Mefistófeles ou Satã é sempre intruso, intrometido.)

17 - Ó tu, espírito, Asti, que apareces em Heliópolis! Eu não pequei jamais pelo excesso de palavras. (O Eu é charlatão, conversador, falador, loquaz. O Ser fala o estritamente necessário, jamais brinca com a palavra.)

18 - Ó tu, espírito Tatuf, que apareces em Ati! Eu não pronunciei maldições, quando me causaram danos. (O Ego gosta de maldizer, denegrir, abominar, destratar. O Ser apenas sabe abençoar, amar e perdoar.)

19 - Ó tu, espírito Uamenti, que apareces nas covas de tortura! Eu não cometi adultério. (O Ego é mistificador, corrompido, viciado, falso, satisfaz-se justificando o adultério, sublimando-o, dando-lhe de si mesmo e dos demais; adorna-o com normas legítimas e cartas de divórcios; legaliza-o com novas cerimônias nupciais. Aquele que cobiça a mulher alheia é, de fato, adúltero, mesmo que jamais copule com ela. Em verdade vos digo que o adultério nas profundezas do subconsciente das pessoas mais castas, tem múltiplas facetas.)

20 - Ó tu, espírito, que te manifestas no templo de Ansu e que olhas cuidadosamente as oferendas que te levam! Sabe, não cessei jamais de ser casto. (A castidade absoluta somente é possível quando o Ego está bem morto. Muitos anacoretas que alcançaram no mundo físico a pureza, a virgindade da alma, a honestidade e a candura quando foram submetidos às provas nos mundos supra-sensíveis fracassaram, delinqüiram, caíram como Amfortas, o Rei do Graal, entre os impudicos braços de Kundry, Gundrigha, aquela loura tempestuosa que chamavam Herodias.)

21 - Ó tu, espírito que apareces em Hehatu, chefe dos antigos Deuses! Eu nunca atemorizei as pessoas. (O Ego gosta de horrorizar, horripilar, espantar, intimidar os outros, ameaçar, derrubar moralmente o próximo, prostrá-lo, abatê-lo, assustá-lo. As casas comerciais costumam enviar lembretes, às vezes muito finos, aos seus clientes morosos, porém sempre ameaçadores.)

22 - Ó tu, espírito destruidor que te manifestas em Kauí! Eu jamais violei a ordem dos tempos. (O Ego arbitrariamente muda os horários e altera o calendário. É útil recordarmos a autêntica ordem dos sete dias da semana: 1º dia: Lua, segunda-feira; 2º dia: Mercúrio, quarta-feira; 3º dia: Vênus, sexta-feira; 4º dia: Sol, domingo; 5º dia: Marte, terça-feira; 6º dia: Júpiter, quinta-feira; 7º dia: Saturno, sábado. Os pseudos sábios alteraram esta ordem.)

23 - Ó tu, espírito que apareces em Urit, e de quem escuto a voz monótona! Eu jamais me entreguei à cólera. (O Ego está sempre disposto a deixar-se levar pela ira, o asco, o enfado, a irritação, a fúria, a exasperação, o desafio.)

24 - Ó tu, espírito que apareces na região do lago Hekat, sob a forma de um menino! Eu jamais fui surdo às palavras da Justiça. (O Ser ama sempre a eqüidade, o direito. É imparcial, reto, justo. Quer a legalidade, o que é legítimo, cultiva a virtude e a santidade; é exato nas suas coisas, cabal, completo; deseja a precisão e a pontualidade. Em contrapartida, o Ego trata sempre de justificar e desculpar seus próprios delitos. Jamais é pontual, deseja o suborno, é dado a aconselhar e corromper os tribunais da justiça humana.)

25 - Ó tu, espírito que apareces em Unes e cuja voz é tão penetrante! Eu jamais promovi querelas. (O Ego aprecia a mágoa, a discórdia, a disputa, a demanda, a briga. É amigo de politicalhas, contendas, pleitos, litígios, discussões. Por antítese diremos que o Ser é diferente: ama a paz, a serenidade, é inimigo das palavras duras; se aborrece com as alterações, as

falcatruas. Diz o que tem a dizer e logo guarda silêncio, deixando aos seus interlocutores completa liberdade para pensarem, aceitarem ou recusarem; depois retira-se.)

26 - Ó tu, espírito Basti, que apareces nos Mistérios! Eu não fiz meus semelhantes derramarem lágrimas. (O pranto dos oprimidos cai sobre os poderosos como um raio de vingança. O Ego promove lamentos e deploráveis situações. O Iniciado bem morto, embora tenha vivo o seu corpo, onde quer que passe deixa centelhas de luz e de alegria.)

27 - Ó tu, espírito cujo rosto está na parte posterior da cabeça, e que deixas tua morada oculta! Eu jamais pequei contra a natureza com os homens. (Os infrassexuais de Lilith, homossexuais, pederastas, lesbianas, afeminados, são sementes degeneradas, casos perdidos, sujeitos que de nenhuma maneira podem auto-realizar-se. Para esses serão as trevas exteriores, onde se ouve somente o pranto e o ranger de dentes.)

28 - Ó tu, espírito com a perna envolta em fogo e que saís de Akhekhú! Eu jamais pequei pela impaciência. (A intranqüilidade, o desassossego, a falta de paciência e de serenidade são obstáculos que impedem o trabalho esotérico e a auto-realização íntima do Ser. O Eu é por natureza impaciente, intranqüilo, tem sempre tendência a alterar-se, enfadar-se, arder, enojar-se. Não sabe esperar e por isso fracassa.)

29 - Ó tu, espírito que saís de Kenemet e cujo nome é Kenemti! Eu jamais injuriei a qualquer pessoa. (O iniciado bem morto, que já dissolveu o Ego, tem somente dentro de si o Ser e este é de natureza divina, incapaz de injuriar o próximo. O Ser não ofende a ninguém, é perfeito em pensamento, palavra e obra. O Ego fere, maltrata, danifica, insulta, ultraja, agrava.)

30 - Ó tu, espírito, que saís de Sais, e que levas em tuas mãos tua oferenda. Eu não fui querelador. (Ao Ego agradam as broncas, alvoroços, grosserias.)

31 - Ó tu, espírito que apareces na cidade de Djefit e cujas faces são múltiplas! Eu não agi precipitadamente. (O Eu tem sempre a marcada tendência a desesperar-se. É arrebatador, inconsiderado, imprudente, temerário, irreflexivo, deseja correr, andar depressa, não tem precaução. O Ser é muito diferente, profundo, reflexivo, prudente, paciente, sereno.)

32 - Ó tu, espírito que apareces em Unth e que estás cheio de astúcia! Eu não faltei com o respeito aos deuses. (Durante este presente ciclo tenebroso do Kali-Yuga as pessoas zombam dos deuses santos, Prajapatis ou Elohim bíblicos. As multidões da futura sexta raça voltarão a venerar os inefáveis.)

33 - Ó tu, espírito adornado de chifres e que saís de Santiú! Em meus discursos nunca usei de palavras excessivas. (Observemos os charlatões das diversas emissoras radiofônicas! Assim também é o Eu; sempre palrador).

34 - Ó tu, Nefer-Tum, que saís de Mênfis! Eu não defraudei nem obrei com perversidade. (A fraude tem muitos coloridos de tipo psicológico. Sentem-se defraudadas as noivas enganadas; os maridos traídos; os pais e mães abandonados ou feridos moralmente por seus filhos; o trabalhador despedido injustamente de seu emprego; o menino que não recebeu o prêmio prometido; o grupo esotérico abandonado por seu guia. Interessa ao Eu defraudar, perverter, corromper, infeccionar tudo quanto toca.)

35 - Ó tu, Tum Sep, que saís de Djedu! Eu não tenho jamais injuriado o rei. (Os chefes de Estados são os veículos do Karma; por isso não devemos amaldiçoá-los.)

36 - Ó tu, espírito, cujo coração é ativo e que sais de Debtí! Eu jamais poluí as águas. (Seria o cúmulo do absurdo que um iniciado com o Ego bem morto cometesse o crime de emporcalhar as águas dos rios e dos lagos. Mas, apraz ao Eu realizar tais crimes, porque não sente compaixão pelas criaturas; não quer entender que ao infectar o elemento líquido prejudicam tudo o que tiver vida.)

37 - Ó tu, Hi, que apareces no céu! Saiba: minhas palavras jamais foram altaneiras. (O Ego é altivo por natureza, soberbo, orgulhoso, arrogante, imperioso, depreciativo, desdenhoso. Ele esconde seu orgulho sob a túnica de Arístipo – vestimenta cheia de buracos e remendos. Dá-se até ao luxo de falar com fingida mansietude e poses piedosas, mas através dos buracos de sua roupa nota-se a sua vaidade.)

38 - Ó tu, que ordenas aos iniciados! Eu não amaldiçoei os deuses. (As pessoas perversas abominam e denigrem os deuses, anjos e devas.)

39 - Ó tu, Neheb-Nefert, que sais do lago! Eu não fui jamais impertinente nem insolente. (A impertinência e a insolência fundamentam-se na falta de humildade e paciência. O Ego gosta de pisar, magoar, é irreverente, inoportuno, disparato, grosseiro, precipitado, torpe.)

40 - Ó tu, Nehebe-Kau, que sais da cidade. Eu não intriguei jamais, nem me fiz valer. (O Ego quer subir, galgar o cimo da escada, fazer-se sentir, ser alguém na vida. O Eu é farsante, embrulhão, enredador, maquinador, obscuro e perigoso.)

41 - Ó tu, espírito, cuja cabeça está santificada e que logo sais de teu esconderijo! Saiba: eu não enriqueci de modo ilícito. (O Ego vive em função do “mais”. O processo acumulativo do Eu é horripilante: mais dinheiro, não importando os meios, ainda que seja estafando, enganando, defraudando, intimando, trapaceando. Mefistófeles é perverso, malvado, assim tem sido sempre Satã, o Mim Mesmo.)

42 - Ó tu, espírito que sais do mundo inferior e levas ante ti teu braço cortado. Eu jamais desdenhei os deuses da minha cidade. (Essas divindades inefáveis, anjos protetores das povoações, espíritos familiares, etc, merecem nossa admiração e respeito. Eles são os Deuses Penates dos antigos tempos. Cada cidade, povo, metrópole ou aldeia, tem seu reitor espiritual, seu Prajapati. Não existe família que não tenha seu próprio regente espiritual. O Ego despreza os pastores da alma.)

CAPÍTULO XXXVIII

A besta bramadora

Antes da segunda catástrofe transapalniana que alterou basicamente o aspecto da crosta terrestre, existiu um velho continente que hoje jaz submerso nas procelosas águas do Atlântico. Refiro-me à “Atlântida”, sobre a qual existem inúmeras tradições por toda parte.

Veja-se nomes estrangeiros atlantes ou de línguas bárbaras, como diziam os gregos que quiseram sacrificar Anaxágoras quando se atreveu a suspeitar que era um pouco maior do que a metade do Peloponeso.

Nomes, digo, traduzidos do egípcio pelos sacerdotes saíficos e transcritos ao seu significado primitivo pelo divino Platão para vertê-los posteriormente à linguagem da Ática.

Vede o fio diamantino da tradição milenar desde aqueles até Sólon, dando prosseguimento com os Crítias e o Mestre Platão.

Veja-se as extraordinárias descrições no campo da botânica, da geografia, zoologia, mineralogia, política, religião, costumes atlantes.

Vede com olhos de águia rebelde as veladas alusões aos primeiros reis divinos daquele velho país antidiluviano, e às inúmeras referências encontradas nos textos sagrados do mundo oriental e no paganismo mediterrâneo.

Reis sublimes, de quem os apontamentos de Diodoro da Sicília trazem detalhes incontáveis para que estudemos.

Vede, finalmente, e isto é o mais interessante, o próprio sacrifício da Vaca Sagrada, característico dos brâmanes, dos hebreus, dos maometanos, dos gentios europeus e de milhares de outros povos.

Nosso celeberrimo circo taurino é, em si mesmo, uma sobrevivência ancestral, antiqüíssima daquela festa de sacrifício atlante, cuja descrição é encontrada em muitos livros secretos.

São realmente muitas as lendas existentes no mundo sobre aqueles touros soltos no templo de Netuno, animais que não eram vencidos brutalmente como hoje, com lanças e espadas, mas com laços e outras artes da clássica tauromaquia.

Vencida no rodeio sagrado a simbólica besta, era imolada em honra aos deuses santos da Atlântida que, assim como o próprio Netuno, involucionaram do estado Solar primitivo, até se transformar em pessoas do tipo Lunar.

A arte clássica da tauromaquia é algo iniciática e relacionada com o culto misterioso da Vaca Sagrada.

Vede o rodeio atlante do templo de Netuno e a atual tourada, que são a representação de um zodíaco vivo, onde o respeitável público sente-se constelado.

O Iniciador ou Hierofante é o Mestre. Os toureiros a pé, são os companheiros. Os picadores são os aprendizes, por isso eles vão montados a cavalo, com todo o lastro em cima de seu não domado corpo que cai morto na briga.

Os companheiros ao colocar os dados já começam a sentir-se superiores à fera, ao Ego animal. Eles simbolizam, a exemplo do Arjuna do Baghavad Ghita, os perseguidores do inimigo secreto, ao passo que o Mestre com a capa de sua hierarquia, ou seja, com o domínio de Maya e empunhando em sua destra a espada flamígera da Vontade, procede, à maneira do deus Krishna do velho poema, como o perseguidor, o matador da besta, do Eu, horripilante monstro que brame, que vem a ser o Kameloc ou Kamaloka, o próprio Rei Arthur, chefe supremo dos insígnis Cavaleiros da Távola Redonda.

A resplandecente tauromaquia atlante, uma arte régia profundamente significativa, porquanto nos ensina através de seu brilhante simbolismo a dura luta que nos deve conduzir à dissolução do Eu psicológico. Qualquer olhar retrospectivo relacionado com o esoterismo taurino pode conduzir-nos aos místicos descobrimentos de ordem transcendental.

Como fato de atualidade imediata é bom citarmos o profundo amor que o toureiro sente por sua Virgem; e a ela entrega-se totalmente antes de aparecer com seu traje de luzes na arena.

Isto nos faz recordar os Mistérios Isíacos: o sacrifício terrível da Vaca Sagrada e os cultos arcaicos de Io, cujas origens advém solenes desde o amanhecer da vida em nosso planeta Terra.

Somente Io, Devi Kundalini, a Vaca Sagrada, a Mãe Divina, possui realmente esse mágico poder serpentino que nos permite reduzir a poeira cósmica o Ego animal, o touro terrível do rodeio da existência.

Parsifal, ou toureiro do astral, depois da dura refrega no rodeio maravilhoso da vida, converteu-se de fato, e por direito próprio, nesse casto inocente da Dramaturgia Wagneriana, anunciado pela voz do silêncio entre os esplendores do Santo Graal.

CAPÍTULO XXXIX

Os três traidores

“Eu vi sair da boca do dragão, e da boca da besta, e da boca do falso profeta, três espíritos imundos semelhantes às rãs”.

“Pois são espíritos de demônios, que fazem sinais, e vão aos reis da terra em todo o mundo, para reuni-los à batalha daquele grande dia do Deus Todo Poderoso.” (Apocalipse)

Escrito está com carvões de fogo ardente no livro maravilhoso de todos os esplendores, que estes são os três traidores que assassinaram a Hiram, ou melhor, Chiram-Osiris, o deus íntimo de todo homem que vem ao mundo.

Devemos buscar, com ânsia infinita, dentro de nós mesmos, esses três assassinos do Mestre secreto até que, afinal, um dia qualquer, não importa a data, nem a hora, possamos exclamar com todas as forças de nossa alma: “O Rei está morto. Viva o Rei!”

O primeiro traidor é o demônio do desejo. O segundo infiel é o horripilante demônio da mente. O terceiro traidor é o vil demônio da má vontade. Judas é o primeiro, aquele que vende o Cristo secreto por trinta moedas de prata. Pilatos é o segundo, aquele que sempre lava as mãos e se declara inocente, nunca reconhece sua culpa. Caifás é o terceiro, aquele que jamais faz a vontade do Pai, aborrece ao Senhor e prossegue desobedecendo.

A origem desses três malfeitores é muito tenebrosa. Deles advém a espantosa perversão das três Gunas. Sattwa é a Guna da harmonia universal. Rajas é a Guna da emoção. Tamas é a Guna da inércia.

Qualquer Hierofante iluminado, estudando os registros akashicos da natureza poderá verificar, por si próprio, claramente, o fato transcendental do equilíbrio absoluto das três Gunas do mistério, durante a noite profunda do grande Pralaya.

Quando essas três Gunas se desequilibram nos pratos da balança cósmica inicia-se a aurora do novo dia.

Krishna, o preclaro varão que outrora cumpriu uma gigantesca missão na terra sagrada dos Vedas, referindo-se às três Gunas da sabedoria antiga, disse: “Se o Ser encarnado morre quando o Sattwa predomina, vai à esfera dos devotos que adoram o mais elevado”.

Se no momento de morrer predomina o Rajas, nasce entre as pessoas ligadas à ação; e se predomina Tamas nasce entre os seres que não

raciocinam. Os de temperamento Sattwico sobem (às esferas superiores do universo).

Os Rajasicos ficam no meio (renascem em corpo humano, imediata ou quase imediatamente, sem haver se dado ao luxo de umas férias nas regiões inefáveis).

E os Tamásicos vão para baixo, submergem no interior da terra, ingressam no reino mineral submerso para retroceder, involucionando no tempo, descendo pelos degraus dos reinos animal, vegetal e mineral. Mais tarde, saem novamente à luz do sol e reiniciam uma nova ascensão do tipo evolutivo que tem de recomeçar na dura pedra.

E aquele ínclito Senhor tomou outra vez a palavra para dizer o seguinte:

“Quando o conhecimento brilha através dos sentidos, deve-se considerar que predomina Sattwa”.

“Quando prevalecem a cobiça e a atividade, o conceito de novas empresas, a intranqüilidade e o desejo, então, ó Bharata!, predomina o Rajas. E quando predomina o Tamas, ó Kounteya, prevalece a obscuridade mental, a inércia, a inadvertência e a alucinação”.

“Transcendendo as três Gunas que causam este corpo, o ser encarnado liberta-se do nascimento, da morte, da velhice e do sofrimento e advém-nos a imortalidade”.

O Kundalini Yoga ensina brilhantemente que o Bhujanjini, ou poder serpentino, encontra-se enroscado três vezes e meia dentro do Chakra Coccígeo. As três roscas ou voltas representam as três Gunas de Prakriti: Sattwa, Rajas e Tamas.

É um axioma da sabedoria oculta que a meia cauda restante representa a Virkritis, a modificação de Prakriti, o Eterno Feminino.

O evangelho do Senhor Buda diz:

“As três filhas de Mara (as três Gunas pervertidas) tentaram o Boddhisattwa. Porém ele não reparou nelas. Quando Mara viu que não podia acender nenhum desejo no coração do Sramana vitorioso, ordenou a todos os espíritos malignos que, obedientes às suas ordens, atacassem e atemorizassem ao grande Muni.

Mas o Bem-Aventurado contemplou-as como quem olha os brinquedos inocentes das crianças e o ardente ódio dos maus espíritos foi infrutífero. As chamas do inferno transformaram-se em saudáveis brisas perfumadas e os raios furiosos em flores de lótus.

Diante disto, Mara (o Dragão das Trevas) e seu exército fugiram. Enquanto isto, das alturas celestes caía uma chuva de flores e se ouvia as vozes dos bons espíritos.

Vede o grande Muni! O ódio não comove seu espírito. As legiões do mal (esses diabos vermelhos que constituem o famoso Eu) não o intimidaram. É puro e sábio, está cheio de amor e compaixão.

Como os raios de sol barram as trevas do mundo, assim o que persevera em sua busca encontrará a verdade e a verdade o iluminará.”

Até aqui alguns versículos sagrados do evangelho de nosso Senhor, o Buda. Muitos séculos depois, o Divino Rabi da Galiléia exclamava com todas as forças de sua alma: “Conhecereis a Verdade e a Verdade vos libertará”.

“Deus é Espírito”, disse o evangelho cristão, “e os que o adoram, em Espírito e em Verdade, devem adorá-lo.”

“Quando, porém, vier o Espírito da Verdade, Ele vos ensinará todas as verdades; pois não falará de seu, mas dirá todas as coisas que terá ouvido, e os pronunciará as vindouras”.

Escrito está com caracteres de fogo ardente, que somente morrendo misticamente podemos encarnar o Espírito da Verdade. Ao que sabe, a palavra dá poder. Ninguém a pronunciou, ninguém a pronunciará, a não ser aquele que a tiver encarnado.

Sidarta, o Buda, aquele que cumpre o que se propôs, qual o Parsifal da Ópera Wagneriana, empunha valoroso a lança de Eros, para aniquilar primeiramente os Demônios de Seth (o Ego) e depois as três Fúrias que moram nos Abismos terríveis do Aqueronte.

Gautama foi um mago da Iniciação Tântrica, praticou o Sahaja Maithuna intensamente e manejou a lança com singular maestria.

CAPÍTULO XL

Serenidade e paciência

Cada um de nós sabia que a dissolução do Ego corresponde ao trabalho esotérico nos Abismos sinistros do Aqueronte.

Nós, os irmãos da Ordem Secreta, estávamos bem mortos, mas queríamos ingressar em um trabalho superior. Todos sofríamos de íntimos anseios, queríamos reduzir à poeira cósmica essas três Fúrias clássicas vistas por Dante nos Abismos infernais.

Foi-nos dito no templo que deveríamos aguardar, com infinita paciência, o Abade do mosteiro. Porém, as horas faziam-se morosas e aborrecedoras. O Venerável não parecia ter a mínima pressa.

Era algo inusitado ver aqueles adeptos da LB bastante cansados, enfatiados e mal-humorados. Alguns se movimentavam daqui para ali, protestando pela singular demora do Superior.

Existem casos surpreendentes na vida e um deles foi a entrada do Abade no templo. Todos os irmãos de nossa ordem ficaram atônitos, estupefatos, porque já haviam perdido a esperança de ver o Mestre. Diante da sagrada confraria, o Venerável falou o seguinte: “Faltam a vocês, irmãos, duas virtudes que este irmão possui”, e apontou para mim, com o dedo indicador.

Depois, com voz doce e imperativa, disse-me: “Diga-lhes, irmão, quais são as duas virtudes”.

“Temos de saber ser pacientes, temos de saber ser serenos”, disse, com voz pausada e clara.

“Viram? Convenceram-se?”, exclamou o Abade. Todos, espantados e maravilhados ao mesmo tempo, optaram em guardar silêncio.

Indubitavelmente, aqueles irmãos tiveram de ser convocados para o trabalho superior, pois somente esta insignificante pessoa havia saído vitoriosa na prova.

Muito mais tarde, no tempo, tive de comparecer diante da irmandade de outro mosteiro da LB, para receber certas instruções e firmar alguns documentos importantes. Iria trabalhar intensamente nos infernos atômicos lunares, desintegrando as três filhas de “Mara”. Por este motivo, deveria ser antes instruído e admoestado.

Não é demais enfatizar o transcendental fato de um trabalho concluído no reino mineral submerso do planeta Terra, pois é óbvio que no Tártaro havia reduzido a poeira cósmica o Ego animal. Contudo, o trabalho superior nos Abismos lunares, eliminando os três traidores de Chiram-Osiris, haveria de ser muito mais difícil.

Fui prevenido e aconselhado com as seguintes palavras:

“Deves cuidar-te do frio lunar”, como se me dissessem: não abandones a magia sexual. “Tens o Eu bem morto, mas se cometer o erro de cair novamente na geração animal, então o Ego ressuscitaria pouco a pouco.”

Em estado de Nirvikalpa Samadhi fui levado por meu Divino Augoeides ao mundo lunar, onde fui sabiamente aconselhado.

Minha alma comoveu-se com suas profundezas, em seu âmago, ao encontrar ali o ancião do templo das duas vezes nascidos, nosso querido reitor.

O velho sagrado parece ter todas as características psicológicas do limão, porém irradia infinito amor.

Compreendi que para ter direito à ascensão ao céu lunar, devia primeiro baixar aos infernos selenitas e enfrentar valorosamente as três fúrias.

“Vem, Medusa, e te converteremos em pedra”, gritam as perversas. “Fizemos mal em não nos vingarmos da audaz entrada de Teseu”.

Quando quis subir pela simbólica escada da Jacob, o velho Sagrado do templo arrancou da Árvore do Conhecimento um ramo delicioso e me fez aspirá-lo. Aquela fragrância era Nirvânica paradisíaca. “Aspire-a sempre para que possas subir”, foram as palavras do Adepto.

Devemos nos nutrir com a fragrância deliciosa da Árvore da Ciência do bem e do mal, mas não comê-la, essa é a lei.

Nos Abismos de Selene comecei o meu trabalho com Judas, o demônio do desejo, o Kama-Rupa teosófico. Muitas pessoas confundem, lamentavelmente, esse traidor com o corpo sideral astral que os “duas vezes nascidos” fabricaram na Frágua Acesa de Vulcano.

A deusa de Cabeça de Escorpião, o terceiro aspecto cósmico de minha Divina Mãe Kundalini, caminhando dentro do monstro passionário, disfarçada de misterioso escorpião, fez chover sobre ele sua taça de destruição. Eis que os deuses que me ajudaram, arrancaram o peito da primeira fúria sem misericórdia. A deusa de cabeça de leão, espantosamente divina, imobilizou seus membros e tirou-lhe toda a força bestial que possuía.

Graças ao auxílio direto de minha Divina Mãe Kundalini, e em boa hora, foi reduzido a cinzas o horripilante demônio do desejo, o perverso Judas.

Um pouco mais tarde tive de continuar meu trabalho com o inquieto demônio da mente que tanta amargura nos traz, o abominável Pilatos de todos os tempos.

Essa vil fúria clássica obviamente originou certas confusões no intelecto de notáveis investigadores ocultistas. Indiscutivelmente, alguns escritores sérios confundiram o Pilatos interior de cada um, com o autêntico e legítimo corpo mental que os “duas vezes nascidos” fabricaram, pacientemente, na Forja dos Ciclopes.

“Para trás, ó demônio mental! Tu, por quem Osiris, o ser íntimo de cada um, sente horror! Afasta-te da minha barca impelida por ventos propícios”.

E exclamei com poderosa voz, igual à de um leão quando rugiu, chamando com todas as forças da minha alma a minha Divina Mãe Kundalini. Sete trovões repetiram a minha voz.

“Os Deuses da vasta terra estão atrelados! Vai-te asqueroso Pilatos. O deus, Senhor da região dos mortos, te detesta!”

Essa fúria sinistra, em seu ocaso aterrador, chegou até a tomar a aparência de um menino.

Vã sombra reduzindo lentamente sua figura, monstro que se embeleza, perde seu tamanho original, reduz-se a um ponto e desaparece para sempre. Aniquilação... palavra terrível... Esse foi o fim do Pilatos fatal que nos atormentava.

Depois, prossegui meu trabalho atacando a Caifás, o terceiro traidor, a mais detestável de todas as Fúrias.

Eu vi subir o demônio da má vontade pela escadaria de minha morada. Tinha um aspecto cesário.

Infelizmente o mesmo não tinha culpa, eu próprio o criara e para cúmulo até cometi o erro de fortalecê-lo com átomos tirânicos quando em Roma me chamei Júlio César. Épocas gloriosas da Águia Romana! Nessa idade estabeleci o cenário para as pessoas da quarta sub-raça ária e fui assassinado pelo perverso Brutus e seus sequazes.

Que meditações tão profundas, meu Deus!... Ah, disse a mim mesmo: devo eliminar de minha natureza íntima este rebelde maldoso que nunca aceitou obedecer ao Pai...

Os Deuses me concedam o teu trono! Oh, RA, assim como teu glorioso corpo!

“Tua rota eu a percorro; e à aurora rejeito o demônio da má vontade que se aproxima dissimulado por trás de uma cortina de chamas apaixonadas, o qual, no estreito e longo corredor das provas esotéricas, ataca-me de surpresa”. Meu Deus, que teria sido de mim sem o auxílio cósmico de minha Divina Mãe Kundalini?

Vênus, Adonia, Insoberba, Rea, Ísis, empunhando com a sua destra a Lança de Eros combateu contra a horrível besta.

Nem a amazona Camila, com a cabeleira solta ao vento, loura como o ouro, avançando semelhante a Diana ao encontro de seus inimigos, jamais teria podido competir com minha mãe em formosura.

Morreu a terceira fúria depois de receber várias lancetadas no corpo. Nenhuma a igualava em fealdade, nenhuma tinha tantas serpentes em sua cabeleira. Suas próprias irmãs a temiam. A infeliz trazia em suas mãos todos os venenos gorgôneos do Inferno.

Pude verificar claramente todo o processo de morte nas três Fúrias. Elas passaram por todas as transformações mágicas cantadas por Ovídio. Se inicialmente foram gigantescas e horríveis, como o monstro Polifemo da terra maldita, que devorava implacavelmente os companheiros de Ulisses, momentos antes de chegar a Parca soberana, possuíam o aspecto de crianças recém-nascidas.

Aquelas sombras morreram destilando em meu interior a fragrância da vida, certa percentagem de consciência que me pertencia, mas que estava aprisionada.

CAPÍTULO XLI A rainha dos jinas

A lança em riste, ao peito o forte escudo, sobre o arsão o corpo ameaçador, o bárbaro furioso ao herói intimida com seus fixos olhos, lívido semblante, rosto sereno. Com trejeitos forçados, brande o cavaleiro o ferro cintilante, e envoltos no pó que levantam, a terra em torno ao investirem, se espantam.

Em confusa batalha, luta o cavaleiro por sua Dama. Todos os filhos de Satã ardendo em ira encarniçam-se, voa em pedaços a rompida malha. Cruéis golpes martirizam os corpos. Não existe ceder; não existe acalmar. Imóvel obstáculo, ferros cruzados milhares de vezes se eriçam, ferem-se, e tornam a ferir-se, desprezam a morte, fervendo de cólera gradualmente aumentada.

A terna Dama, a Alma-Espírito (Budhi), exige sempre de seu cavaleiro todo gênero de inauditos prodígios de valor e sacrifício.

Ela, a divina e perfeita Esposa é Ginebra, a Rainha dos Jinas, aquela que servia o vinho a Lanzarote. Delicioso vinho da espiritualidade transcendente, nas taças iniciáticas de Sukra e de Manti, taças que, em suma, são o Santo Graal em sua significação de Cálice da suprema bebida, ou néctar iniciático dos deuses santos.

Felizmente, o cão Cérbero (o instinto sexual) guia a matilha que ajuda o cavaleiro em sua descomunal aventura.

Hércules prendeu Cérbero, o cão de três cabeças e, apesar de seus latidos, tirou-o do Tártaro, atado a uma coleira.

Antro horrível onde uivava Cérbero, prodígio do terror, que com seus latidos, suas três enormes cabeças achatadas e seu pescoço rodeado de serpentes, enchia de espanto a todos os defuntos.

“Cérbero, Cão Guia”, agradecido, conduz pela senda do fio da navalha o cavaleiro que é capaz de tirá-lo das torturas do Inferno.

Cérbero, submerso nos infernos atômicos do homem, emancipado, converte-se no melhor guia do iniciado.

Cão maravilhoso (libido sexual), arremessando a grilheta orienta o adepto que busca a sua Bem Amada.

Ditoso o cavaleiro que depois de dura batalha celebre seus esponsais com a Rainha dos Jinas.

Escrito está com letras de ouro no livro da vida, que dentro do Budhi, qual vaso de puro cristal transparente, arde milagrosa a chama de Prajña (o Ser).

Preciosa Dama-Espírito, eterna esposa adorável, mulher ideal; Búdico encanto do amor.

Aceita-me em graciosa honra como servo e escravo que de vós sou.

Sede minha amada porque não sou digno de vós...

Porém, nobre e divina Dama, não ouse pedir-vos senão que me permitais meu submisso serviço, porque em tudo quanto em mim esteja vos servirei como fiel vassalo.

Vede! Submisso a vós, como todo o meu afã e zelo entrego-me ao vosso arbítrio inteiramente.

Bem sabem os divinos e os humanos que o Senhor de Perfeição (o Atman Teosófico) tem duas almas: tu e eu... (o Budhi e o Manas superior ou causal).

Não ignoram os poucos sábios que no mundo existiram, que tu és minha adorada e que eu sou o teu adorador. És a luz do dia, a que me ilumina, ou és a lembrança de tua presença? Para onde quer que dirija minha vista, o mundo

parece-me cheio de tua imagem. No raio do sol que vacila na água e que brinca entre as folhas, vejo apenas a semelhança de teus olhos.

Em que consiste esta mudança que alterou meu ser e que variou o aspecto do universo?

Não buscarei remédio para as tuas provas. A todas quantas me impunhas, me submeto. Teu súdito sou... e tu, minha rainha.

Proclama-o em alta voz e dele me glorifico.

Em verdade, morrer por vós há de ser a maior felicidade.

Numa noite de indiscutíveis delícias tive a dita de encontrar a minha bem amada na paragem secreta da montanha.

Pelo caminho solitário avançava lentamente a carruagem da minha prometida.

Diz a lenda dos séculos que a Marquesa de Beaupré passeava numa carruagem de singular beleza, feita de porcelana pura. Porém, a carruagem triunfal de minha adorável Walquíria, assemelhava-se melhor àquela que nos tempos do “Rococó” usara a mulher do Duque de Clermont: carruagem esplêndida com seis cavalos, os quais usavam ferraduras de prata, sendo as rodas e aros do mesmo metal.

Prendestes meu coração, irmã, esposa minha.

Capturastes meu coração com um de teus olhares.

Com um colar de teu pescoço.

Quão formosos são teus amores, irmã, minha esposa!

Quão melhores que o vinho, teus amores!

O odor de teus unguentos, todas as espécies aromáticas!

Como favo de mel destilam os teus lábios, oh esposa!

Mel e leite tem debaixo de tua língua; e o aroma de teus vestidos são como o perfume do Líbano.

És horto cerrado minha irmã, minha esposa; fonte impenetrável, fonte selada.

Teus rebentos são paraíso de romãs, com suaves frutos, flores de alhanha e nardos.

Nardo e açafraão, cana aromática e canela, com todos os espécimes do incenso; mirra e aloés, com todas as principais espécies aromáticas.

Fonte de hortos, poço de águas vivas que correm do Líbano.

(Veja o Cântico dos Cânticos: Bíblia, Antigo Testamento.)

O carro triunfal da rainha adorada detém-se ante uma fortaleza de porfiro luzente, de riqueza e esplendor do Oriente, cujos muros e arquitetura abrilhantam.

O esplêndido veículo estaciona ante as portas de bronze refulgente que espantam por sua majestade e logo se vê cercada por amável coro; distintos cavaleiros, príncipes e nobres, formosas damas e delicados meninos.

Alguém dá um sinal e eu obedeço. Avanço para a carruagem do amor e vejo através dos cristais a minha Walquíria.

Quão formosos são teus pés nas sandálias, oh filha de príncipe!

Os contornos de tuas coxas são como jóias, obra prima de excelente mestre.

Teu umbigo é como uma taça redonda que não falta bebida. Teu ventre é como um monte de trigo cercado de lírios.

Teus dois seios, como gêmeos de gazela”; teu pescoço como torre de marfim; teus olhos como os tanques do Hésbon junto à porta de Bat-rabin.

Teu nariz como a torre do Líbano que olha para Damasco; tua cabeça em cima de ti, como o Carmelo; o cabelo de tua cabeça como a púrpura do rei, suspensa nos corredores.

(Veja-se o Cântico dos Cânticos: Bíblia, Antigo Testamento)

Vestida com o traje nupcial, o traje de bodas da alma, chegou a minha prometida em sua resplandecente carruagem para os esponsais.

Desposar-me ante a Ara Santa com minha Alma Gêmea, o Budhi teosófico, que felicidade, meu Deus! Porém, foi-me dito que deveria aguardar um pouco mais.

A viril administradora da força do alto me convocava e eu sofria com infinita paciência. Tive, então, de aprofundar-me nos sacros mistérios de Minna, as pavorosas trevas de um amor que é irmão gêmeo da morte.

Trabalhei intensamente na superescuridão do silêncio e do segredo augusto dos sábios.

Tive que aguardar por algum tempo... Mas eu suspirava por Ginebra, a Rainha dos Jinas.

Certa noite, as estrelas resplandecendo no espaço inteiro, pareciam ter um novo aspecto. Longe do bulício mundano encontrava-me em Samadhi, enquanto a porta de minha sala permanecia hermeticamente fechada.

Então pude celebrar as Bodas Alquímicas. Ela entrou em mim e eu me perdi nela. Nesses momentos de bem-aventurança brilhou intensamente o Sol da meia noite, o Logos Solar.

Senti-me transformado, integralmente. A Igreja de Laodicéia, o famoso chakra Sahasrara, o Lotus de Mil Pétalas, a Coroa dos Santos resplandecendo na glândula pineal, trouxe-me a felicidade... (Param Anad).

Naquele instante de beatitude suprema converti-me num autêntico e legítimo “Brahma Vidvarishta”.

Os mil Yogas Nadis do Sahasrara me conferiram, de fato, poder sobre certas forças da natureza.

Budhi, minha Ginebra, além de levar o Shiva-Shakti Tattwa ao máximo de atividade vibratória, havia posto o Padma coronário em certo estado de intensificadas funções místicas.

Transformei-me, então, no Mensageiro da Nova Era de Aquário, ensinando à humanidade uma doutrina tão nova e tão revolucionária... e, no entanto, tão antiga.

Quando abri a porta de minha sala, o Olho de Diamante (a pineal), permitiu-me ver inumeráveis inimigos. É óbvio que a difusão da Gnose, em sua forma revolucionária, aumentará cada vez mais o número de meus adversários.

Não será demais repetir que depois deste grande evento cósmico, houve a cerimônia nupcial no templo. Muita gente assistiu a esse grande festival do amor.

CAPÍTULO XLII

O dragão das trevas

Depois das bodas alquímicas com essa mulher inefável, chamada Ginebra, a Rainha dos Jinas, tive de enfrentar, valorosamente, o Dragão das Trevas.

Disse no capítulo anterior que a Walquíria maravilhosa exige sempre de seu adorável cavaleiro todo gênero de inauditos prodígios de valor e sacrifício.

Em meio ao fogo abrasador do universo, não existem exceções! Até as Damas-Adeptos devem pelejar em muitas batalhas, qual épicas amazonas, quando anseiam desposar-se com o Bem Amado (o Budhi).

Eu pensava que depois das Bodas Alquímicas com minha adorada, entraria totalmente numa paradisíaca lua de mel. Nem remotamente suspeitava que entre as guaridas submersas do subconsciente se escondesse o sinistro e tenebroso Mara, o pai das três fúrias clássicas.

Gigantesco monstro de sete cabeças infra-humanas, personificando, amargamente, os sete pecados capitais.

Eu do Eu, horripilante engendrado do Abismo, dentro do qual estava enfrascada uma boa percentagem da minha consciência.

Ao escrever estas linhas não podemos deixar de recordar aquele versículo apocalíptico que diz textualmente: “E foi lançado fora o Grande Dragão, a serpente antiga que se chama diabo e satanás, o qual engana o mundo inteiro. Foi arrojado a terra e seus anjos (os Eus que constituem o Ego) foram arrojados com ele.

Se o Arcanjo Miguel e seus luminosos anjos da Luz Divina lutaram heróicas batalhas contra o Dragão, por que haveria eu precisamente de ser uma exceção à regra geral?

Deus meu, até o próprio Buda Gautama Sidarta teve espantosas guerras contra o Dragão horripilante Mara e suas três asquerosas fúrias. Eis aqui determinado versículo do Evangelho Budista que diz o seguinte:

“Mara (o Dragão das Trevas) proferiu as ameaças que inspiram terror e suscitou tamanho furacão que os céus escureceram e o mar rugiu e palpitou. Mas, sob a árvore de Bodhi (a figueira símbolo do sexo), o bem-aventurado permanecia tranqüilo sem temer nada”.

“O Iluminado sabia que nenhum mal poderia ocorrer-lhe”.

Ah! Se o Adepto pudesse exclamar: “Eu não sou o Dragão...” Se pudesse dizer: “Esse monstro nada tem a ver comigo...”

Mas está escrito claramente no livro de todos os enigmas que Mara é o Mim Mesmo, o Si Mesmo em seus estados de infra-consciência mais profunda. Zeus, desde Olimpo, governa o mundo. Muitas vezes os deuses fazem o que não se espera, e o que se aguarda não sucede, e o céu dá aos negócios humanos fim não pensado. Assim tem acontecido até agora.

Pelejar contra o Dragão depois da Boda? Que surpresa, meu Deus! Estranho o que se passa comigo...

Fácil é descer aos Mundos Infernos; mas não é tão fácil retornar dali. Ali está o trabalho duro! Ali enfrenta-se a difícil prova!

Alguns heróis sublimes, poucos, em verdade, conseguiram o regresso triunfal! Bosques impenetráveis separam o Averno do mundo da luz, e as águas do pálido rio, o Cócito, traçam labirintos preguiados naquela penumbra, cuja imagem sozinha estremece.

E rugiu a grande besta espantosamente como quando um leão ruge e estremeceram de terror as potências das trevas.

Quando no imenso bosque silente, na sombra esplêndida do Taburneo, dois touros de afiados cornos correm enfurecidos um contra o outro para pelejar, os humildes pastores, espantados, retiram-se e, como é natural, todo o rebanho fica ali imóvel e mudo de terror.

Eles, com todas as suas forças, vão se enchendo de terríveis feridas e com todo o seu peso enterram seus afiados chifres na carne. Seus pescoços e espáduas manam vermelho sangue purpurino e todo fundo estremece com os seus mugidos.

Igualmente, o Dragão das Trevas e minha alma sonhadora corriam um contra o outro, protegendo-se com seus escudos, enquanto o Abismo enchia-se de estrondo.

Júpiter, o venerável pai dos divinos e dos humanos, contemplando a dura refrega, mantém em equilíbrio os dois pratos maravilhosos de sua balança cósmica e depõe sobre cada um deles os destinos dos dois combatentes. Qual sucumbirá? Em que parte pesará a morte? O pérfido Mara sente-se invulnerável em sua audácia. A esperança e o excesso de ódio o agitam.

O monstro empunha com sua mão esquerda a temível lança de Longinus. Três vezes tenta, em vão, ferir-me. Desesperado, arroja contra mim santa lança. Evito o duro golpe da lança, enquanto intervém minha Divina Mãe Kundalini, que se apodera da singular relíquia e com ela fere mortalmente o abominável bastardo do inferno.

O Dragão Vermelho perde pouco a pouco sua gigantesca estatura, diminui espantosamente, reduz-se a um ponto matemático e desaparece para sempre no tenebroso antro.

Terríveis são os segredos do velho Abismo, oceano sombrio e sem limites, onde a Noite Primogênita e o Caos, avós da natureza, mantém uma perpétua anarquia em meio do rumor de eternas guerras, sustentando-se com o auxílio da confusão.

O calor, o frio, a umidade, a seca, quatro terríveis campeões, disputam ali a superioridade e conduzem ao combate seus embriões atômicos que, agrupando-se em torno da bandeira de suas legiões e reunidos em diferentes tribos, armados ligeira ou pesadamente, agudos, arredondados, rápidos ou lentos, formigam tão inumeráveis como as areias do Barca ou as da praia de Cirene, arrastados para tomar parte na luta dos ventos e para servir de lastro às suas velozes asas.

O átomo a quem maior número de átomos se adere domina por um momento. O Caos governa como árbitro e suas decisões vêm aumentar cada vez mais a desordem, mercê da qual reina. Depois dele, o acaso dirige tudo nestas regiões lunares submersas.

Ante aquele Abismo selvagem, berço e sepulcro da natureza, ante aquele antro que não é mar, nem terra, nem ar, nem fogo, mas que é formado de tudo isto, de todos estes elementos que confusamente misturados em suas causas fecundas, devem combater do mesmo modo, sempre, a menos que o Logos criador disponha de seus negros materiais para formar novos mundos, ante aquele Tártarus bárbaro, o horripilante bastardo abismal exalou seu último alento.

Então ocorreu algo insólito, maravilhoso, extraordinário, aquela fração de minha consciência, antes embutida dentro do corpo descomunal do abominável monstro, regressou ao fundo de minha alma.

CAPÍTULO XLIII

Conclusão dos trabalhos lunares

Depois de haver reduzido à poeira cósmica o Mara, que é o pai das três fúrias clássicas, tive que enfrentar valorosamente as feras secundárias do Abismo.

O dia terminava lentamente. O ar delicioso da noite convidava ao descanso a todos os seres vivos que povoam a face da Terra e eu apenas me preocupava em sustentar os combates do caminho e das coisas dignas de compaixão que minha memória escreverá sem equivocar-se.

Oh Musas inefáveis! Oh alto engenheiro divinal, venha em meu auxílio, Júpiter, venerável pai dos divinos e dos humanos! Inspira-me para que meu estilo não contrarie a natureza do assunto.

Interrompeu meu sono profundo um trovão fortíssimo. Estremeci como alguém que desperta violentamente. Levantei-me, dirigi o olhar à minha volta, fixei a vista para reconhecer o local onde me encontrava e vi-me em uma casa solitária, junto ao caminho tenebroso.

Sentado em tosco banco junto à janela que me permitia contemplar o escarpado caminho, evoquei o passado.

Certamente, noutras épocas eu havia estado na mansão do Abismo, tendo diante de mim o mesmo caminho.

Nada me parecia novidade. Compreendi que recapitulava mistérios. Levantando-me da cadeira, abri a velha porta da casa e saí caminhando rápido, pelo caminho solitário. Com uma só deslocação e atravessando com o olhar um espaço tão distante quanto é possível à penetração da visão espiritual, vi aquele lugar triste, devastado e sombrio.

O chão estava úmido e tive de deter-me rapidamente, porque havia um cabo elétrico caído no solo. Era de cobre e estava carregado de alta tensão! Que horror! Quase o pisei. “É preferível morrer sendo livre, do que viver aprisionado”, exclamou a voz do silêncio na Noite do Mistério.

Alarmado, tentava retroceder, porém nesse exato momento senti-me reconfortado. Avancei resolutamente por aquelas paisagens sub-lunares ao longo da tortuosa senda abismal.

Via horrenda entre as pavorosas entranhas da pálida Lua, misterioso caminho do passado. Grande dia cósmico, quantas recordações me trazes!

Ah, sim! Eu estive ativo no Mahanvantara anterior e vivi com os selenitas do mundo lunar.

Agora, este velho mundo lunar é um cadáver e dos selenitas não restaram sequer os seus ossos.

Profundas reflexões comoveram terrivelmente as fibras mais íntimas de minha alma, enquanto silenciosamente caminhava por aquela senda submersa. Não obstante, meu corpo planetário aqui na terra jazia em profundo repouso.

Por acaso é raro que a alma escape do corpo físico durante a meditação? Sonhar? Não! Há muito tempo deixei de sonhar. Aqueles que despertam a consciência já não sonham.

Autoconsciência? Esta é uma faculdade diferente e eu a possuo porque estou bem morto.

Consciência objetiva? É óbvio que se não a tivesse não poderia informar aos meus amados leitores sobre a vida nos mundos superiores.

Estudos? Sim. Faça-os fora do corpo físico durante o Samadhi.

Regressemos ao nosso relato querido leitor, e perdoai-me esta pequena, porém importante digressão.

O abrupto sendeiro lunar, virando surpreendentemente para a esquerda, penetrou em algumas colinas muito pitorescas.

Assemelhavam-se a um parque nacional em dia de domingo. Um matizado conjunto de humanas criaturas parecia desfrutar deliciosamente da pradaria. Para o entretenimento de todos, alguns vendedores ambulantes andavam em todas as direções vendendo balões coloridos.

Símbolo vivo da existência profana, assim o entendi. Contudo, busquei tudo aquilo com intensidade.

Estava absorto, contemplava a multidão, quando ocorreu alguma coisa insólita. Pareceu-me que o tempo por um momento se detivesse. Nesse instante de terror, surge do matagal um lobo sanguinário, feroz, de olhar atravessado que tenta em vão agarrar sua presa. Fogem da Parca desapiedada algumas galinhas cacarejando aterrorizadas.

Extraordinária simbologia oculta: ave de quintal, pusilânime, covarde, tímida. Lobo sanguinário, cruel, malvado. Pavor! Terror! Espanto! Estados sublunares de infraconsciência humana e eu que havia morrido em mim mesmo ignorava a existência desses animais dentro de meus próprios infernos atômicos.

Felizmente, jamais na dura briga, arrojé minha Lança Santa. Graças à minha Mãe Divina Kundalini tenho podido exceder a muitos em força e habilidade com a lança.

Havendo vencido os principais demônios abismais, vis representações dos meus defeitos infra-humanos, terminaram epicamente meus trabalhos lunares matando, com a haste santa, muitas outras bestas infernais.

Recolhi depois de muitas e cruentas batalhas ricos despojos de guerra. Refiro-me às inúmeras pedras preciosas de minha própria consciência, engastadas nos disformes corpos abismais.

A última parte do trabalho foi de caráter absolutamente atômico, pois não é trabalho fácil expulsar as malignas inteligências de seus habitáculos nucleares. Isto é o que se entende por transformar as águas negras em brancas. Estes átomos, agora, converteram-se em veículos maravilhosos de

determinadas inteligências luminosas, chispas magníficas capazes de informar-nos sobre as atividades do inimigo secreto.

Uma noite de glória tive a honra mais excelsa ofertada a um ser humano. Fui visitado pelo Cristo Cósmico. O adorável trazia um grande livro em sua mão direita como a dizer-me: “Entrarás agora na esfera de Mercúrio”.

Ao ver o Mestre, mal pude exclamar: “Senhor, chegastes mais rápido do que eu pensava. Todavia, não vos aguardava”.

O Cristo vivo respondeu-me docemente: “Eu às vezes demoro a chegar, quando me toca vir no mês de março. Tens que continuar morrendo”.

“Como? Continuar morrendo?”

– Sim, respondeu-me o adorável. Tens que continuar morrendo, repetiu.

O que sucedeu, logo a seguir, foi algo prodigioso. O Mestre elevou-se lentamente para o sol da meia-noite, desprendendo-se depois um pouco do astro-rei para abençoar-me, perdoando meus antigos erros.

CAPÍTULO XLIV “Enigmas”

Tieh Shan escreve:

“Conheci o Budismo desde a idade de três anos. Aos dezoito, ingressei no sacerdócio. Um dia, li numa tese trazida por um monge de Hsueh Yen, chamada *Meditações Avançadas*”.

Isto me fez compreender que ainda não havia alcançado este ponto. Fui ver Hsueh Yen, segui suas instruções sobre o modo de meditar sobre a palavra Wu.

Na quarta noite, a transpiração surgiu em todo o meu corpo e eu me senti confortável e leve.

Permaneci na Sala de Meditação, concentrado, sem conversar. Depois, vi Miao Kao Feng, que me disse para continuar meditando sobre a palavra Wu, incessantemente, dia e noite.

Quando me levantei, antes da aurora, o Hua Tou (o significado da palavra, a essência da sentença) imediatamente apresentou-se diante de mim.

Enquanto tive um pouco de sono deixei o assento e descii. O Hua Tou, isto é, a palavra Wu acompanhou-me enquanto andava, preparava a minha cama ou a comida, quando tomava a colher, ou quando deixava de lado os palitos. Estava comigo todo o tempo, em todas as minhas atividades, dia e noite. Se alguém consegue fundir sua mente num todo contínuo e homogêneo, a iluminação está assegurada.

Como resultante deste conselho, convenci-me totalmente de que havia alcançado esse estado. A vinte de março, o Mestre Yen dirigiu-se à congregação. Sentai-vos. Sentai-vos, eretos, refrescai vossas mentes como se

estivésseis à beira de um precipício de dez mil pés de profundidade e concentrai-vos em vosso Hua Tou (a palavra mágica Wu).

Se trabalhades deste modo durante sete dias (sem descansar nem um só segundo), sem dúvida chegareis à realização. Eu realizei um esforço semelhante há quarenta anos. Comecei a melhorar quando segui estas instruções. No terceiro dia, senti que meu corpo flutuava no ar. No quarto dia tornei-me completamente consciente de tudo o que ocorria neste mundo. Àquela noite permaneci um pouco de tempo apoiado contra uma varanda. Minha mente estava serena como se estivesse consciente. Mantinha constantemente diante de mim o Hua Tou (a palavra Wu) e depois tornava a sentar-me.

No momento em que me sentava, subitamente tive a sensação de que todo o meu corpo, desde a cabeça até a ponta dos pés, estava dividido. Tive a sensação de que me rompiam o crânio ou de que me levantavam até aos céus, desde um poço com a profundidade de 10 mil pés.

Então contei ao Mestre Yen este êxtase indescritível e a alegria despreendida que acabava de experimentar. Porém, o Mestre Yen disse-me: “Não, não é isto. Deves continuar trabalhando em tua meditação”.

Atendendo a um pedido meu, citou algumas palavras do Dharma, cujos últimos versos eram:

“Para propagares e glorificares as nobres façanhas dos Budas e dos Patriarcas, falta-te receber uma boa martelada na nuca”.

Perguntava-me: “Por que necessito receber uma martelada na nuca?”

Havia na minha mente uma ligeira dúvida, como alguma coisa de que não estava seguro.

Assim, continuei meditando por um longo tempo, diariamente, durante seis meses. Depois, quando preparava um cozimento de ervas para dores de cabeça, lembrei-me de um Koan (frase enigmática) na qual Nariz Vermelho perguntava à Naja: “Se devolveres os teus ossos ao teu pai e tua carne à tua mãe, onde estarás tu?”

Recordei que quando o monge me recebeu fez esta mesma pergunta e eu não soube responder-lhe. Porém, agora, subitamente, minha dúvida desapareceu. Fui ver Meng Shan.

O Mestre perguntou-me: “Quando e onde podemos considerar que haja terminado nosso trabalho zen?”

Novamente não soube responder-lhe.

O Mestre Meng Shan insistiu para que trabalhasse mais intensamente na meditação (Dhyana) e que devia deixar de lado os pensamentos humanos habituais”.

Cada vez que entrava na sua habitação e dava-lhe uma resposta sobre a sua pergunta, dizia-me: “Ainda não entendeste! Continua trabalhando”.

Um dia, meditei desde a tarde até a manhã seguinte, usando o poder de Dhyana para manter-me e avançar, até que alcancei diretamente o estado de profunda sutileza.

Interrompendo o Dhyana, dirigi-me ao local onde se encontrava o Mestre e contei-lhe minha experiência.

Ele perguntou-me: “Qual é o teu rosto original?”

Quando ia responder-lhe, o Mestre empurrou-me para fora e fechou a porta. A partir deste momento, consegui cada dia um melhoramento sutil.

Mais tarde, compreendi que toda dificuldade advinha do pouco tempo em que eu havia permanecido com o mestre Hsued Yen trabalhando nos aspectos delicados e sutis da tarefa.

Porém, fui muito afortunado em encontrar um Mestre Zen tão excelente. Somente graças a ele pude chegar a esse estágio.

Não compreendera que somente o exercício feito de maneira constante e insistente proporcionará um resultando positivo, e sua ignorância diminuirá a cada passo do caminho.

O Mestre Meng Shan disse-me: “É a mesma coisa que polir uma pérola. Quanto mais polimento mais brilhante, clara e pura se torna”.

Um polimento desta classe é superior a todo trabalho de encarnação. Contudo, sempre que tentava responder às suas perguntas, ele dizia que me faltava algo.

Um dia, na metade da meditação, a palavra “faltar” apresentou-se em minha mente e de repente senti que o meu corpo e a minha mente abriam-se de par em par desde a medula dos meus ossos, completamente.

O sentimento foi como se uma antiga montanha de areia se dissolvesse repentinamente sob o sol ardente, surgido depois de muitos dias escuros e nublados.

Não pude evitá-lo, gargalhava sem parar. Pulei da cadeira, agarrei o braço do Mestre Meng Shan e disse-lhe: “O que é que me falta? O que é que me faz falta?”.

O Mestre esbofeteou-me três vezes e eu três vezes prosternei-me diante dele.

Ele disse-me: “Ó Tieh Shan, tardaste muitos anos para chegar a este ponto”.

CAPÍTULO XLV A iluminação final

A verdade deve ser compreendida mediante uma iluminação instantânea, mas o fato, a completa auto-realização íntima do ser deve ser trabalhada intensa e gradativamente.

O mantra “Wu” refere-se, principalmente, ao despertar da experiência mística em seu sentido imediato e o Samyasambodhi (“Chué” na China) denota a iluminação permanente e completa.

Se mediante um exercício retrospectivo voltarmos ao ponto de partida original e teoricamente devolvermos os ossos ao nosso pai e a carne à nossa mãe, onde estaremos? Obviamente, na semente, no sêmen.

Isto nos induz a pensar que sem o Sahaja Maithuna jamais poderíamos compreender a essência da sentença do famoso Hua Tou, “Wu”.

Observem as verticais da letra “W”, estudem o conjunto! A forma gráfica das combinações enfatiza, claramente, a idéia básica de sucessivas exaltações precedidas sempre por tremendas humilhações.

Quem quiser subir, primeiro terá que descer, essa é a Lei. A iniciação é morte e matrimônio ao mesmo tempo.

Para maior compreensão do Hua Tou, “Wu”, não será demais repetir o seguinte: a descida à nona esfera (o sexo) foi, desde os tempos antigos, a prova máxima para a suprema dignidade do Hierofante. Jesus, Buda, Hermes, Dante, e Zoroastro tiveram que passar por essa difícil prova.

Ali desce Marte para retemperar a espada e conquistar o coração de Vênus; Hércules para limpar os estábulos de Augias; e Perseu para cortar a cabeça da Medusa com sua espada flamígera.

Porém, para o bem da grande causa, convém recordar que junto à letra “W” resplandece no Zen a letra “U”, radical, símbolo vivo daquele grande ventre dentro do qual se gestam os mundos.

Na gramática cósmica, a runa “Ur” é, certamente, a Divina Mãe-Espaço; a sagrada matriz onde se gestam bestas, homens e deuses.

Sem o poder esotérico de Devi Kundalini seria impossível trabalhar na Frágua Acesa de Vulcano (o sexo).

O magistério do fogo deve realizar-se em sete dias ou períodos. Recordemos nossa fórmula astrológica: Lua, Mercúrio, Vênus, Sol, Marte, Júpiter, Saturno (o céu estrelado de Urano e o Empíreo clássico são para aqueles que já chegaram à ansiada meta).

Eu ganhei o direito de ingressar no céu lunar, depois de uma prévia humilhação. Esta é lei para todos os mundos. Ninguém poderia internar-se definitivamente nos céus de Mercúrio, Vênus, sem antes haver trabalhado esotericamente em seus correspondentes infernos planetários.

As experiências “Wu” são uma e muitas ao mesmo tempo: uma porque são idênticas em essência; muitas porque diferem em profundidade, clareza e eficácia e isto dá uma ligeira idéia do sentido e da natureza do “Wu”.

– Qual é o teu rosto original?, foi a terrível pergunta do Mestre Meng Shan! O Gênesis hebraico cita o seguinte: “O homem abandonará seu pai e sua mãe para unir-se à sua esposa e serem ambos os dois em uma só carne”.

Que falem os deuses da aurora! Que me inspirem as musas! Que ruja o furacão!

Está escrito com carvões acesos no livro de todos os mistérios que todos os Avatares de Ishvara apresentem sempre o requerimento do Omnimisericordioso Espírito Universal da Vida: restaurar sobre a face da terra “o rosto original”, o estado primordial, paradisíaco do Adam-Kadmon, o ente andrógino que encarna a dualidade homem-mulher.

Esta preciosa restauração do Ser cósmico dentro de cada um de nós realiza-se precisamente nos deliciosos instantes daquele êxtase supremo do amor quando dois seres, um masculino e outro feminino, em plena cópula carnal, concedem, conscientemente, sua individualidade diferenciada para fundir-se na unidade.

Esta unidade não é apenas física, mas, também, anímico-espiritual. As doutrinas que rejeitam a Magia Sexual de Eros tornam-se, por isso, desumanas e antiodivinas.

Compreende-se no ambiente cultural-espiritual da época atual e, sobretudo, nos círculos esotéricos mais refinados, o reconhecimento do homem como imagem e semelhança do cosmos vivente, partindo daí o sentido cósmico de sua potência sexual.

Os teólogos e naturalistas medievais conheciam, desde aquela época, um pouco sobre a conexão entre a energia sexual e as forças prodigiosas que atravessam o inalterável infinito.

Assim, Santo Alberto Magno achava-se imbuído de profunda crença sobre o poder dos astros que exercem decisivas influência sobre a potência sexual do indivíduo.

Opinando Santo Alberto que as estrelas eram bipolares, ou seja, de natureza angélica animal, chegou à conclusão lógica de que poderia ocorrer no matrimônio uma união, dupla união, espiritual e animal.

Santo Agostinho, o Patriarca Gnóstico, enfatiza a idéia de que a libido sexual abrange não só o corpo, como o Ser Íntimo que na agitação carnal se enlaça com o anímico, de modo a formar uma sensação de prazer sem igual entre os sensuais.

Assim, no instante em que alcança seu ponto culminante, é desconectada toda consciência e toda força de entendimento.

Esta desconexão entre a consciência e o intelecto é, precisamente, a que pode transfigurar o delicioso relacionamento sexual em sobrenatural, em espiritual, em algo divino. Esta é a nota final das práticas místicas, como por exemplo a do zen ou do quietismo cristão de Frei Miguel de Molinos, qual seja, a alcançarmos a tranqüilidade e o silêncio da mente.

Quando a mente está quieta, em silêncio, advém o novo. Nesses momentos de indiscutíveis delícias, a consciência escapa da mortificante mente para experimentar o real.

O segundo Patriarca do zen perguntou ao Bodhidharma: “Como é possível alcançar o Tao?”

O Bodhidharma respondeu-lhe: “Exteriormente, toda atividade cessa; interiormente, a mente deixa de agitar-se. Quando a mente converte-se em um muro, então pode-se ingressar no Tao”.

Os Budistas Chan, na China, raras vezes falam do Sambodhi, a iluminação final (o famoso Chueh).

Como o “Wu” é basicamente a experiência mística do despertar da Verdade (Prajña), a pessoa que consegue a vivência “W” pode não ser capaz de dominá-la, aprofundá-la e amadurecê-la.

Necessita-se de muito trabalho na Nona Esfera antes de se alcançar a perfeição, com a finalidade de afastar os pensamentos dualistas, egoístas e profundamente arraigados que surgem das paixões.

O Evangelho do Tao esclarece: “Purifica teu coração, limpa teus pensamentos, domina os teus apetites e conserva o sêmen”.

O autor do *El-Ktab*, escritura maravilhosa apreciada pelos árabes, não se cansa de glorificar a cópula carnal. Isto se constitui para ele, com justa razão, o hino de louvor mais solene e sagrado, o anseio mais nobre do homem e de sua companheira, ante a unidade primitiva e as delícias paradisíacas.

O amor é o Fiat Lux do livro de Moisés, o mandato divino, a lei para todos os continentes, mares, mundos e espaços.

Quando empunhamos valorosamente aquela Lança de Eros com o evidente propósito de reduzir à poeira todos e cada um dos elementos subjetivos existentes dentro de nós, brota a luz.

No interior das entidades subconscientes existem grandes quantidades de essência, luz em potencial que precisamos libertar.

Assim como o átomo ao ser fracionado libera energia, também a destruição total de qualquer dos nossos elementos infernais libera luz. “Necessitamos nos iluminar”.

“Luz, mais luz”, disse Goethe ao morrer.

A Magia Sexual é o fundamento eterno do Fiat luminoso e espermático do primeiro instante.

A morte radical do Ego e dos outros elementos infra-humanos situados em nosso interior conduz-nos à iluminação final (Samyasambodhi).

Assim a iluminação zen, o “Wu”, varia muito, vai desde a auto-observação superficial dos principiantes sobre a essência mental até o budismo total, como o que foi realizado por Buda.

CAPÍTULO XLVI Tantrismo branco

Autênticas doutrinas tântricas do *Kamasutra* de Vatsyayana e o Anangaranga de Kayanamalla complementam-se com o Vajroli-Yoga e o Pancatatwa.

O Kamasutra hindu legítimo nada tem a ver com certas edições espúrias ou apócrifas, adulteradas, que ostentando o mesmo título circulam por todos os países ocidentais.

Esta obra clássica da arte do amor hindu divide-se em sete partes: na primeira se expõe ao casal o impulso da vida e as artes e ciências que são de utilidade prática na Magia Sexual.

Só entram em consideração como Mestras das principiantes, aquelas mulheres que tenham praticado Magia Sexual com algum homem. A discípula deve possuir o conhecimento de sessenta e quatro artes básicas.

Entre outras coisas, depois do canto, música instrumental, dança, desenho, confecção de extrato de pétalas de flores, execução musical com vasos contendo água pura, mineralogia, ciência química, organização de brigas de galos, codornas, carneiros e técnica de todos os trabalhos literários, a aluna terá de aprender, obrigatoriamente, artes mágicas.

Além de saber preparar os diagramas e filtros amorosos de eficácia esotérica, deverá instruir-se em sábios sortilégios e mantras.

Na segunda parte do Kamasutra, o grande Mestre hindu Vatsyayana expõe, sabiamente, uma farta didática esotérica sobre a arte de amar, ocupando-se muito especialmente sobre algo extraordinário, qual a verdadeira divisão de tipos homens e mulheres segundo a divisão de seus órgãos genitais.

Inteligentemente apresenta três classes de homens que são designados segundo o seu Phalo como: lebre, touro e garanhão (animal grande do Hindustão).

Comparando com os varões, as mulheres também são classificadas segundo a constituição de seu Yoni (órgão sexual): gazela; égua e elefanta.

Esta diferenciação de ambos os sexos compõe-se, por sua vez, em nove combinações amorosas, fazendo-nos recordar a Nona Esfera:

1ª) Elevado gozo sexual: lebre com gazela; touro com égua; garanhão com elefanta.

2ª) Desiguais uniões sexuais: lebre com égua; lebre com elefante; touro com gazela; touro com elefanta; garanhão com égua; garanhão com gazela.

As nove possibilidades de união sexual se subdividem em três classes, segundo o tamanho dos órgãos sexuais: a proporção do mesmo tamanho, que sem dúvida é o melhor; a relação entre órgãos grandes com pequenos, no qual

é dos mais infelizes, o desfrute do prazer; todas as outras relações amorosas que podem simplesmente se classificar como regulares.

O eventual temperamento dos cônjuges, sem dúvida, desempenha um grande papel no ato sexual. Agrupam-se em três classes: frio, médio e ardente, de maneira que são possíveis os nove acoplamentos da Nona Esfera, a saber: frio com frio; médio com médio; ardente com ardente.

Desiguais uniões sexuais: frio com médio; frio com ardente; médio com frio; ardente com frio; ardente com médio.

A duração de um gozo sexual, ou seja, a possibilidade de uma longa permanência no mesmo, não se baseia, entre os hindus, por exemplo, em uma atividade sensual puramente animal, mas é considerado como questão vital que se expressa no ato executado como uma demonstração de cultura muito desenvolvida e muito bela. Um cônjuge que não se encontre realmente orientado sobre os mais íntimos fenômenos sexuais é considerado deficiente.

Segundo Rasamanjuri, todo homem no jogo do amor não reflexiona sobre o que se deve fazer ou deixar de fazer.

É evidente, também, que a duração do gozo sexual divide-se em três classes: rápida; média; e lenta. O segredo da felicidade de Deus consiste na relação dele consigo mesmo. Desta relação advém, de acordo com a lei das analogias ilosóficas, todo o vínculo cósmico, todo o enlace sexual. O gozo sexual é, pois, um direito legítimo do homem; a felicidade de Deus expressando-se através de nós.

Maomé disse: “O ato sexual é até agradável à religião, sempre que realizado com a invocação de Alá e com a própria mulher para a reprodução”.

O Alcorão diz: “Ouve, toma por mulher uma donzela a qual acaricies e te acaricie também. Não passes à penetração sem haver-te antes excitado pelas carícias”.

O Profeta sublinha: “Vossas esposas são para vós um labirinto. Ide a ele como vos aprouver, mas realizai antes algum ato devocional. Temei a Deus e não esqueçais de que um dia haveis de estar em sua presença!”

Segundo esta concepção, é ostentável que o delicioso ato sexual com a mulher adorável é uma forma de oração. Nesses instantes de suprema felicidade nos convertemos em colaboradores do Logos Criador; prosseguimos a tarefa radiante e a cada instante recreadora da manutenção do universo entre o seio misterioso da eterna Mãe-Espaço.

“Fazei como vosso criador, como um homem poderoso em obras e força, consciente do que faz e haveis de obter duplo gozo; um acréscimo de licor seminal e filhos são e fortes”.

Assim disse Maomé: “Dez graças concede Alá ao homem que outorga sua simpatia à mulher, com mãos acariciantes; vinte, se a pressiona de encontro ao seu coração; mas, se seu abraço amoroso é o autêntico, obtém de Deus trinta graças para cada beijo”.

Kalyanamalla enfatiza a idéia transcendental de que o cumprimento exato do código do amor é muito mais difícil do que o humanóide intelectual equivocadamente pensa.

Os gozos preparatórios são complicados. A arte deverá ser executada exatamente segundo os preceitos, para avivar a paixão da mulher, da mesma maneira que se aviva uma fogueira, para que seu Yoni torne-se mais brando, elástico e idôneo ao ato amoroso.

Um sábio autor disse: “O anangaranga concede grande importância a que ambos os cônjuges não deixem introduzir em sua vida íntima nenhuma inibição, fastio ou saciedade em suas relações, efetuando a consumação do amor com recolhimento e entrega total. A forma do ato sexual, isto é, a posição no mesmo, é denominada Asana. Pode-se diferenciar quatro modalidades: *uttana-danda*; *tiryac*; *upawishta*; *uthitta*.

O estudo esotérico destas quatro Asanas Tântricas é de complicado conteúdo, com objetivos exclusivamente pedagógicos. Limitar-nos-emos no presente livro a transcrever especificamente aquela posição sexual chamada *upawishta*. Porém, em futuros tratados, continuaremos estudando as outras Asanas.

Upawishta quer dizer posição sentada, na qual ocorrem doze subposturas:

- 1) A especialmente preferida: *padmasana*. O homem senta-se com as pernas cruzadas sobre a cama ou uma almofada, toma a mulher sobre suas pernas enquanto esta, com as suas mãos, envolve o corpo do varão de tal forma que seus dois pés façam contato sobre o cóccix masculino (assim, a mulher absorve o Phalo).
- 2) Sentados ambos, e durante o delicioso ato, a mulher levanta com uma das mãos uma de suas pernas.
- 3) Homem e mulher entrelaçam suas mãos sobre suas respectivas nuças.
- 4) Enquanto a mulher toma em suas mãos os pés do homem, este toma os da mulher.
- 5) O homem toma nos braços as pernas da mulher, deixa-as repousarem sobre o arco do cotovelo e entrelaça os braços atrás da nuca de sua parceira.
- 6) A postura da tartaruga: ambos sentam-se de maneira que se tocam mutuamente na boca, mãos e pernas.
- 7) Sentado, com as pernas afastadas, o homem penetra seu membro e exerce pressão entre a coxa da mulher com a sua coxa.
- 8) Uma postura somente executável por um homem muito forte e uma mulher muito ágil: o homem apóia a mulher com os cotovelos elevados, penetra seu membro e após oscila-a da direita à esquerda.
- 9) A mesma posição, somente que a pendulação ou oscilação da mulher se efetua para diante e para trás.

O *Upawishta* oriental é maravilhoso, porém, os gnósticos não são exclusivistas. É óbvio que no mundo ocidental muitos místicos preferem a seguinte Asana:

1) Mulher estendida de costas na cama, pernas afastadas (abertas para a direita e para a esquerda), almofada baixa ou sem ela.

2) Homem colocado sobre a mulher, metido entre suas pernas; rosto, tórax e ventre masculino fazendo contato direto com o corpo feminino.

3) Frente contra frente, peito contra peito, plexo contra plexo; todos os correspondentes centros astrais justapostos para permitirem um intercâmbio de correntes magnéticas e estabelecer assim um androginismo completo.

4) Introduza-se muito suavemente o membro viril na vagina, evitando-se ações violentas. O movimento do Phalo dentro do útero deve ser lento e delicado.

5) A união deverá durar pelo menos uma hora.

6) Retirar-se da mulher antes do espasmo para evitar a ejaculação do sêmen.

7) O Phalo deve ser retirado de dentro do útero muito delicadamente.

Pierre Huard Ming Wong, falando sobre medicina chinesa, disse: “O Taoísmo tem outras influências na medicina, como prova a leitura de uma recompilação dos tratados taoístas, o *Sing-Ming-Kuel-Chen*, do ano 1622, aproximadamente”.

Distinguem-se três regiões no corpo humano. A região superior inferior da cabeça. O chamado osso da almofada é o occipital.

“A almofada de Jade (Yu Chen) encontra-se na parte posterior inferior da cabeça. O chamado osso da almofada é o occipital (Chen-Ku)”.

“O palácio do Ni-Huan (termo derivado da palavra sânscrita Nirvana) encontra-se no cérebro, chamado também ‘mar da medula óssea’ (Suei-Hai), e é a origem das substâncias seminais”.

“A região média é a coluna vertebral, considerada não como um eixo funcional e sim como um conduto, unindo as cavidades cerebrais com os centros genitais, termina num ponto chamado de coluna celeste (Tienchu), situado detrás da nuca no ponto onde nascem os cabelos. Não devemos confundir este ponto com o que na acupuntura tem o mesmo nome”.

A região inferior compreende o campo de cinábrio (Tan-Tien). Nela se assenta a atividade genital representada pelos rins, o fogo do tigre (Yang à esquerda), e o fogo do dragão (Ying à direita)”.

“A união sexual está simbolizada por um casal; um homem jovem conduz o tigre branco e uma mulher jovem cavalga sobre o dragão verde. O chumbo (elemento masculino) e o mercúrio (elemento feminino) irão mesclar-se, enquanto estiverem unidos. Os jovens arrojam sua essência em uma caldeira de bronze, símbolo da atividade sexual”.

“Mas os líquidos genitais, particularmente o esperma (Tsing), não são eliminados, nem se perdem, a fim de que possam voltar ao cérebro pela coluna vertebral, graças a qual se recupera o curso da vida”.

“A base destas práticas sexuais taoístas é o ‘coitus reservatus’, no curso do qual o esperma que haja baixado do encéfalo até a região prostática (mas que não tenha sido ejaculado) retorna à sua origem; é o que se denomina fazer voltar a substância (Huan-Tsing)”.

Quaisquer que sejam as objeções que se formulem frente à realidade deste retorno, não é menos certo que os taoístas conceberam um domínio cerebral dos instintos elementais que mantinha o grau de excitação genésica por debaixo do umbral da ejaculação; deram assim ao ato sexual um estilo novo e uma realidade diferente à fecundação.

“As práticas sexuais desempenharam um grande papel no taoísmo. As práticas públicas e coletivas, assinaladas no século 2º, desapareceram no século 6º”.

“As práticas privadas continuaram tanto tempo que Tseng (século 12) lhes consagrou uma parte de seu ‘Tao Chu’ ”.

“Realmente tanto taoístas como Budistas observaram a continência (que tem sua base na Magia Sexual). Porém os primeiros a consideravam como uma forma de desprendimento que devia levá-los à libertação, enquanto os segundos (além do seu desejo de conseguir o Tao) mantinham-se castos para concentrar-se, conservar sua substância e terem longevidade”.

“É possível que, igualmente como sucedeu com seus exercícios respiratórios, os taoístas se inspiraram nos tratados tântricos hindus. Alguns foram traduzidos para o chinês na época dos T’Ang e conhecidos por Suen-Ss Eu Miao”.

“O Pao-P’u-Tseu contém uma seção intitulada “A Alcova” (dezoito capítulos), que foi impressa em 1066 e reimpressa em 1307, 1544 e 1604 por Kiao Che-King”.

Estas datas foram extraídas dos textos incluídos nos Anais do Suei por Tamba Yasuyori em seu Yi-Sin-Fang (982-984, impresso por Taki Genkin, morto em 1857).

“Em 1854 este compêndio médico de trinta capítulos, contendo os segredos de alcova, foi reeditado por Ye Tohuei (1864-1927) que reconstruiu os textos perdidos e, particularmente, o “Ars Amatoria”, do Mestre Tong-Hiuan”.

Um grande sábio disse: “Mediante a prática do Vajroli-Mudra o iogui faz afluir em si a Shakti, ou seja, a energia universal revelada, de maneira que já não será apenas partícipe, mas também seu Senhor”.

No Viparitakarani, diz-se: “Esta prática é a melhor, excelente, causadora da liberação para o iogue. Ela importa em saúde, outorgando-lhe a perfeição”.

Se desvendarmos o Vajroli Mudra, se rasgarmos o véu de Ísis, fica a verdade nua, a Magia Sexual, o Sahaja Maithuna.

A esotérica Viparitakarani ensina claramente como o iogue faz subir lentamente o sêmen mediante a concentração, de modo que o homem e a mulher, em plena cópula, podem alcançar o Vajroli.

Om! Obediente à deusa, semelhante a uma serpente adormecida no Swayambhulingam e maravilhosamente adornada, desfruta do amado e de outros arrebatamentos. Acha-se aprisionada pelo vinho e irradia com milhões de raios. Será despertada (durante a Magia Sexual), pelo ar e pelo fogo, com os mantras 'Yam e Dram' e pelo mantran 'Hum' ”.

Cantai estes mantras nesses preciosos momentos em que o Lingam Yoni encontram-se conectados no leito nupcial. Assim, despertareis Devi Kundalini, a serpente ígnea de nossos mágicos poderes.

CAPÍTULO XLVII

O terceiro ato

Mário Roso de Luna, o insigne escritor teosófico, comentando a terceira parte do Parsifal de Wagner, escreveu textualmente o seguinte:

“O terceiro ato desenrola-se novamente nos domínios do Graal.

É primavera. Uma campina alegre, cujos limites estendem-se desde as proximidades do bosque até as montanhas do Graal, mostra entre o arvoredo um manancial e, em frente a ele, junto às rochas, uma pobre choça de ermitão.

É a primeira hora da Sexta-Feira Santa. Gurnemanz, o ermitão envelhecido, trajado apenas com a velha túnica dos cavaleiros do Graal, sai da choça e escuta uns profundos gemidos, como de alguém que, em profundo sono, luta contra um pesadelo.

Dirige-se apressadamente para o sarçal de onde provêm os gemidos e encontra Kundry, fria e rígida, escondida não se sabe há quanto tempo, nos ásperos espinheiros do inverno – a triste noite moral do pecador – sem conhecer a chegada da primavera.

O ancião arrasta Kundry para fora e procura reanimá-la com o seu alento. Ela desperta, finalmente, lançando um grito. Veste-se de penitente. Sua tez é mais pálida.

Do rosto e dos modos desaparecera a crueldade intratável.

Contempla Gurnemanz, demoradamente, como quem evoca antigas lembranças; levanta-se e dirigindo-se à cabana do eremita dispõe-se à faina de servi-lo, como outrora o fizera com os santos cavaleiros.

Enche um cântaro com água da fonte e logo regressa à cabana, dispondo-se a trabalhar, como de costume, por gratidão ao último sobrevivente do Graal.

Enquanto isso, sai do bosque Parsifal, vestindo um traje negro com armadura fechada, viseira abaixada, lança inclinada e a cabeça curvada sob o peso de seus desencontrados pensamentos.

Gurnemanz aproxima-se, oferecendo-lhe auxílio. Parsifal não responde às atenções do asceta; mas este lhe recorda que é Sexta-Feira Santa, dia cuja santidade não deve ser escarnejada pelo uso de armas.

Parsifal levanta-se, arrojando ao solo suas armas, crava na terra a lança e diante dela cai de joelhos em estática oração.

Gurnemanz contempla-o, emocionado e assombrado, enquanto através de sinais chama Kundry. Nele, reconhece agora o matador do cisne de outrora, pecador que retorna, qual o homem, ao Santo Recinto ‘pelos caminhos da desolação e do desacerto, cem vezes amaldiçoado; por paragens sem senda e contendas inumeráveis’.

O ermitão informa-o sobre o estado de desgraça em que haviam caído os cavaleiros do Graal, todos dispersados ou mortos, menos ele, desde que Amfortas, já impotente para resistir à maldição de sua ferida, busca a morte, renunciando descobrir o sagrado Vaso para que Ele não continue prolongando-lhe a vida com o seu hálito imortal.

Parsifal, ante dor tamanha, cai desmaiado junto à fonte.

Gurnemanz sustenta-o, fazendo sentar-se na relva, e Kundry acode com uma vasilha de água para refrescar o rosto de Parsifal.

Não!, diz Gurnemanz. Seja a própria fonte sagrada o Vaso - o Yoni que ao peregrino restaure.

Prevejo que está chamado a realizar hoje uma obra sublime; a exercer uma missão divina. Seja, pois, limpo de toda mancha e lavado aqui das impurezas de sua longa peregrinação.

Ambos conduzem Parsifal até à beira de uma fonte.

Kundry desata-lhe as grevas (parte da armadura que recobre as pernas) e banha-lhe os pés, enquanto o ermitão despoja-o das velhas e negras vestiduras da dor e da luta, deixando-o apenas com a túnica branca do Neófito, que é a nova túnica da pureza, expurgado já de todo o velho fermento do pecado, como diria São Paulo!

Kundry unge os pés do predestinado, vertendo sobre eles o conteúdo de um frasquinho de ouro oculto em seu seio.

Qual nova Madalena, enxuga-lhe os pés com seus próprios cabelos.

Simultaneamente, Gurnemanz unge-lhe a cabeça como a um futuro Rei, batizando-lhe como ao Redentor do Graal e como a um sábio por compaixão.

O inefável idílico conhecido como “*Os Encantos da Sexta-Feira Santa*” ressoa triunfalmente pelo espaço, saudando gozoso o Redentor em meio à ventura estreita do monte e da floresta, onde tudo sorri ao aproximar-se o momento supremo da libertação.

Os sinos do Graal tornam a soar como outrora, chamando à santa cerimônia.

Gurnemanz reveste-se com a sua guardada almilha (cota de malhas usada sob a armadura) e manto de cavaleiro ao novo Rei, e com ele empreende a subida para o castelo, cujos esplendores, graças à sagrada lança sexual, não tardarão em retornar.

O ambiente da enorme Sala do Graal enche-se de cavaleiros e de escudeiros que de um lado conduzem a carruagem de Amfortas, e de outro o cadáver de Titurel, para receber a benção póstuma do Graal.

O filho dolorido, buscando apenas o descanso da morte, inconsciente, causara a morte de seu pai ao privá-lo da imortal contemplação do Vaso Regenerador.

Todos os cavaleiros exigem que Amfortas, pela última vez, cumpra o seu encargo.

Amfortas, pressentindo a aproximação da morte, resiste em retornar à vida, que o Graal descoberto lhe daria. Rasga indignado suas vestimentas, pedindo aos gritos a morte em tremendo paroxismo.

Todos afastam-se dele, surpreendidos.

Ao descobrir-se, Amfortas deixara visível a funesta ferida brotando sangue intensamente.

Parsifal, que tinha chegado a desprender-se do grupo, brande a lança, e tocando com sua ponta às costas de Amfortas, cura milagrosamente o ferimento.

Ergue triunfalmente a lança e todos em êxtase prosternam-se diante dela, enquanto Amfortas tira da arca a sagrada relíquia. Faz com que todo o ambiente se absorva com a glória do Graal, e Parsifal, elevado desde aquele momento à dignidade suprema, abençoa para todo o sempre com Ele a Santa Assembléia restaurada.

Titurel, regressando por um momento à vida, incorpora-se no féretro, ao passo que desde a cúpula, a branca pomba cerne-se sobre a cabeça do novo Rei! Do Rei sábio por compaixão! Vibram mais vigorosos os cânticos sagrados, e Kundry, a mulher-símbolo, cai exânime também redimida, ao solo, em meio da universal homenagem que os céus e a terra rendem gloriosamente ao herói vencedor das potestades do mal, tendo conseguido a Libertação mediante o esforço e o sacrifício.”

CAPÍTULO XLVIII

O sinal de Jonas

“Esta geração malvada e adúltera pede sinais, mas sinal não lhe será dado, senão o do Profeta Jonas. Assim como Jonas esteve no ventre da baleia por três dias e três noites, assim estará o Filho do Homem na terra, três dias e três noites.” (Mateus, 12: 39-40)

Este belo relato, algo confuso do livro maravilhoso de Jonas, tem como base esotérica uma cerimônia simbólica antiqüíssima que consistia em deixar o iniciado durante três dias e três noites entre o mistério indescritível de uma caverna ou gruta semelhante em sua forma a um peixe.

Contam velhas tradições, que se perdem na noite aterradora dos séculos, que durante este intervalo, enquanto o corpo do iniciado jazia como um cadáver dentro do sarcófago, sua alma ausente da humana forma densa, experimentava diretamente nos mundos superiores o ritual da vida e da morte.

Tanto a água elemental quanto a perfumada terra, elementos sem dúvida passivos ou, simplesmente, negativos, representam a purificação preliminar e a base séria de todo o processo regenerativo após tornar-se efetivo por meio dos elementos superiores e ativos, o ar e o fogo respectivamente, símbolos do espírito e da grande realidade.

A forma extraordinária e maravilhosa do velho ataúde de Osíris chama atenção pela sua semelhança e significado esotérico com outro peixe, representado, magnificamente, pelo alfabeto semita na letra Samek, que ocupa o décimo quinto lugar cabalístico, a qual simboliza no princípio a famosa constelação da Baleia, sob cuja regência devemos realizar todos os trabalhos da Nona Esfera.

O quinze cabalístico do Tifon Bafometo – o Diabo –, a paixão animal, representativo da citada constelação, convida-nos a compreender o que é o trabalho na Nona Esfera (o sexo).

O iniciado que derrame o vaso de Hermes será fulminado pelo Arcano dezesseis da constelação de Áries; cairá desde o cimo da torre sob o raio da Justiça Cósmica como a pentalfa invertida, com a cabeça para baixo e as duas pernas para cima.

Se adicionarmos cabalisticamente as duas cifras do 15 teremos o seguinte resultado: $1 + 5 = 6$.

Seis, no Tarô, é o Arcano dos Enamorados; o homem entre a virtude e a paixão. Aprendei a polarizar-vos sabiamente com o Arcano Seis e haveis vencido o espantoso 15 da constelação da Baleia.

Recordai, amado leitor, que no centro do peito tens um ponto magnético muito especial que capta as ondas de luz e de glória que vêm de tua alma humana.

Ela é Tipheret, o Arcano seis do Tarô. Escutai-a. Obedecei às ordens dela emanadas. Atuai de acordo com esses impulsos íntimos; trabalhai na Forja dos Ciclopes quando ela assim o quiser. Se aprenderes a obedecê-la, não perecereis dentro do ventre da baleia.

Veja! Tens-te tornado um peixe trabalhando nas águas caóticas do primeiro instante. Agora compreenderás o porquê do ataúde de Osíris ter a forma de um peixe.

Os sete dias, ou períodos genesíacos de Moisés, sintetizam-se nesses três dias e três noites de Jonas dentro do ventre da baleia, cerimônia iniciática repetida pelo Grande Cabir Jesus dentro do Santo Sepulcro.

Algumas pessoas mal informadas supõem, equivocadamente, que a simples cerimônia iniciática simbólica do magno sepulcro com seus três dias, mais a catalepsia do corpo físico, seja tudo.

Ignoram, infelizmente, essas boas pessoas, que a simples cerimônia é tão só um símbolo, ou uma alegoria de algo imenso e terrível que se projeta no ignoto.

Jonas, o profeta, trabalhando sob a regência da constelação da Baleia, mergulhado no profundo poço do universo da Nona Esfera (o sexo), realiza seu trabalho em três dias ou períodos mais ou menos longos:

- Fabrica o traje de bodas da alma e estabelece dentro de si próprio um centro permanente de consciência.

- Elimina radicalmente os três traidores do Cristo íntimo e reduz à poeira cósmica o dragão das trevas e as bestas secundárias (trabalho sublunar).

- Continua morrendo nas esferas superiores de Mercúrio, Vênus, Sol, Marte, Júpiter, Saturno.

O primeiro período de tempo do qual falava o Grande Cabir Jesus ao rabino Nicodemus conclui-se no “segundo nascimento”.

O segundo período finaliza-se com as bodas maravilhosas. Nada menos que os esponsais da alma humana com Ginebra, a rainha dos Jinas. Quanto às mulheres, diremos que se casam com o Bem Amado eterno.

O terceiro período conclui-se magistralmente com a ressurreição do Cristo Secreto dentro de nosso próprio coração.

Os textos esoteristas hindus mencionam constantemente a famosa Trimurti: Atman - Budhi-Manas (isto é, o Íntimo com as suas duas almas: Budhi e Manas, respectivamente).

Dessa trimurti somente uma insignificante fração do terceiro aspecto está encarnada no humanóide intelectual equivocadamente chamado homem.

Esta fração denomina-se “Essência”. No zen japonês é conhecida como “o Budata”.

A Essência jaz em sonhos, dentro desse bizarro conjunto de entidades submersas, tenebrosas, que constituem o Ego, o Mim mesmo, o Si mesmo.

Porém, a Essência é a matéria-prima para a fabricação da alma; conceito este que infelizmente não tem sido muito bem entendido por nossos estudantes gnósticos.

O Tao chinês ensina claramente que a Essência engarrafada dentro de todo este aglomerado de Eus-Diabólicos que constituem o Ego, tem que passar na Nona Esfera por incessantes transformações alquímicas antes de converter-se na “Pérola Seminal”.

O refluxo maravilhoso da energia sexual em forma de torvelinho luminoso como quando um raio de luz regressa ao chocar-se contra um muro, vem a cristalizar-se dentro de nós na “Flor Áurea”, a qual, como é sabido, estabelece dentro do neófito um centro permanente de consciência.

A “Pérola Seminal”, desenvolvendo-se mediante a Magia Sexual e o trabalho formidável com a lança de Longinus, há de passar por indescritíveis amarguras antes de converter-se no “embrião áureo” (na flor áurea).

O segundo nascimento é um evento cósmico extraordinário, maravilhoso, quando encarnamos o terceiro aspecto da Trimurti: Atman-Budhi-Manas. A humana alma (o Manas superior dos hindus) entra no embrião áureo. A partir deste instante, dizemos que somos homens com alma, indivíduos sagrados, pessoas verdadeiramente responsáveis no mais completo sentido da palavra.

O “embrião áureo”, vestido com o traje de bodas da alma, experimenta em verdade um gozo supremo no instante em que se funde com a alma humana.

No embrião áureo encontram-se resumidas todas as experiências da vida e por isto é ostensível que origina transformações profundas nos princípios neumáticos imortais do homem. Assim é como os convertemos em Adeptos da Fraternidade Branca.

O matrimônio com Ginebra, a divina amazona, é outro evento de maravilhas que marca o final apoteótico do segundo grande dia ou período de tempo. Experimentamos então outra transformação radical porque dentro do Budhi, como dentro de um vaso de alabastro fino e transparente, arde a chama de Prajña.

Porém, a transformação superior somente é possível com a ressurreição do Cristo íntimo no coração do homem. Esta é fase culminante do terceiro período.

O instante formidável em que a brilhante constelação da Baleia vomita Jonas, o profeta, nas praias de Nínive; o momento supremo em que ressuscita Jesus, o Grande Cabir; o segundo extraordinário do triunfo de Parsifal no templo resplandecente do Santo Graal.

CAPÍTULO XLIX

A partitura de Parsifal

Mário Roso de Luna, o grande sábio espanhol, escreveu:

A partitura de Parsifal – disse Rogélio Villar – assombra geralmente por sua grandeza, majestade, inspiração e beleza de sua apresentação, pureza de suas linhas melódica e harmônica, colorido e matiz de sua instrumentação sábia, doce e suave, grandiosa e solene.

Marca o final da evolução iniciada com Tannhauser e Lohengrin, em cujas inspiradas obras encontram-se traçadas suas teorias sobre o drama lírico, chegando ao seu clímax na belíssima partitura do Parsifal.

Os trechos melódicos fragmentados (leitmotivs) que se ouviram no transcurso do drama de Wagner nas diferentes situações, são de grande potência expresShiva, em relação com o caráter do poema, sempre subordinados ao espírito da frase literária.

O prelúdio e a consagração do Santo Graal (Ceia dos Apóstolos), página magnífica e de intensa emoção no primeiro ato; o prelúdio e o jardim encantado de Klingsor (cena voluptuosa das flores), e o dramático dueto da sedução entre Kundry e Parsifal no segundo; o breve e melancólico prelúdio, a comovedora cena do batismo (um dos momentos mais emocionantes do Parsifal) e os encantos da Sexta-Feira Santa, páginas de sublime beleza. No terceiro, o mais encantador e poético pelas suas delicadezas e por sua orquestração rica e exuberante, como todas as situações salientes da ópera, repletas de encantadora poesia e ternura, delicadas ou doces, sombrias ou téticas, sempre caracterizadas com o poema.

Outros fragmentos episódicos interessantes pelo sabor orquestral de caráter descritivo são: a oração matinal de Gurnemanz; a saída de Kundry; o cortejo do Rei, de muita visualidade, assim como a fala de Gurnemanz à sombra de uma árvore secular, quando narra aos seus escudeiros a origem da ordem do Graal, Kundry, as dores de Amfortas e o malefício de Klingsor.

Sobressai-se, também, no segundo ato, toda a sinistra cena do mago infernal, na qual se vale de suas astúcias para que Kundry, a Eva da mitologia hebraica, seduza Parsifal. No terceiro, a desoladora cena de Amfortas, de profunda emoção e a marcha fúnebre.

Existe na partitura do Parsifal fragmentos sinfônicos de uma imponderável beleza, sonoridades deliciosas impregnadas, fusionadas com uma arte tão nova, tão adequada ao meio em que se desenvolve a ação, ao caráter da paisagem, imagens poético-musicais tão expressivas, e verdadeiros acertos de interpretação da lenda do Santo Graal, que subjugam.

Entremeados com uma arte sem precedentes, ouvem-se orquestrados os temas da Ceia, Titurel (Ordem do Graal), Kundry, Amfortas, Parsifal, que simbolizam a fé, a compaixão, a humildade, a melancolia, o amor, a resignação, o cisne, a lança e outros, cuja significação é necessário conhecer para que se desfrute completamente a concepção wagneriana em toda a sua magnitude e grandeza. Amfortas simboliza o remorso; Titurel, a voz do passado; Klingsor, o pecado (o Eu); Parsifal simboliza a redenção; Gurnemanz (o guru), a tradição; e Kundry, a sedução.

Paz Inverencial!